



## CURSO BÁSICO DE ESPIRITISMO – 2º Ano

### 25ª. Edição – Fevereiro/2016

Este curso tem como objetivo geral levar o aluno a uma assimilação do conteúdo doutrinário fundamental, assim como induzi-lo à autorreflexão, ao conhecimento de si mesmo, de suas potencialidades, e consequentemente modificação de sua conduta interior perante o mundo e a vida em sociedade.

Quanto ao conteúdo programático, o curso em questão é constituído de vinte e quatro lições, contendo a essência de O Livro dos Espíritos, abordado de forma sucinta e didática. Todas as lições são compostas de duas partes, sendo a primeira doutrinária, relativas ao conteúdo de O Livro dos Espíritos, e outra abordando sempre O Evangelho Segundo o Espiritismo.

Importa ainda considerar que esta obra não tem a pretensão de esgotar o conteúdo da Codificação, mas consiste em textos base, explanados de forma didática e acessível.

Nossos livros consistem em texto base, explanados de forma clara a permitir ao aluno uma visão metodológica do todo. Sob esse aspecto caberá ao expositor desenvolver, completar, aprofundar esses textos de forma precisa e objetiva.

Em O Livro dos Espíritos, pergunta 647, questiona-se se toda a lei de Deus está encerrada na máxima do amor ao próximo, ao que respondem os Espíritos: “Certamente, essa máxima encerra todos os deveres dos homens entre si; mas é necessário sempre mostrar-lhes a aplicação, pois do contrário podem negligenciá-la, como o fazem hoje”. Neste sentido, a educação espírita, em concordância com a pedagogia ativa, é uma proposta de educação projetada para o futuro, portanto dinâmica, centrada no sujeito, na vida, em oposição à tradicional escola passiva.

### Conteúdo

|   |    |
|---|----|
| Apresentação  | 11 |
| 1ª Aula - NÃO VIM DESTRUIR A LEI  | 12 |
| A) A Lei: Moisés e Cristo .....   | 12 |
| ESE - Cap. I, itens 1 a 4   |    |
| B) Aliança da Ciência com a Religião — A Nova Era .....                     | 13 |
| A Nova Era: ESE, Cap. I, itens 8,9 e 10                                     |    |
| C) Sócrates e Platão - Precusores da Doutrina Cristã e do Espiritismo ..... | 13 |
| ESE, Introdução, Cap. IV  |    |
| Bibliografia complementar:  |    |
| Leis Morais da Vida - Psicografia de Divaldo P. Franco;                     |    |
| Leis Morais - Rodolfo Calligaris  |    |
| Visão Espírita da Bíblia - J. Herculano Pires                               |    |
| Rumos Para Uma Nova Sociedade - Autores Diversos                            |    |
| 2ª Aula – A LEI DIVINA OU NATURAL   | 15 |
| A) Caracteres, Divisão e Conhecimento da Lei Natural .....                  | 15 |
| LE, pergs. 614 a 628,647 e 648  |    |
| B) O Bem e o Mal .....  | 16 |
| LE, pergs. 629 a 646  |    |

C) O Orgulho e a Humildade..... 17  
 ESE, Cap. VII, itens 7 a 12  
 Bibliografia complementar:  
 Opinião Espirita - Espíritos: Emmanuel e André Luiz - n.º 21 e 23 Leis Morais - Rodolfo Calligaris - pág. 9 a 13,34 e 35  
 Herculano Pires, O Homem no Mundo - Heloísa Pires - pág. 121 Religião dos Espíritos - Espírito: Emmanuel - pág.  
 213,233 e 241 Estude e Viva - Espírito: Emmanuel - n.º 18 e 20  
 O Espírito da Verdade - Espíritos diversos - n.º 36

3ª Aula - LEI DE ADORAÇÃO 19

A) Finalidade da Adoração - Adoração Exterior - Vida Contemplativa ..... 19  
 LE, perg. 649 a 657  
 B) Da Prece - Politeísmo - Sacrifícios da Prece ..... 20  
 LE, perg. 658 a 673

C) A Parábola da Figueira Seca ..... 21  
 ESE, Cap. XIX, itens 8,9 e 10  
 Bibliografia complementar:  
 As Parábolas - José de Sousa e Almeida - Ed. FEESP, 1995  
 Parábolas Evangélicas - Rodolfo Calligaris,- FEB, 5.ªEd., 1991  
 Parábolas e Ensinos de Jesus - Caibar Schutel - O Clarim, 13.ª Ed., 1993  
 Leis Morais - Rodolfo Calligaris - pág. 46 a 57 Herculano Pires,  
 O Homem no Mundo -Heloísa Pires-pág. 129  
 Religião dos Espíritos-Espírito: Emmanuel - pág. 83 a 97 e 183  
 O Pensamento de Emmanuel - Martins Peralva - n.º 24 e 25  
 Crônicas Evangélicas - Paulo Alves Godoy - "As figueiras"  
 Livro da Esperança - Espírito: Emmanuel -n.º64  
 As Maravilhosas Parábolas de Jesus - Paulo Alves Godoy - pág. 97

4ª Aula - LEI DO TRABALHO 23

A) Necessidade do Trabalho ..... 23  
 LE, 674 a 681  
 B) Limite Do Trabalho - Repouso ..... 24  
 LE,682a685-a

C) Cuidar do Corpo e do Espírito ..... 24  
 ESE, Cap. XVII, item 11  
 Bibliografia complementar:  
 Leis Morais - Rodolfo Calligaris - pág. 58 a 59  
 Leis Morais da Vida - Psicografia de Divaldo P. Franco, Cap. III  
 Religião dos Espíritos - Espírito: Emmanuel - pág. 253  
 O Pensamento de Emmanuel - Martins Peralva - n.º 26  
 Crônicas Evangélicas - Paulo Alves Godoy  
 Pensamento e Vida - Espírito: Emmanuel - n.º 7  
 Estude e Viva - Espírito: Emmanuel - n.º 26  
 Herculano Pires, O Homem no Mundo - Heloísa Pires - pág. 125

5ª Aula - LEI DE REPRODUÇÃO 25

|   |        |
|---|--------|
| A) População do Globo - Sucessão e Aperfeiçoamento das Raças - Obstáculos à Reprodução..... | 25     |
| LE, 686 a 694   |        |
| B) Casamento e Celibato – Poligamia.....  | 26     |
| LE, 695 a 701   |        |
| C) Indissolubilidade do Casamento - Divórcio Indissolubilidade Do Casamento .....           | 27     |
| ESE, Cap. XXII, itens 1 a 5   |        |
| Bibliografia complementar:  |        |
| Leis Morais - Rodolfo Calligaris - pág. 70 a 80   |        |
| Herculano Pires, o Homem no Mundo - Heloísa Pires - pág. 137                                |        |
| O Pensamento de Emmanuel - Martins Peralva * n.º 27   |        |
| Evolução em Dois Mundos - André Luiz, 2.ª parte, Cap. VIII e IX                             |        |
| Vida e Sexo - Emmanuel - n.º 7 a 9 e 19 a 23  |        |
| <br>6ª Aula - LEI DE CONSERVAÇÃO  | <br>29 |
| A) Instinto de Conservação - Meios de Conservação .....                                     | 29     |
| LE, 702 a 710   |        |
| B) Necessário e Supérfluo - Privações Voluntárias - Mortificações.....                      | 30     |
| LE, 715 a 727   |        |
| C) Provas Voluntárias — Verdadeiro Cilício .....  | 31     |
| ESE, cap. V, item 26 Bibliografia complementar:   |        |
| Estude e Viva - Emmanuel - n.º 7 e 36'  |        |
| O Pensamento de Emmanuel - Martins Peralva - n.º 28   |        |
| Leis Morais - Rodolfo Calligaris  |        |
| Herculano Pires, O Homem no Mundo - Heloísa Pires - pág. 141                                |        |
| Religião dos Espíritos - Emmanuel - pág. 19,31,37, 63e239                                   |        |
| Pensamento e Vida - Emmanuel - n.º 15   |        |
| Livro da Esperança - Emmanuel - n.º 10 e 12   |        |
| Opinião Espírita - Emmanuel e André Luiz - n.º 44   |        |
| <br>7ª Aula - LEI DE DESTRUIÇÃO   | <br>33 |
| A) Destruição Necessária e Abusiva – Flagelos Destruidores.....                             | 33     |
| LE, 728 a 741   |        |
| B) Guerras - Assassínio - Crueldade - Pena de Morte.....                                    | 34     |
| LE, 742 a 756 e 760 a 765   |        |
| C) Não Vim Trazer a Paz, Porém a Divisão .....  | 36     |
| ESE, Cap. XXIII, itens 9 a 18   |        |
| Bibliografia complementar:  |        |
| Religião dos Espíritos - Emmanuel -pág. 101 e 125   |        |
| Leis Morais - Rodolfo Calligaris- pág. 90 a 97,103 a 106                                    |        |
| Herculano Pires, O Homem no Mundo - Heloísa Pires - pág. 143                                |        |
| Cartas e Crônicas - Humberto de Campos - n.º 21   |        |
| Os Padrões Evangélicos - Paulo Alves Godoy  |        |

A) Necessidade da Vida Social - Vida de Isolamento - Voto de Silêncio Necessidade da Vida Social ..... 38  
 LE, 766 a 772

B) Laços de Família ..... 39  
 LE, 773 a 775

C) Piedade Filial ..... 39

ESE, Cap. XIV, item 3 Bibliografia complementar:  
 Estude e Viva - Emmanuel - n.º 9  
 Religião dos Espíritos - Emmanuel - pág. 117  
 Pensamento e Vida - Emmanuel - n.º 18  
 Leis Morais - Rodolfo Calligaris - pág. 107 a 118  
 Herculano Pires, o Homem no Mundo - Heloísa Pires - pág. 135  
 Vida e Sexo - Emmanuel - n.º 18  
 O Espírito da Verdade - Espíritos diversos - n.º 27

9ª Aula - LEI DO PROGRESSO ..... 40

A) Estado Natural - Marcha Do Progresso ..... 40  
 LE, 776 a 785

B) Povos Degenerados - Civilização ..... 41  
 LE, 786 a 789

C) Ajuda-te que o Céu te Ajudará ..... 42

ESE, Cap. XXV, itens 1 a 5  
 Bibliografia complementar:  
 Estude e Viva - Emmanuel - n.ºs. 12,15,24,37,39 e 40  
 Leis Morais - Rodolfo Calligaris - pág. 119 a 135  
 O Pensamento de Emmanuel - Martins Peralva - n.º 29  
 Religião dos Espíritos - Emmanuel - pág. 45,75,93,161 e 187  
 Opinião Espírita - Emmanuel e André Luiz - n.º 10  
 Livro da Esperança - Emmanuel - n.º 82  
 O Espírito da Verdade - Espíritos diversos - n.º44,52, 95 e 103

10ª Aula - LEI DO PROGRESSO ..... 43

A) Progresso da Legislação Humana ..... 43  
 LE, 794 a 797

B) Influência do Espiritismo no Progresso ..... 43  
 LE, 798 a 802

C) Dai a César o que é de César ..... 44

ESE, Cap. XI, item 5,6 e 7  
 Bibliografia complementar:  
 Estude e Viva -Emmanuel -n.º 12,15,24,37,39 e 40  
 Leis Morais - Rodolfo Calligaris-pág. 119a 135  
 O Pensamento de Emmanuel - Martins Peralva - n.º 29  
 Religião dos Espíritos - Emmanuel -pág. 45,75,93,161 e 187  
 Opinião Espírita • Emmanuel e André Luiz - n.º 10  
 Livro da Esperança - Emmanuel - n.º 82  
 O Espírito da Verdade - Espíritos diversos - n.º 44,52, 95 e 103

|  |    |
|--|----|
| 11ª Aula - LEI DE IGUALDADE  | 45 |
| A) Igualdade Natural – Desigualdade das Aptidões - Desigualdades Sociais .....                                   | 45 |
| LE, 803 a 807  |    |
| B) Desigualdades das Riquezas — Provas da Riqueza e da Miséria .....   | 46 |
| LE, 808 a 816 - ESE, Cap. XVI, itens 8 a 11  |    |
| C) Igualdade dos Direitos do Homem e da Mulher — Igualdade Perante o Túmulo .....                                | 46 |
| LE, 817 a 824  |    |
| Bibliografia complementar:   |    |
| Estude e Viva - Emmanuel - n.º 10  |    |
| Religião dos Espíritos - Emmanuel - pág. 27, 51,65 e 217   |    |
| Leis Morais - Rodolfo Calligaris - pág. 136 a 147  |    |
| Herculano Pires, o Homem no Mundo - Heloisa Pires - pág. 131 O Pensamento de Emmanuel - Martins Peralva - n.º 30 |    |
| Livro da Esperança - Emmanuel - n.º 43   |    |
| <br>   |    |
| 12ª Aula - LEI DE LIBERDADE  | 48 |
| A) Liberdade Natural - Escravidão - Liberdade de Pensamento e de Consciência .....                               | 48 |
| LE, 825 a 842  |    |
| B) Livre-Arbítrio e Fatalidade .....   | 49 |
| LE, 843 a 867  |    |
| C) Conhecimento do Futuro .....  | 51 |
| LE, 868 a 872  |    |
| Bibliografia complementar:   |    |
| Estude e Viva - Emmanuel - n.º 9 a 14  |    |
| Encontro marcado - Emmanuel - n.º 6 e 53   |    |
| O Pensamento de Emmanuel - Martins Peralva - n.º 31 e 32   |    |
| Religião dos Espíritos - Emmanuel - pág. 227   |    |
| Leis Morais-Rodolfo Calligaris - pág. 148 a 155  |    |
| Emmanuel - Emmanuel - cap. 33  |    |
| Opinião Espírita - Emmanuel e André Luiz - n.º 7 e 27  |    |
| O Espírito da Verdade - Espíritos diversos - n.º 34  |    |
| O Consolador - Emmanuel -n.º 132 a 139 A Gênese - Cap. XVI   |    |
| <br>   |    |
| 13ª Aula - LEI DE JUSTIÇA, AMOR E CARIDADE   | 52 |
| A) Justiça E Direito Natural - Direito Da Propriedade - Roubo .....  | 52 |
| LE, 873 a 885  |    |
| B) Caridade e Amor ao Próximo — Amor Maternal e Filial .....   | 53 |
| LE, 886 a 892  |    |
| C) Necessidade da Caridade Segundo o Apóstolo Paulo .....  | 54 |
| A) ESE, Cap. XV, itens 6 a 10 Bibliografia complementar:   |    |
| Estude e Viva - Emmanuel - n.ºs. 19,21,25,32 e 33  |    |
| Religião dos Espíritos-Emmanuel - n.º 15,39 e 207  |    |
| Leis Morais - Rodolfo Calligaris - pág. 169 a 173  |    |



O Pensamento de Emmanuel - Martins Peralva - n.º 33  
 Encontro Marcado - Emmanuel - n.º 34 e 35  
 O Consolador - Emmanuel -n.º189a191  
 Opinião Espírita - Emmanuel e André Luiz - n.º 9 e 28  
 O Espírito da Verdade - Espíritos diversos - n.º 91

14ª. Aula - PERFEIÇÃO MORAL 55

    A) As Virtudes e os Vícios - Das Paixões - Do Egoísmo ..... 55  
 LE, 893 a 917

    B) Caracteres do Homem de Bem - Conhecimento de Si Mesmo ..... 57  
 LE, 918 a 919a

    C) Sede Perfeitos ..... 58

ESE, Cap. XVII, itens 1 a 4 Bibliografia complementar:  
 Religião dosEspíritos-Enunaniel-n.º33,41,53,81 e243  
 Conduta Espírita - André Luiz - n.º 15  
 Estude e Viva-Emmanuel-n.º 13e 16  
 Leis Morais - Rodolfo Calligaris - pág. 187 a 195  
 Livro da Esperança - Emmanuel - n.º 48, 49 e 50  
 Opinião Espírita - Emmanuel e André Luiz - n.º 1,11 e 13  
 O Espírito da Verdade - Espíritos diversos - n.º 76

15ª Aula - PENAS E GOZOS TERRENOS I 59

    A) Felicidade e Infelicidade Relativas ..... 59  
 LE, 920 a 933

    B) Perda de Entes Queridos..... 61  
 LE, 934 a 936

    C) Os Tormentos Voluntários — A Infelicidade Real ..... 62

ESE, Cap. V, itens 23 e 24  
 Bibliografia complementar:  
 Religião dos Espiritos-Emmanuel-n.º23,103,153 e249  
 Estude e Viva - Emmanuel - n.º 8  
 Opinião Espírita - Emmanuel e André Luiz - n.º 40  
 O Pensamento de Emmanuel - Martins Peralva - n.º 34

16ª Aula - PENAS E GOZOS TERRENOS - II 63

    A) Decepções - Ingratidão - Quebra de Afeições - Uniões Antipáticas..... 63  
 LE, 937 a 940a

    B) Preocupação com a Morte - Desgosto Pela Vida - Suicídio ..... 64  
 LE, 941 a 957

    C) A Felicidade Não é Deste Mundo..... 65

ESE, Cap. V, item 20  
 Bibliografia complementar:  
 Religião dos Espíritos - Emmanuel - n 0 47,79,119 e 205

Estude e Viva - Emmanuel - n.º 17,22,28 e 30 Vida e Sexo - n.º 13

O Pensamento de Emmanuel - Martins Peralva - n.º 35 e 36

|   |    |
|---|----|
| 17ª Aula - PENAS E GOZOS FUTUROS - I  | 66 |
| A) O Nada - A Vida Futura - Intuição das Penas e dos Gozos Futuros .....                          | 66 |
| LE, 958 a 962   |    |
| B) Intervenção de Deus nas Penas e nas Recompensas - Natureza das Penas e dos Gozos Futuros ..... | 67 |
| LE, 963 a 982   |    |
| C) A Vida Futura - O Ponto de Vista .....   | 68 |
| ESE., Cap. II, itens 1 a 3 e 5 a 7  |    |
| Bibliografia complementar:  |    |
| Justiça Divina - Emmanuel - pág. 107  |    |
| O Céu e o Inferno, cap. I e VII   |    |
| O Espírito da Verdade-Espíritos diversos - n.º 25   |    |
| 18ª Aula - PENAS E GOZOS FUTUROS II   | 70 |
| A) Penas Temporais - Expição e Arrependimento .....   | 70 |
| LE, 983 a 1002  |    |
| B) Duração das Penas Futuras .....  | 71 |
| LE, 1003 a 1009   |    |
| C) Bem e Mal Sofrer .....   | 72 |
| ESE, Cap. V, item 18  |    |
| Bibliografia complementar:  |    |
| O Céu e o Inferno, Cap. VII   |    |
| O Espírito da Verdade - Espíritos diversos - n.º 68   |    |
| O Pensamento de Emmanuel - Martins Peralva - n.º 37 a 40  |    |
| Estude e Viva - Emmanuel - n.º 11   |    |
| 19ª Aula - PENAS E GOZOS FUTUROS III  | 73 |
| A) Ressurreição da Carne .....  | 73 |
| LE, 1010 e 1010a  |    |
| B) Paraíso – Inferno - Purgatório - Paraíso Perdido.....  | 74 |
| LE, 1011 a 1019   |    |
| C) Parábola do Festim das Bodas .....   | 76 |
| ESE, Cap. XVIII, itens 1 e 2  |    |
| Bibliografia complementar:  |    |
| O Céu e o Inferno, Cap. III a V   |    |
| Religião dos Espíritos - Emmanuel - n.º 71 a 251  |    |
| Justiça Divina-Emmanuel-pág. 65,131,135,143 e 179   |    |
| O Espírito da Verdade- Espíritos diversos - n.º 98  |    |
| Roteiro - Emmanuel - n.º 6  |    |
| As Parábolas - José de Sousa e Almeida - Edições FEESP, 1995                                      |    |
| O Evangelho pede Licença - Paulo Alves Godoy - cap. IV  |    |



Parábolas e Ensinos de Jesus - Caibar Schutel  
 Jesus perante a Cristandade - Bittencourt Sampaio

20ª Aula - ALLAN KARDEC E A CODIFICAÇÃO ESPÍRITA 77

A) Síntese do Momento Cultural na Europa, à Época da Codificação ..... 77

A Caminho da Luz-Emmanuel, cap. XXII e XXIII  
 Emmanuel - Emmanuel, XXXV

B) O Espiritismo é o Consolador ..... 79

ESE, Cap. VI, itens 3 a 8

Bibliografia complementar:

Obras Póstumas - FEESP, Allan Kardec  
 Grandes Espíritas do Brasil - Wantuil, Zêus  
 Allan Kardec - Vol. II - Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, FEB  
 A Gênese, Cap. I e XVII - Allan Kardec  
 Os Padrões Evangélicos - Paulo Alves Godoy “O Consolador”  
 O Espírito da Verdade-Espíritos diversos - n.º 22  
 Evolução em Dois Mundos - André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, FEB

21ª Aula - APRESENTAÇÃO SUMÁRIA DOS LIVROS 81

A) O Livro dos Espíritos — A "Conclusão" ..... 81

B) A Gênese, Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo ..... 84

C) Obras Póstumas e Revista Espírita ..... 86

Bibliografia complementar:

A Gênese, Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo  
 O Evangelho Segundo o Espiritismo  
 Obras Póstumas  
 Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos - índice Geral Remissivo  
 Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos -1 Ano - 1858 - “Apresentação”

22ª Aula – O PRINCÍPIO INTELIGENTE 88

LE, Livro 1,º Cap. III, item 1; LE, questões 1,4, 17,22,27,79,540 e 585

Bibliografia complementar:

Curso Dinâmico de Espiritismo - Cap. II - Herculano Pires  
 Agonia das Religiões - Cap. 3 e 7 - Herculano Pires  
 Filosofia Espírita e Seus Temas - II - págs. 24 a 39 -Prof. São Marcos  
 O Problema do Ser, do Destino e da Dor - pág. 123 - Leon Denis

23ª Aula - GRANDES VULTOS DO ESPIRITISMO 91

A) O Espiritismo Na Europa ..... 91

Sir William Crookes, Camille Flammarion, Léon Denis, Gabriel Delaime, Ernesto Bozzano.

B) O Espiritismo No Brasil ..... 93

Antônio Gonçalves da Silva (Batuíra), Anália Ernília Franco, Eurípedes Barsanulfo, Caibar de Souza Schutel, Pedro de Camargo (Vinícius), José Herculano Pires, Francisco Cândido Xavier.

Bibliografia

Grandes Espíritos do Brasil - Zêus Wantuil, FEB

Grandes Vultos do Espiritismo - Paulo Alves Godoy, Ed. FEESP

Personagens do Espiritismo - Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy,  
Ed. FEESP

|  |    |
|--|----|
| 24ª Aula – HOMENAGEM A SR. BEZERRA DE MENEZES E ALLAN KARDEC | 96 |
| A) Dr. Bezerra de Menezes .....                              | 96 |
| Lindos Casos do Dr. Bezerra de Menezes - Ramiro Gama         |    |
| B) Allan Kardec — "O Céu e o Inferno" .....                  | 98 |
| O Céu e o Inferno - Allan Kardec                             |    |
| Bibliografia complementar:                                   |    |
| Bezerra de Menezes - Canuto Abreu                            |    |

## Apresentação

Em virtude da quantidade cada vez maior de alunos, interessados nas mensagens que consolam e esclarecem da Doutrina do Cristianismo Redivivo, toma-se oportuno uma revisão dos textos didáticos, no sentido de adaptá-los a uma pedagogia adequada aos novos tempos.

Se o objetivo da Educação é a libertação total dos educandos, o alcance deste fim deve levar em conta as situações e o horizonte cultural dos mesmos.

Este trabalho tem como objetivo geral, levar o aluno a uma assimilação do conteúdo doutrinário. Para tanto, buscou-se a fidelidade devida aos textos da Codificação, assim como, induzi-lo ao conhecimento de si mesmo, de suas potencialidades e conseqüente modificação de sua conduta interior perante o mundo e a vida em sociedade.

Quanto ao conteúdo programático, os cursos são constituídos de vinte e quatro lições, contendo a essência dos Livros da Codificação, abordados de forma sucinta e didática.

Nossos livros consistem em textos base, explanados de forma clara e acessível, de forma a permitir ao aluno uma visão metodológica do todo. Nesse aspecto caberá ao expositor desenvolver, completar, aprofundar esses textos de forma precisa e objetiva.

Dessa maneira, a Educação Espírita, em consonância com o nosso tempo, sugere uma Pedagogia Ativa, ou seja, uma proposta de Educação projetada para o futuro; centrada no sujeito, na vida.

- O Livro dos Espíritos constitui a pedra fundamental da Doutrina Espírita, marco inicial da Codificação Espírita. Com relação às demais obras de Allan Kardec, os livros sequenciais partem da base filosófica deste:

- O Livro dos Médiuns: natural que sucedesse com o aprofundamento científico e metodológico dos fenômenos espíritas. Encontra-se sua fonte no Livro II (Cap. VI até o final);

- O Evangelho Segundo o Espiritismo: decorrência do Livro IV em sua abordagem Doutrinária Moral;

- O Céu e o Inferno ou Justiça Divina Segundo o Espiritismo: decorre do Livro IV do Livro dos Espíritos.

- A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo: relaciona-se no Livro I (Cap. II, III e IV), ao Livro II (Cap. IX, X e XI) e partes de capítulos do livro III.

“A educação é um conjunto de hábitos adquiridos” (Livro dos Espíritos, pergunta 685a), onde não basta à educação por si só, mas sim, a concretização da educação espiritual pela conduta de cada um, ou seja, o aprendizado e a prática.

A Federação Espírita do Estado de São Paulo espera, portanto, que esta revisão possa cumprir com as finalidades para as quais foi idealizada e, sobretudo corresponder aos desígnios da Espiritualidade, no sentido de ressaltar sempre o caráter evangélico da Codificação à luz de princípios racionais, no ontem, no hoje e no amanhã.

Área de Ensino

Zulmira da Conceição Chaves Hassesian

## 1ª Aula - NÃO VIM DESTRUIR A LEI

### A) A Lei: Moisés e Cristo

*Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim para destruí-los, mas para dar-lhes cumprimento (Mt, V: 17).*

Moisés, profeta e legislador, revelou aos homens a existência de um Deus único, criador de todas as coisas e promulgou a Lei do Sinai. É a esta lei que Cristo refere-se, enquanto regra suprema da vida privada e comunitária até então. Importa, porém, distinguir as duas partes que compõem a lei mosaica: a lei de Deus, promulgada sobre o monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, estabelecida por Moisés. Uma é invariável; a outra é apropriada aos costumes e ao caráter do povo, e se modifica com o tempo (ESE, Cap. I, I e 2). A Lei Divina está formulada no Decálogo, e possui um caráter divino e universal. Todas as demais são leis estabelecidas por Moisés, obrigado a manter pelo temor um povo turbulento e indisciplinado, no qual tinha que combater abusos e preconceitos arraigados.

Ao afirmar que não veio destruir a lei. Jesus referia-se à lei de Deus, a qual veio desenvolver, dar seu verdadeiro sentido e apropriá-la ao grau de adiantamento dos homens. Importa considerar, pois, o ponto de vista renovado sob o qual Jesus considera a divindade, e, portanto, a lei:

1 — Deus já não é o legislador implacável, vingativo e justiceiro, mas um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, e dá a cada um segundo as suas obras. Jesus deu continuidade a essa Lei da Justiça divina, porém, acrescentou que essa lei é o amor, e nela encontra-se o princípio dos deveres para com Deus e para com os outros homens: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, e acrescentou: Esta é toda a lei e os profetas.

2 — Já não é o Deus de um único povo privilegiado, o Deus dos exércitos, presidindo aos combates para sustentar a sua própria causa contra o Deus dos outros povos, mas o Pai comum do gênero humano que estende a sua proteção sobre todos os seus filhos (A Gênese, Cap. I, item 23). A Lei Divina é universal e não particular.

3 — Na época de Moisés, a vida religiosa apoiava-se em rituais, sacrifícios e cultos de adoração, pois necessitava-se de uma representação semimaterial, como a que então lhes oferecia a religião hebraica. Jesus nos ensina a Lei de Adoração, mas modifica-lhe o fundo e a forma, ao combater constantemente o abuso das práticas exteriores.

4 — Para dar autoridade às leis, Moisés teve de atribuir-lhes uma origem divina, como o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos; a autoridade do homem devia apoiar-se na autoridade de Deus, um ser que transcendia a condição humana. Todavia, o papel de Jesus não foi o de um legislador moralista, cuja autoridade era apenas a sua palavra, mas que decorria da natureza excepcional de seu próprio Espírito, de sua ascendência moral sobre os demais, pois ele referia-se à Lei Divina, à vontade do Pai, com a qual estava plenamente identificado. A origem e natureza da Lei Divina não lhe eram exterior, mas a vivenciava em si mesmo, expressava a imanência divina pelos prodígios que operava. É assim que a lei moral emanava de sua própria autoridade.

A compreensão dos atributos de Deus e de suas leis, de par com a da imortalidade da alma e da vida futura são de suma importância, pois modificam profundamente as relações mútuas entre os homens, a vida, os costumes e obrigações. Esse é o ponto capital na revelação de Cristo, que veio modificar as relações entre os homens, mas cuja importância não foi compreendida suficientemente. Não obstante, Jesus não disse tudo, e sobre algumas questões limitou-se a lançar a semente de verdades que ele mesmo declarou não poderem ser então compreendidas. Era preciso que novas ideias e novos conhecimentos viessem nos dar a chave. É assim que o Espiritismo, já mais amadurecido o espírito humano, busca desvendar o sentido oculto e alegórico dessas verdades, fundamentando-as científica e racionalmente.

Importa ainda considerar que se a lei do Antigo Testamento está personificada em Moisés, e a do Novo Testamento em Cristo, já a Terceira Revelação da Lei Divina não está personificada em ninguém, pois as Leis Morais são produto do ensinamento de uma plêiade de Espíritos, que são as "vozes do céu" em todas as partes do mundo.

Da mesma maneira, porém, que Jesus afirmou: Não vim destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento (Mt, V: 17), também o Espiritismo em nada ensina contrário aos mandamentos morais de Jesus, mas desenvolve-os, explica-os, torna claro para todos o que fora dito de forma alegórica. Com efeito, pode-se afirmar que as Leis Morais contidas em O Livro dos Espíritos nada mais são que os imperativos morais ensinados por Jesus, porém articulados à luz da razão, ou seja, da filosofia, na medida em que a referida obra consiste em princípios racionais que visam fundamentar O Evangelho Segundo o Espiritismo.

É assim que a Lei Divina evolui para a consciência humana, segundo a capacidade cognitiva e a evolução dos homens, do Decálogo, Dez Mandamentos, às Leis Morais. Foi Moisés quem abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá (ESE, Cap. I, item 9).

**BIBLIOGRAFIA:**

ESE, Cap. I, itens 1 a 4.

## **B) Aliança da Ciência com a Religião — A Nova Era**

A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana. Uma revela as leis do mundo material, a outra as leis do mundo moral; uma busca a verdade por meio da razão, a outra por meio da fé. A incompatibilidade que se acredita existir entre essas duas ordens de ideias, provém de uma falha de observação, e do excesso de exclusivismo de uma e de outra parte (ESE, Cap. I, item 8). É assim que durante séculos Ciência e Religião distanciaram-se, esta, representando o saber divino e aquela expressão tão somente do saber mundano.

A partir do século II d.C., com a decadência do Império Romano, o Cristianismo expande-se e surge então a chamada "Era Patrística" (filosofia dos padres) em busca de uma aliança entre a fé e a razão, a qual estende-se por todo o período da Idade Média. Surge já nessa fase Santo Agostinho, buscando conciliar o Cristianismo com a filosofia de Platão.

No século XVIII, chamado o "século das luzes", surge o movimento intelectual conhecido como Iluminismo, o qual exalta a capacidade humana de conhecer e agir à luz da razão. Em lugar de explicações religiosas, o Iluminismo funda a lei moral na lei natural e na própria razão. É nesse contexto que surge a Doutrina Espírita no século XIX, realizando a tão pretendida aliança da fé com a razão, da Religião com a Ciência.

Até então, cada uma encarando as coisas de seu ponto de vista exclusivo, Ciência e Religião repeliam-se; era necessário um traço de união que as ligasse. Esse traço está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo corporal, leis tão imutáveis como as que regulam os movimentos dos astros e a existência dos seres (ESE, Cap. I, item 8).

O Espiritismo veio, dessa forma, no momento propício, trazer preciosa quota de novos conhecimentos, fundamentando o ideal religioso na Ciência, pois se é exato que a Religião não pode prescindir dos fatos naturais comprovados pela Ciência, esta, por sua vez jamais atingiria seu fim último ao desprezar a realidade espiritual. São chegados os tempos em que a Ciência deixando de ser exclusivamente materialista, deve levar em conta o elemento espiritual; e em que a Religião, deixando de desconhecer as leis orgânicas e imutáveis da matéria, essas duas forças, apoiando-se mutuamente e marchando juntas, sirvam uma de apoio à outra (ESE, Cap. I, item 8).

É assim que se aproxima o momento que marcará a nova era da Humanidade. É toda uma revolução moral que se realiza nessa passagem para a chamada Civilização do Espírito, que há de caracterizar o terceiro milênio. A Ciência há de desenvolver-se gerada por interesses morais, e a Religião há de dinamizar-se fundamentada na fenomenologia científica e na razão filosófica.

Esses princípios fundamentais, porém, já tiveram início na Antiguidade Clássica, quando Sócrates e Platão já sedimentaram os pilares nos quais apoiar-se-ia o edifício da revolução moral da Humanidade, e que seria a sede norteadora, ordenadora do Reino de Deus entre os homens.

**BIBLIOGRAFIA:**

ESE, Cap. I, itens 8, 9 e 10

## **C) Sócrates e Platão - Precursores da Doutrina Cristã e do Espiritismo**

*Segundo Allan Kardec, em O Evangelho Segundo o Espiritismo, as grandes ideias não aparecem nunca de súbito. As que têm a verdade por base contam sempre com precursores que lhes preparam parcialmente o caminho (...). Assim aconteceu com as ideias cristãs, que foram pressentidas muitos séculos antes de Jesus e dos Essênios, e das quais foram Sócrates e Platão os principais precursores (ESE, Introdução, IV).*

Sócrates (séc. V a.C.), como Cristo, foi condenado à morte por haver atacado as crenças tradicionais e colocar a virtude acima da ilusão dos formalismos e valores mundanos. Assim como Jesus foi acusado pelos fariseus de corromper o povo com seus ensinamentos, Sócrates foi acusado de corromper a juventude ao ir contra os valores vigentes.

Platão é uma das maiores figuras da filosofia de todos os tempos; sua grandeza destaca-se não só por ser a primeira no tempo, mas seu poderoso apelo para ideais ultraterrenos é uma das mensagens mais nobres comunicadas à Humanidade. Ele ensina o desprezo pelos prazeres, honras e riquezas, a renúncia aos bens do corpo e deste mundo e prova a existência de uma esfera inteligível e imaterial, a única pela qual vale a pena viver.

Eis algumas citações que demonstram como Sócrates e Platão já haviam pressentido as ideias cristãs, assim como os seguintes princípios básicos do Espiritismo:

### **1 — A Pré-existência da alma**

O homem é uma alma encarnada. Antes da sua encarnação, ela existia junto aos modelos primordiais, às ideias do verdadeiro, do bem e do belo. Separou-se deles ao encarnar-se e, lembrando seu passado, sente-se mais ou menos atormentada pelo desejo de a eles voltar (ESE, Introdução, V, item I). Temos aqui a doutrina da pré-existência da alma e da vaga intuição que ela conserva da existência de outro mundo, ao qual aspira retornar.

### **2 — Pluralidade das existências**

A alma impura encontra-se pesada, e é novamente arrastada para o mundo visível, pelo horror ao que é invisível e imaterial. Ela vagueia, então, segundo se diz, pelos lugares onde carrega as penas de sua vida passada, até que os apetites inerentes à sua forma material a devolvam a um corpo (ESE, Introdução, IV, Item IV).

Não somente o princípio da reencarnação está aqui claramente expresso, mas também o estado das almas que ainda se acham sob o domínio da matéria é descrito tal como o Espiritismo o demonstra. Afirma, ainda, que a reencarnação é uma consequência da impureza da alma, enquanto que as almas purificadas estão livres dela.

### **3 — A possibilidade de comunicação entre o mundo espiritual e o mundo material**

Os demônios (daimons) preenchem o espaço que separa o céu da terra; são o laço que liga o Grande Todo consigo mesmo. A divindade não entra jamais em comunicação direta com os homens, mas é por meio dos demônios que os deuses se relacionam e conversam com eles, seja durante o estado de vigília, seja durante o sono (ESE, Introdução, IV, item VI).

A palavra daimon (da qual se originou "demônio") não se aplicava exclusivamente aos seres malfazejos, mas aos Espíritos em geral, entre os quais se distinguiam os Espíritos superiores (chamados deuses) e os Espíritos menos elevados, que se comunicavam diretamente com os homens. O Espiritismo também ensina que Deus não se comunica com os homens senão por intermédio dos Espíritos puros, encarregados de nos transmitir a Sua vontade; e que os Espíritos se comunicam conosco durante o estado de vigília e durante o sono (ESE, Introdução, IV, item VI).

### **4 — O amor: lei universal**

Chamo de homem vicioso ao amante vulgar, que ama mais ao corpo que à alma. O amor está por toda a natureza, e incita-nos a exercer a nossa inteligência: encontramos-lo até no movimento dos astros (ESE, Introdução, IV, item XVI).

Platão, qual Jesus, ressaltou a importância do amor, como meio de superar a condição de seres meramente mortais, visto ser a própria lei da natureza, portanto, fonte de sabedoria e verdade. Assim também o Cristianismo possui como máxima fundamental a prática do amor, enquanto lei universal a reger os seres e, portanto, essencial à felicidade dos homens.

Vê-se, assim, que a Doutrina Espírita possui fundamentos na própria tradição filosófica, e que as grandes verdades já são conhecidas pelos Espíritos adiantados, incumbidos de revelá-las gradativamente aos homens.



**BIBLIOGRAFIA:** ESE, Introdução, Capítulo IV

### QUESTIONÁRIO

#### a) A lei: Moisés e Cristo:

- 1) Sob quais aspectos os ensinamentos de Jesus restabelecem a Lei Divina recebida por Moisés?
- 2) Qual a importância da compreensão dos atributos de Deus e de suas leis para o homem?
- 3) Qual a relação de O Livro dos Espíritos com o Evangelho Segundo o Espiritismo?

#### b) Aliança da ciência com a religião — A nova era:

- 1) Qual o objeto da Ciência e o da Religião e por que incompatibilizavam-se no passado?
- 2) Em que contexto histórico surgiu a Doutrina Espírita?
- 3) Em que Ciência e Religião podem colaborar mutuamente para a chamada Nova Era?

#### c) Sócrates e Platão - precursores da doutrina cristã e do espiritismo:

- 1) Qual a relação de Sócrates e Platão com o Cristianismo?
- 2) Explique os argumentos de Platão para a teoria da pluralidade das existências.
- 3) Como Sócrates e Platão deixam transparecer a possibilidade de comunicação entre o mundo espiritual e o mundo material?

## 2ª Aula – A LEI DIVINA OU NATURAL

### A) Caracteres, Divisão e Conhecimento da Lei Natural

#### Caracteres da Lei Natural

O início da história do pensamento é marcado pela passagem do pensamento mítico ao pensamento racional. Esse momento repete-se na história da humanidade com o surgimento da Doutrina Espírita, marcando agora a passagem das religiões formais para uma filosofia racionalista, fruto do momento de efervescência intelectual que caracterizou o chamado "Século das Luzes". Não se trata, no entanto, de uma negação do passado histórico religioso, mas sim de uma racionalização das concepções fideísta-dogmáticas. Dessa forma, O Livro dos Espíritos consiste em uma busca de racionalização do Evangelho, em uma tentativa de trazer a religião do domínio mítico e cultural para o plano natural.

Consequentemente, se em uma perspectiva dogmática toda lei moral advém de uma realidade transcendente, advinda de um ser sobrenatural, para a Doutrina Espírita, porém, a lei é divina mas natural: A Lei Natural é a Lei de Deus; é a única necessária à felicidade do homem (LE, 614). Por Natural entende-se a Lei que se funda no direito natural, comum a todos os homens e não por cultura, convenção. Por Natural entende-se a Lei deduzida também da natureza humana, que se funda sobre a luz natural: a razão.

Por este princípio, A Lei Natural é a Lei de Deus (LE, 614), percebe-se uma identidade de origem das leis com Deus. Pelo princípio: a Lei de Deus é eterna e imutável como o próprio Deus, estabelece-se uma identidade de natureza entre Deus e suas leis. Efetivamente, Deus é origem, permanência e manifestação de si mesmo nas próprias leis que são imutáveis. Deus não se engana; os Homens é que são obrigados a modificar as suas leis, que são imperfeitas, mas as leis de Deus são perfeitas (LE, 616). A lei de Deus é perfeita e imutável, pois Ele é a própria perfeição; as leis humanas, ao contrário, são mutáveis, temporárias, variam de cultura para cultura, são reflexo da realidade relativa ao homem, que ainda está distante da perfeição.

#### Divisão da Lei Natural

A ordem e a harmonia do Universo revelam uma força inteligente; atribuí-las ao acaso seria um contra-senso, pois o acaso não produz efeitos inteligentes. Dessa forma, a harmonia que regula o universo material e o universo moral se funda nas leis que Deus estabeleceu por toda a eternidade (LE, 616). As leis de Deus revelam-se, assim, no plano físico e no plano moral:

**Leis Físicas:** regulam o movimento e as relações da matéria bruta (...) Seu estudo pertence ao domínio da Ciência.

**Leis Morais:** concernem especialmente ao homem e às suas relações com Deus e com seus semelhantes. Compreendem as regras da vida do corpo e as da vida da alma (LE, 617a).

A Lei natural divide-se em dez partes: Lei da Adoração, do Trabalho, de Reprodução, de Conservação, de Destruição, de Sociedade, de Progresso, de Igualdade, de Liberdade, e por fim, a Lei da Justiça, Amor e Caridade.

Essa divisão da lei de Deus em dez partes é a de Moisés e pode abranger todas as circunstâncias da vida, o que é essencial (...) A última lei é a mais importante; é por ela que o homem pode avançar mais na vida espiritual, porque ela resume todas as outras (LE, 648).

### **Conhecimento da Lei Natural**

Deus proporcionou a todos os homens os meios de conhecerem a Sua lei. Todos podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem; os que melhor a compreendem são os homens de bem e os que desejam pesquisá-la (LE, 619). Para conhecer a lei divina importa uma certa elevação de sentimentos, uma certa maturidade interior; não se trata apenas de raciociná-la intelectivamente, mas compreender a lei implica em identificar-se com ela. Por isso afirma Jesus no Sermão da Montanha, Bem-aventurados os puros de coração, esses verão a Deus (Mt, V: 8); da mesma forma os homens de bem compreenderão a Lei Divina ou Natural por uma conquista e elevação de si mesmos. Isso implica que o conhecimento da Lei Divina é equivalente ao grau de evolução do Espírito; no entanto, todos um dia compreenderão, porque é necessário que o progresso se realize (LE, 619).

A Lei de Deus não está escrita em nenhuma pedra, em nenhum lugar, mas está na consciência dos próprios homens. Por consciência aqui não se entende meramente a condição pensante, mas antes uma consciência inata que reflete sobre si a lei de Deus. Todos a possuem imanente em si mesmos, qual lembrança intuitiva e que tende a revelar-se à medida que o Espírito se depura. Esta imanência da Lei Divina nos homens consiste na própria marca do obreiro na sua obra, ou seja, a própria essência divina na criação.

Esta lembrança intuitiva revela-se segundo o grau de perfeição dos Espíritos. É assim que, para fazer progredir a humanidade, os Espíritos superiores vêm com a missão de revelar a lei de Deus, sejam eles homens de gênio ou profetas. No entanto, o verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Podemos reconhecê-lo por suas palavras e por suas ações (LE, 624). E o profeta mais perfeito que nos serviu de guia e modelo foi Jesus. A doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de Sua lei, porque ele estava animado do Espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu na Terra (LE, 625). No entanto, o ensino de Jesus era frequentemente alegórico e em forma de parábolas. Daí a missão dos Espíritos de explicar e desenvolver essas leis: Estamos encarregados de preparar o Reino de Deus anunciado por Jesus, e por isso é necessário que ninguém venha a interpretar a lei de Deus ao sabor de suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei que é toda amor e caridade (LE, 627).

Bibliografia: LE, 614 a 628, 647 e 648.

## **B) O Bem e o Mal**

Desde as mais remotas eras o homem tem consciência que a par das coisas boas e que tornam a vida feliz, outras existem que causam dores e aflições. Nesse sentido, o homem sempre buscou explicar e distinguir o bem do mal. A essa distinção entre o bem e o mal é que se refere a moral, enquanto um conjunto de regras que visam disciplinar e dirigir uma boa conduta. No entanto, importa não confundir essas regras com os costumes, pois a moral funda-se na observação da lei de Deus (LE, 629), ou seja, ela é de origem divina, natural e portanto universal, ao passo que os costumes são relativos a determinada cultura. Sob esse aspecto, a lei moral ou divina é natural, essencial e não convencional.

Consequentemente, o bem distingue-se do mal enquanto sendo o bem tudo o que está de acordo com a lei de Deus e o mal é tudo o que dela se afasta. Assim, fazer o bem é se conformar com a lei de Deus, e fazer o mal é infringir essa lei (LE, 630). Pode-se desta forma deduzir que o bem é a Lei Natural, a única realidade eterna e absoluta em todo o Universo, sendo o mal apenas um estado transitório.

No entanto, todo homem está sujeito a errar, ou a hesitar na apreciação do bem e do mal. Para que a criatura não se engane, convém usar sempre a "regra áurea" ensinada pelo Mestre Jesus: Fazer aos outros aquilo que gostaríamos que nos fizessem. Não há possibilidade de engano nesse caso, pois o que não é bom para nós não é bom para nosso semelhante. Por outro lado, no que se refere a nós mesmos, muitas vezes cometemos excessos por fraqueza ou descuido e, nesse caso, estaremos transgredindo a lei, pois a lei natural traça para o homem o

limite de suas necessidades; quando ele o ultrapassa, é punido pelo sofrimento (LE, 633). Importa vivenciar a condição humana, de seres inseridos na materialidade, porém com moderação; todo excesso transgredir as leis naturais e gera consequências inevitáveis. A partir disso, poder-se-ia questionar, por que o mal se encontra na natureza das coisas? Deus já não poderia criar o homem em melhores condições?

Porém, Deus criou os Espíritos para chegarem à perfectibilidade por si mesmos, pela própria experiência, pela própria conquista. Deus deixa ao homem a escolha do caminho: tanto pior para ele seguir o mal; sua peregrinação será mais longa (LE, 634). Criados simples e ignorantes, mas dotados de aptidões para o desenvolvimento de todas as virtudes, todos os Espíritos passam por um processo de burilamento. Valendo-se do livre-arbítrio, cada qual vai colhendo vitórias ou amargando derrotas, segundo o grau de evolução conquistada. Se não existissem montanhas, não poderia o homem compreender que se pode subir e descer (LE, 634). Para que o Espírito adquira experiência, é necessário conhecer o bem e o mal, para tanto necessita passar pela materialidade, que lhe é um obstáculo, mas que por isso mesmo lhe permite resgatar a essência divina que o caracteriza; eis por que existe a união do Espírito e do corpo (LE, 634). Se eles (Espíritos) tivessem sido criados perfeitos, não teriam merecimento para gozar dos benefícios dessa perfeição (LE, 119).

A lei de Deus é, portanto, universal, necessária e imanente a todos; já o mal varia de acordo com o grau evolutivo de cada um. O bem é sempre bem e o mal é sempre mal, qualquer que seja a posição do homem (636). Todos os homens possuem a mesma noção do que seja o bem e o mal, independente da cultura; no entanto, o que varia é a sua aplicação nas várias sociedades.

O mal parece, algumas vezes, como consequência de circunstâncias, mas nem por isso deixa de ser infração à lei de Deus; o homem se torna mais culpável quando o comete (o mal), porque melhor o compreende (LE, 638). Um dos preconceitos da moral cristã é justamente que uma ação para ser considerada má deve ser cometida com pleno conhecimento de causa; é assim que quanto maior a consciência da lei, maior a responsabilidade.

Por outro lado, não é suficiente apenas deixar de fazer o mal, mas é preciso fazer o bem, no limite das próprias forças, pois cada um responderá por todo o mal que tiver ocorrido por causa do bem que deixou de fazer (LE, 642). A verdadeira fé não é inoperante, o verdadeiro cristão o é pelas obras, por tudo aquilo que exterioriza, expressa, manifesta de seu próprio Espírito; não basta uma atitude passiva perante a vida, mas na ação é que se dá o testemunho do Pai, na expressão de Jesus. E quanto maior a dificuldade na prática do bem, maior o mérito perante a própria consciência e perante Deus. Deus leva mais em conta o pobre que reparte o seu único pedaço de pão, que o rico que só dá de seu supérfluo (LE, 646). Não há mérito em fazer o bem sem trabalho, quando nada custa, conforme nos ensina a passagem evangélica do óbolo da viúva. Por outro lado, amar os que nos querem bem é fácil. Existe mais mérito em amar os que nos magoam e os de difícil convivência.

A lição de amor, Jesus ensinou-a através de palavras e atos. Ele amou os amigos, os familiares, pescadores, os avaros, ladrões, e homens do povo. Vivenciou realmente o "Amar a Deus e ao próximo como a si mesmo".

Bibliografia: Le, 629 A 646

### C) O Orgulho e a Humildade

*Graças te rendo, meu Pai, Senhor do Céu e da Terra, por haveres ocultado estas coisas aos doutos e aos prudentes, e por as teres revelado aos simples e aos pequeninos (Mateus, 11:25).*

No decurso do seu messiado, Jesus Cristo deixou bem evidenciado que os pequeninos, os humildes, têm primazia no conhecimento de muitas coisas, que se tornam vedadas aos potentados e orgulhosos. Jesus não se preocupava muito com a conversão dos opulentos, dos orgulhosos, daqueles que tinham os corações endurecidos e hesitavam em assimilar os seus ensinamentos, repelindo-os, como se Ele não fosse um autêntico enviado dos Céus. O Mestre veio desempenhar uma fulgurante missão na Terra, e essa missão foi precipuamente desenvolvida no seio das camadas mais humildes do povo. Foi por isso que no Sermão da Montanha, ele enalteceu os humildes e pobres de Espírito, aqueles que melhor aceitavam a sua doutrina de renovação.

Certa vez, alguns homens de influência na cidade aproximaram-se dele e pediram um sinal para que acreditassem nele. A estes homens orgulhosos, que julgavam que o Mestre tudo faria pelas suas conversões, ele deu uma resposta decepcionante: "Nenhum sinal será dado a esta geração adúltera e infiel" (Mt 12:39).

Com relação ao conhecimento das verdades de ordem moral e metafísica, exigem uma certa predisposição interior, sensibilidade e amor, pois as leis divinas falam ao coração. É assim que todos podem conhecer, mas nem todos podem compreender. O orgulho é a venda que lhes tapa os olhos. Que adianta apresentar a luz a um cego? (ESE, Cap. VII, item 10). O Reino de Deus anunciado pelos Espíritos não ressoa nos Espíritos orgulhosos, envaidecidos do saber mundano e que se julgam prudentes e doutos perante os homens; mas aos simples e pequeninos, ou seja, aos pobres de espírito e que têm consciência de sua pequenez perante Deus.

Jesus prometia o Reino dos Céus aos mais pobres, humildes e sofredores, porque os grandes e potentes do mundo material acreditavam que os títulos e riquezas eram recompensas concedidas por mérito, passando, por isso, a se julgarem criaturas superiores, de sangue e compleição diferentes do que os pobres possuíam. Tanto ricos como pobres são filhos de Deus, e por Ele vistos com o mesmo olhar paternal, com o mesmo carinho.

Se Deus coloca a riqueza nas mãos de alguns homens, é para que eles exercitem os seus sentimentos de caridade e de amor ao próximo, e não para que se tornem orgulhosos e perdulários, egoístas e cheios de soberbia. Os ricos e orgulhosos de hoje, que não dão uma aplicação útil e humanitária aos bens que Deus colocou em suas mãos, por acréscimo de Sua misericórdia e de maneira transitória, poderão ser os pobres e andrajosos de amanhã, pois os Espíritos não reencarnam uma só vez, e as vidas sucessivas reservam muitas surpresas aos que transgridem as leis de Deus. O Pai deseja que Seus filhos se irmanem, se confraternizem, despertando dentro de si os mais sublimados sentimentos de amor aos seus semelhantes.

O Evangelho Segundo o Espiritismo insere a comunicação de uma antiga rainha da França que, no mundo espiritual, após deixar o corpo físico, surpreendeu-se ao ver muitos homens e mulheres que ela considerava pequenos e desprezíveis, estarem desfrutando de um grau evolutivo muito superior ao dela (ESE, Cap. II, item 8). Nos Evangelhos também encontram-se várias passagens, onde a humildade e o orgulho são evidenciados. No caso da pobre viúva, que depositou no gazofilácio a única moeda que possuía, aprecia-se a mais viva demonstração de humildade e de desprendimento das coisas terrenas (Mc 12:41-44). Ela, em sua pobreza, animada do verdadeiro senso de humildade, achou que era seu dever auxiliar aqueles que necessitavam mais do que ela. Por outro lado, depara-se com sentimento de orgulho, demonstrados pelo sumo sacerdote Caifás, que submetendo o Mestre a um interrogatório humilhante, além de fazer perguntas incompatíveis, permitiu até que um dos seus homens o esbofeteasse.

O Bispo de Alger, em uma de suas comunicações (ESE, Cap. XIII, item 11), retratou bem o sentimento que anima as pessoas que encarnadas vivem em condições humildes, mas invejam a posição daqueles que desfrutam das regalias de uma vida faustosa, esquecidos de que eles vivem uma vida muitas vezes enganosa e que estão adentrando a porta larga da perdição. Se soubessem quantas lágrimas e dores inomináveis se ocultam sob as vestes ricas, quantos soluços abafados pelos sons de rumorosa orquestra e quanta escuridão se oculta sob o brilho das glórias mundanas, prefeririam o humilde retiro e a pobreza. Mais vale, portanto, para a felicidade do homem, ser pobre de espírito, no sentido mundano, e rico de qualidades morais (ESE, Cap. VII, item 2).

Bibliografia: ESE, Cap. VII, itens 7 a 12.

## QUESTIONÁRIO

### **A ) Caracteres, divisão e conhecimento da lei natural:**

- 1) O que se deve entender por Lei Divina ou Natural?
- 2) Onde está escrita a Lei Divina? Explique.
- 3) A Lei Divina é a mesma para todos?

### **B ) O bem e o mal:**

- 1) Como distinguir o bem do mal?
- 2) Será suficiente não fazer o mal para agradar a Deus?
- 3) Deus não poderia criar a humanidade já em uma condição melhor?

### **c) O orgulho e a humildade:**

- 1) Por que os ensinamentos de Jesus não são revelados aos sábios e prudentes?
- 2) Cite uma passagem do Evangelho sobre a humildade e uma sobre o orgulho.

3) Interprete a passagem da antiga rainha da França, narrada no Evangelho.

## 3ª Aula - LEI DE ADORAÇÃO

### A) Finalidade da Adoração - Adoração Exterior - Vida Contemplativa

#### Finalidade da adoração

A adoração consiste na elevação do pensamento a Deus. Pela adoração o homem aproxima d'Ele a sua alma (LE, 649). É um sentimento inerente à sua própria natureza, pois o homem sempre sentiu que há, acima dele, um ser supremo; assim, a consciência de suas fraquezas e o temor daquilo que escapa à sua compreensão leva-o a curvar-se diante de alguém superior, em busca de consolo e proteção nos seus momentos difíceis, ou a expressar exaltação e alegria nos momentos felizes.

O ato de adoração está contido na lei natural que rege a vida no universo, a impulsionar o processo evolutivo de todas as criaturas, independente de aprendizagem ou grau de cultura porque é o resultado de fim sentimento inato no homem; por isso a encontramos entre todos os povos, embora sob formas diferentes (LE, 652). Portanto, em todas as épocas, desde os povos mais primitivos, houve a prática do ato de adoração a um ente supremo, evidenciando ser a ideia de Deus inata e Universal, e isto porque jamais houve povos ateus. Todos compreendem que há, acima deles, um Ser Supremo (LE, 651), sem que praticamente tenham tido qualquer tipo de influência exterior.

#### Adoração exterior

A adoração não precisa de manifestações exteriores, pois o que importa é a sinceridade de sentimentos e sua intenção. No entanto, existem aqueles que têm necessidade de imagens, cultos, roupa especial, ritos e gestos, para concretizar a adoração; estes casos têm seu valor, embora relativo à qualidade de sentimentos. Aquele que só tem a aparência da piedade é um hipócrita; aquele para quem a adoração é apenas um fingimento e está em contradição com a própria conduta, dá um mau exemplo (LE, 654). Já aqueles que a praticam movidos por interesses secundários, por afetação e amor próprio, enganam-se a si mesmos, pois há grande diferença entre ser bom e parecer bom. Todos os homens são irmãos e filhos do mesmo Deus, que chama para Ele todos os que seguem as suas leis, qualquer que seja a forma pela qual se exprimam (LE, 654).

A conduta fraterna, sincera, na vivência do bem, será a maior prova de adoração a Deus. A Doutrina Espírita ensina que todas as religiões são boas; unem a criatura ao Criador, embora apresentem eventuais diferenças de princípios, porque há diferentes graus evolutivos entre seus adeptos. É necessário, portanto, respeitar todas as religiões e dar ao semelhante a mesma liberdade de escolha que deseja para si. Mas isto não significa ser conivente com atitudes que contrariam as leis divinas, como é o caso, por exemplo, daqueles que se utilizam da religião para atender seus interesses pessoais.

A adoração enquanto emissão de pensamentos de fé, amor, confiança, gratidão etc., tem sempre valor quando movida com respeito e sinceridade. Este valor será ainda maior quando um grupo homogêneo se reunir com esse sublime objetivo, embora não seja menos valiosa a adoração particular de cada criatura. Cada um pode adorar a Deus no recôndito de seu coração, simplesmente pensando nele enquanto Pai de infinita misericórdia, Criador de todo o universo.

#### Vida contemplativa

Não tem qualquer mérito perante Deus a vida contemplativa dedicada exclusivamente à meditação, pois ela é inoperante. Tal opção significa, muitas vezes, um mecanismo de fuga ante as mais diversas situações sociais, tais como: desilusão, dificuldades, fraquezas, fanatismo etc. Portanto, aquele que se consome na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque sua vida é toda pessoal e inútil para a Humanidade (LE, 657).

A Doutrina Espírita é bastante esclarecedora em relação a esta questão: sempre que se optar por uma vida de contemplação, longe dos embates do mundo, não terá valor perante Deus. Neste sentido, o próprio celibato tem valor relativo, o qual estará sempre subordinado aos motivos que levaram a tal escolha.

Renunciar à vida social, à união afetiva, e ao convívio familiar, terá mérito se for servir ao próximo, porque é na convivência diária com seu semelhante, no difícil exercício do amor e do perdão, que se evolui e se expressa a verdadeira adoração a Deus.

Bibliografia: LE, 649 A 657

## **B) Da Prece - Politeísmo - Sacrifícios da Prece**

A prece é a expressão de um sentimento que sempre alcança a Deus, quando ditada pelo coração de quem ora. Deve ser feita diretamente ao Criador, mas também pode ser-lhe endereçada por intermédio dos bons Espíritos, que são os Seus mensageiros e executores da Sua vontade; Pela prece podemos fazer três coisas: louvar, pedir e agradecer (LE, 659).

Louvar é enaltecer os desígnios de Deus sobre todas as coisas, aceitando-O como causa primária de tudo o que existe. Bendizendo Lhe o nome. Pedir é recorrer ao Pai Todo-Poderoso em busca de luz, equilíbrio, forças, paciência, discernimento, coragem para lutar contra as forças do mal; enfim, tudo, desde que não se contrarie a lei de amor que rege e sustenta a harmonia universal. Agradecer é sentir-se feliz e reconhecer as inúmeras bênçãos recebidas, ainda que em diferentes graus de entendimento e aceitação: a alegria, a fé, a bênção do trabalho, a oportunidade de servir, a esperança, a família, os amigos, a dádiva da vida.

A prece torna o homem melhor porque aquele que faz preces com fervor e confiança se torna mais forte contra as tentações do mal, e Deus Lhe envia bons Espíritos para o assistir (LE 660).

O essencial é orar com sinceridade e aceitar os próprios defeitos, porque a prece não redime as faltas cometidas; aquele que pede a Deus perdão pelos seus erros, só o obtêm mudando sua conduta na prática do bem. Deste modo, as boas ações são a melhor prece, e por isso os atos valem mais do que as palavras.

Através da prece pode-se ainda fazer o bem aos semelhantes, porque o Espírito que ora, atuando pela vontade de praticar o bem, atrai a influência de Espíritos mais evoluídos que se associam ao bem que se deseja fazer. Entretanto, a prece não pode mudar a natureza das provas pelas quais o homem tem que passar, ou até mesmo desviar-lhe seu curso, e isto porque elas (...) estão nas mãos de Deus e há as que devem ser suportadas até o fim, mas Deus leva sempre em conta a resignação. (...) A prece nunca é inútil, quando bem feita, porque dá força, o que já é um grande resultado (LE, 663).

Deve-se considerar, também, que nem sempre aquilo que o homem implora corresponde ao que realmente Lhe convém, tendo em vista sua felicidade futura. Deus, em Sua onisciência e suprema bondade, deixa de atender ao que Lhe seria prejudicial, tal qual um pai zeloso que recusa conceder ao filho algo que seja contrário ao seu bem-estar. Todavia, as súplicas justas são atendidas mais vezes do que supomos, embora a resposta a uma prece venha, por vezes, por meios indiretos ou por meio de ideias com as quais saímos das dificuldades.

A prece em favor dos desencarnados não muda os desígnios de Deus a seu respeito; contudo, o Espírito pelo qual se ora experimenta alívio e conforto ao receber o influxo amoroso dos entes queridos que, embora ainda encarnados, compartilham de suas dores. Além do mais, o efeito benéfico da prece sobre o desencarnado é tal que pode leva-lo à conscientização das faltas cometidas e ao desejo de fazer o bem: E nesse sentido que se pode abreviar a sua pena, se do seu lado ele contribui com a sua boa vontade. Esse desejo de melhora, excitado pela prece, atrai para o Espírito sofredor os Espíritos melhores que vêm esclarecê-lo, consolá-lo e dar-lhe esperanças (LE, 664). Este encadeamento caridoso provocado pela prece sincera vivência a recomendação de Jesus: "Amai-vos uns aos outros" (João 15:17).

Pode-se também orar aos bons Espíritos, porque são eles os mensageiros de Deus e executores de Sua vontade. Contudo, as preces que Lhes são dirigidas só serão eficazes se estiverem de acordo com os desígnios de Deus, sem cuja permissão nada se faz na ordem geral do Universo.

### **Politeísmo**



O politeísmo, designação referente às religiões que admitem vários deuses em seu culto, foi uma das crenças mais antigas espalhadas pelo mundo, em razão do atraso moral e intelectual da humanidade. Isto porque a concepção de um Deus único não poderia existir no homem senão como resultado da aquisição gradual de conhecimentos. Simples ainda, ele não conseguia conceber um ser imaterial, sem forma determinada agindo sobre a matéria; por isso deu-lhe atributos próprios da natureza corporal, tais como forma e aparência, a princípio de animal e posteriormente do próprio homem.

Assim, inicialmente os Espíritos eram reverenciados como deuses. Só mais tarde surgiu a concepção de um Deus único, embora ainda antropomórfico, isto é, semelhante ao homem, tanto para os antigos como para algumas concepções atuais. O próprio fato das manifestações espíritas ocorrerem em todas épocas da humanidade, contribuiu sobremaneira para reforçar a ideia da existência de vários deuses. Do mesmo modo, o culto aos mortos, especialmente às pessoas que mais se destacaram por características especiais, contribuíram para a propagação do politeísmo. Porém, em todos os tempos houve homens esclarecidos, que compreenderam a impossibilidade dessa multidão de poderes para governar o mundo sem uma direção superior, e que se elevaram ao pensamento de um Deus único (LE, 667).

### **Sacrifícios**

Ao se estudar a história das religiões, verifica-se que o ato de oferecer sacrifícios às divindades está presente desde os tempos mais remotos. Entre os povos primitivos, a matéria sobrepõe-se ao espírito; eles se entregam aos instintos animais e por isso são geralmente cruéis, pois o senso moral ainda não se encontra desenvolvido (LE, 669).

As oferendas que a princípio consistiam em frutos da terra passaram a constituir-se de animais, transformando-se mais tarde em sacrifícios humanos, na falsa crença de que o valor do sacrifício era proporcional à importância da vítima, pois (...) os homens primitivos deviam crer naturalmente que uma criatura animada teria muito mais valor aos olhos de Deus do que um corpo material (LE, 669). Como não conseguiam conceber a divindade com os atributos da perfeição, acreditavam que o holocausto a ser-lhe oferecido seria tanto mais valioso quanto mais importante fosse a vítima. Mas, Deus jamais exigiu sacrifícios, nem de animais nem de homens. Ele não pode ser honrado com a destruição inútil de sua própria criatura (LE, 669b), nem mesmo as macerações e as penitências que certos religiosos impõem a si mesmos.

As chamadas guerras santas, quando homens matam seus irmãos em nome de Deus, assim o fazem por que são impelidos por Espíritos inferiores; não se justifica uma guerra sob o fundamento de ser a religião de uns, melhor ou mais verdadeira que a de outros, e também por não terem ainda algumas criaturas a consciência de seus erros.

A Doutrina Espírita usando da razão, do bom senso e do discernimento, facilmente conclui que para agradar a Deus melhor seria transformar a homenagem em ajuda para os necessitados, em consolo para os que sofrem, ou ainda, em prece proferida com sinceridade e humildade. Esclarece ainda a Codificação que o único sacrifício abençoado por Deus é aquele que se faz por amor e em benefício do próximo, pois Deus abençoa sempre os que praticam o bem; amparar os pobres e os aflitos é o melhor meio de homenageá-Lo (LE, 673).

Bibliografia: LE, 658 a 673

## **C) A Parábola da Figueira Seca**

*Quando saíam de Betânia, ele teve fome. E vendo ao longe uma figueira, para ela se encaminhou, a ver se acharia alguma coisa; tendo-se, porém, aproximado, só achou folhas, visto não ser tempo de figos. Então, disse Jesus à figueira: Que ninguém coma de ti fruto algum. No dia seguinte, ao passarem pela figueira, viram que secara até à raiz (Marcos, 11:12 - 14, e vers. 20).*

Esta narrativa não é propriamente uma parábola, mas sim uma alegoria, pois cada pormenor encerra profundo ensino moral, e ao mesmo tempo é uma advertência à humanidade, ao retratar a situação espiritual em que se encontram as criaturas. Embora de difícil interpretação, Jesus visa despertar a consciência dos homens, fazê-los compreender seus deveres para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo, pois somente com esta conscientização é que suas preces serão atendidas.

Mas tomam-se necessárias algumas observações para melhor apreensão do aspecto moral que esta narrativa encerra: poder-se-ia questionar o fato de Jesus usar de imagens fortes e até mesmo inusitadas, tal qual a esterilidade de uma frondosa figueira sem frutos. O fato é que a figueira em questão não dava frutos, muito embora coberta de folhas, porque sua constituição orgânica estava deficiente e há muito deixara de produzir. Ora, tudo e todos têm um papel a desempenhar na ordem geral do universo; cumpre, portanto, que dêem frutos segundo sua espécie e natureza. O Espírito não foi criado para o repouso, porque a natureza de sua essência é dinâmica, só realiza-se na revelação de si mesmo, na geração da vida, de frutos interiores em favor de outrem.

Jesus, ciente deste fato, quis mostrar aos seus discípulos a necessidade indispensável de produzir boas obras sempre, pois toda vivência infrutífera, estéril como aquela árvore, sofreriam as mesmas consequências. Assim, seria inconcebível crer que Jesus, a personificação da bondade, pudesse relegar a figueira à esterilidade, apenas por não dar frutos fora de época.

Segundo o Novo Testamento, na ocasião em que Jesus proferiu esta parábola, estava se dirigindo ao templo de Jerusalém, onde precisou expulsar os mercadores que comercializavam com as coisas divinas. Portanto, podem-se aplicar as palavras firmes e peremptórias de Jesus, em seu sentido figurado, a este templo judaico, suntuoso e adornado ricamente, mas que não estava apto a receber a mensagem salvadora da qual Cristo era o portador e, por isto, assemelhou-se à figueira improdutiva, em cujos galhos não se poderia achar nenhum fruto, sendo portanto relegada à esterilidade. Isto porque a religião judaica preocupava-se mais, àquela época, com as coisas terrenas do que com as coisas espirituais, e por isso não viram em Jesus o Messias anunciado pelos profetas bíblicos.

O Judaísmo poderia eventualmente se transformar numa religião reformada, dinâmica; nela poderiam ser enxertados os ensinamentos cristãos, a revelar as verdades que o Mestre viera trazer à humanidade. Mas, Jesus vendo o mercantilismo que ela abrigava e percebendo que servia somente para satisfazer os anseios de um povo zeloso de sua raça, compenetrando-se de que aquela vivência religiosa não poderia ser a figueira frondosa e cheia de frutos, que saciasse todos os homens.

Por outro lado, tem a parábola nítida aplicação às doutrinas e religiões atuais que apresentam exteriormente aspecto atraente, agradável aos olhos, mas que interiormente estão ressequidas pela incoerência de seus princípios, e pela falta de base nitidamente cristã daquilo que ensinam.

Assim, as religiões que apregoam inverdades, que distorcem os ensinamentos evangélicos, que disseminam o fanatismo e a discórdia, a superstição e o erro, não passam de figueiras estéreis, sem o fruto do amor e da caridade; acenam aos homens com suas mensagens doutrinárias distorcidas na sua essência, adornam seus templos com pompas e riquezas, promovem guerras, lutam pela conquista de posses materiais, esquecendo-se da máxima evangélica "amar uns aos outros".

Através da Doutrina Espírita, que traz à luz o cristianismo redivivo e em cuja óptica interpreta-se a parábola em questão, foi revelado o verdadeiro significado da mensagem cristã, qual seja de promover a reforma moral e espiritual da humanidade. Para salvar os homens da esterilidade da figueira, Jesus enviou à Terra o Consolador prometido, para mostrar a felicidade aos bons, aos que frutificam e distribuem o produto de seus frutos; aos que procuram ser úteis, aos obreiros do bem, aos justos, aos pacificadores, aos que se consagram ao bem-estar da coletividade.

É assim que, na passagem para um mundo de regeneração, todos aqueles que se mostrarem recalcitrantes, insensíveis, indiferentes ao despertar espiritual, estéreis para aqueles que vêm em busca de auxílio, serão transferidos para outros mundos, cedendo lugar a outros mais predispostos ao trabalho e à evolução moral e espiritual, pois ao Espírito não é dado permanecer obstinadamente na improdutividade, sem que venha a sofrer o impacto da lei de causa e efeito. Importa, assim, esperar pacientemente que a humanidade simbolizada pela figueira, produza bons frutos, e alcance a sua maturidade espiritual ao implantar entre os homens as excelências do reino de Deus.

Bibliografia: ESE, Cap. XIX, Itens 8, 9 E 10 - As Parábolas - José De Sousa E Almeida - Ed. FEESP, 1995

**A ) Finalidade da adoração - adoração exterior - Vida contemplativa:**

- 1) Que é adoração
- 2) Como se deve adorar a Deus?
- 3) Qual o valor da vida contemplativa perante Deus?

**B ) Prece — politeísmo - sacrifícios:**

- 1) Quais os benefícios da prece?
- 2) Pela prece podemos fazer três coisas: louvar, pedir e agradecer (LÊ. 659). Desenvolva.
- 3) Qual o sacrifício que é abençoado por Deus?

**C ) A parábola da figueira seca:**

- 1) Por que pode-se aplicar esta parábola ao templo de Jerusalém?
- 2) Fale sobre a mensagem essencial desta parábola.
- 3) Qual a relação da figueira seca com a Lei de Adoração?

## 4ª Aula - LEI DO TRABALHO

### A) Necessidade do Trabalho

O trabalho é uma lei da natureza e, por isso, é uma necessidade. A civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque aumenta suas necessidades e os seus prazeres (LE, 674). Como decorrência, o fato de ter que trabalhar concorre para o desenvolvimento de suas potencialidades intelectuais e morais.

O trabalho, no entanto, não se restringe apenas ao esforço de ordem material, porquanto toda ocupação útil é trabalho (LE, 675), sejam atividades intelectuais, sejam morais, e é neste sentido que se diz que o Espírito também trabalha. Em razão da sua natureza corpórea, e objetivando o aperfeiçoamento de sua inteligência, o trabalho é imposto ao homem como condição essencial para o seu desenvolvimento moral e espiritual. Sem o trabalho, o homem permaneceria na infância intelectual (LE, 676), embora, em certos casos, possa também ser considerado como uma expiação, tendo em vista a sua condição evolutiva.

Assim como o homem, os animais também trabalham de acordo com sua inteligência limitada às necessidades da conservação de cada espécie. Seu trabalho também concorre para a realização do objetivo final da natureza, pois todos têm o seu papel a cumprir. Mas, enquanto o trabalho dos animais é meramente instintivo, e portanto sem progresso algum, para o homem tem uma dupla finalidade: a conservação do corpo e o desenvolvimento do pensamento, que é também uma necessidade que o eleva acima de si mesmo (LE, 677).

Nos mundos mais aperfeiçoados o trabalho é menos material, porque a natureza do trabalho é relativa à natureza das necessidades; sendo estas menos materiais, segue-se que menos material será o trabalho a desenvolver-se; ninguém, porém, permanece inativo ou ocioso. Mesmo o homem que possui bens suficientes para assegurar sua subsistência, terá que trabalhar; terá sempre um dever moral a cumprir, um trabalho moral a executar, pois a riqueza poderá tornar-se uma bênção de Deus, desde que bem utilizada em benefício do próximo. Portanto, embora tal situação privilegiada lhe permita ficar dispensado do trabalho material, não o desobriga de ser útil na proporção de seus meios, de aperfeiçoar a sua inteligência ou a dos outros, o que é também um trabalho (LE, 679); segundo a lei natural, cada um deve tornar-se útil, na proporção de suas faculdades.

Os pais devem trabalhar para os filhos e os filhos para os pais, porque Deus fez do amor filial e do amor paterno um sentimento natural, a fim de que, por essa afeição recíproca, os membros de uma mesma família sejam levados a se auxiliarem mutuamente (LE, 681). A Doutrina Espírita esclarece que a paternidade e a maternidade são missões, e que, portanto, competem aos pais a formação do caráter de seus filhos. Da mesma forma existe o amor filial regido por leis divinas, para estimular a afeição àqueles que proporcionaram a vida encarnada aos filhos, e por isso a importância do "honrar pai e mãe". Assim sendo, trabalhar pelos pais, sustentando-os ainda que nas maiores tribulações, é um dever fundamental. É através deste trabalho que muitas consciências se enobrecem ou se perdem quando se buscam saídas fáceis, sem trabalho, como por exemplo o internamento dos pais em asilos.

## **B) Limite Do Trabalho - Repouso**

O limite do trabalho é o limite das forças; não obstante, Deus dá liberdade ao homem (LE, 683); assim, cabe a ele impedir que haja excesso de trabalho, pois todo abuso que se cometa, quer imposto pelo próprio interessado, quer pela sujeição a que submete seu próximo, configurar-se-á em transgressão à lei de Deus.

O homem consciente de seus deveres deverá mobilizar todos os recursos disponíveis ao seu alcance, para evitar a exploração do seu semelhante através de uma sobrecarga de trabalho, concorrendo assim para que haja justiça social.

### **Repouso**

O repouso, constituindo-se em uma lei da natureza, é necessário após o trabalho, não só para refazer as forças do corpo, como também para dar um pouco mais de liberdade ao Espírito, para que possa elevar-se acima da matéria.

O forte deve trabalhar para o fraco; na falta da família, a sociedade deve ampará-lo: è a lei da caridade (LE, 685a). É assim que em uma relação social elevada, os homens devem compensar-se uns aos outros, na busca da fraternidade e na organização de uma sociedade cristã de fato.

A sociedade, através de seus membros, deve organizar-se de tal modo a proporcionar ocupação para todos; além disso, é necessário cuidar da educação do homem: não a educação intelectual, mas a moral, e nem ainda a educação moral pelos livros, mas a que consiste na arte de formar os caracteres, aquela que cria os hábitos, porque educação é conjunto de hábitos adquiridos (LE, 685a).

Assim, trabalhar não é sofrer, mas progredir, evoluir, e portanto, conquistar a felicidade; a Doutrina Espírita propicia a todos quantos queiram trilhar o caminho do bem, diretrizes oportunas quanto ao que fazer com o tempo livre, de modo a conciliar o lazer e o descanso com atividades altruístas que engrandecem espiritualmente.

Bibliografia: LE, 682 a 685ª

## **C) Cuidar do Corpo e do Espírito**

*Amái, pois, a vossa alma, mas cuidai também do corpo, instrumento da alma; desconhecer as necessidades que lhe são peculiares por força da própria natureza, é desconhecer as leis de Deus (ESE, Cap. XVII, item 11).*

Embora Espírito e corpo sejam de naturezas diferentes, ambos coexistem em todos os encarnados. O Espírito possui seus atributos e conquistas, as quais independem do corpo físico; no entanto, o corpo material é que permite a sua manifestação e expressão.

Existem dois sistemas no seio da humanidade com relação aos cuidados do corpo e do Espírito: o dos ascetas, que desejam abater o corpo, e o dos materialistas, que querem diminuir a alma. Ao lado dessas duas correntes, ferve a multidão de indiferentes que, sem convicção nem paixão, amam com tibieza e gozam com parcimônia (ESE, Cap. XVII, item 11).

O Espiritismo vem demonstrar aos homens que tanto o Espírito como o corpo têm valor inestimável, pois para o desempenho das tarefas no plano material importa manter o corpo saudável, enquanto instrumento do Espírito. Do contrário, pode haver um encurtamento da vida física, deixando o Espírito impossibilitado de dar cumprimento ao roteiro traçado para a sua vida.

Por outro lado, não se deve por isso afastar-se do mundo e do convívio com os semelhantes, com receio de contaminações ou de contrair vícios; o mérito do Espírito consiste em viver no mundo, entre criaturas por vezes viciosas, mas reagindo a todas as investidas. Somos homens no mundo e não podemos sacrificar a natureza humana, mas antes considerá-la, respeitá-la enquanto condição de livre expressão do Espírito.

Não deve o homem enfraquecer seu corpo com privações inúteis, com excesso de trabalho e maceração sem propósito, agravando as provas que Deus lhe mandou; ele precisa de todas as suas forças, da plenitude de suas

faculdades orgânicas para cumprir os propósitos de sua encarnação. Torturar voluntariamente o corpo, martirizando-o com trabalho exaustivo é atentatório à lei de Deus, que dá sempre os meios de sustentá-lo e de fortalecê-lo. Debilitar o corpo sem necessidade representa um verdadeiro suicídio, embora indireto.

Os Espíritos ensinam que não há mérito em procurar as aflições, agravando-as por meio de sofrimentos espontâneos, quando isso objetiva satisfazer a própria comodidade, pois se trata de egoísmo e fanatismo. Mas, há mérito quando os sofrimentos e privações têm por fim o bem do próximo. Nesse caso, trata-se da prática da caridade através do sacrifício, pois que sofre-se por uma causa nobre.

Por outro lado, é importante cuidar do Espírito, pois este é eterno e deve-se sempre buscar aprimorá-lo, no sentido de transcender cada vez mais em direção a Deus. Para tanto importa cultivar as virtudes cristãs que enobrecem e elevam o Espírito, tornando-o portanto mais feliz.

Embora sendo o corpo mera vestimenta da alma, importa dispensar-lhe máxima atenção, e isso se faz primordialmente cuidando da saúde. Terá que responder pela abreviação da vida todo aquele que mergulha nos vícios terrenos, tais como o uso abusivo de bebidas alcoólicas, do fumo, do sexo, sem contar as aberrações pelo uso de entorpecentes que embotam os sentidos, solapam a saúde e levam muitas pessoas ao crime e ao suicídio. Aniquilar o corpo é retardar a evolução do Espírito.

Bibliografia: ESSE, Cap. XVII, item 11

## QUESTIONÁRIO

### **a) Necessidade do trabalho:**

- 1) Desenvolva: Sem o trabalho, o homem permaneceria na infância intelectual (LE, 676).
- 2) Em que se diferenciam o trabalho dos animais e o trabalho dos homens?
- 3) Qual a relação da Lei do Trabalho com o amor filial?

### **b) Limite do trabalho - repouso:**

- 1) A necessidade do repouso é uma lei natural?
- 2) Qual a relação da caridade com a Lei do Trabalho?
- 3) Como o Espiritismo encara o trabalho?

### **c) Cuidar do corpo e do espírito:**

- 1) Qual a diferença entre o pensamento dos ascetas e o dos materialistas?
- 2) Deve-se enfraquecer o corpo com privações e macerações para ser agradável a Deus?
- 3) Qual a importância da saúde do corpo para o Espírito?

## 5ª Aula - LEI DE REPRODUÇÃO

### **A) População do Globo - Sucessão e Aperfeiçoamento das Raças - Obstáculos à Reprodução**

#### **População do Globo**

Partindo do princípio que Deus criou os Espíritos simples e ignorantes, para alcançarem, através de múltiplas experiências em corpos físicos, a perfectibilidade, deduz-se que sem a reprodução, o mundo corpóreo pereceria (LE, 686). Portanto, a lei de reprodução dos seres vivos é também uma Lei Natural, fundamental no mundo corpóreo para a reprodução de formas físicas, que assim preenche uma necessidade no mecanismo da evolução espiritual.

Contudo, não se deve disso deduzir que, havendo uma progressão constante de corpos físicos para dar cumprimento ao princípio reencarnatório, o mundo material possa vir a ter uma população excessiva, cuja saturação levaria à escassez de meios e recursos de sobrevivência. Deus a isso provê, mantendo sempre o equilíbrio. (...) O homem que só vê um ângulo do quadro da Natureza, não pode julgar da harmonia do conjunto (LE, 687).

### **Sucessão e Aperfeiçoamento das Raças**

Existem raças humanas que estão decrescendo paulatinamente, e momento virá em que terão desaparecido do planeta; outras tomarão o seu lugar, assim como outras ainda um dia tomarão o lugar das atuais. Assim, raças primitivas de outrora serão apenas lembranças históricas que deram lugar a novas raças, que por sua vez envelhecerão e terão que ser substituídas.

E assim que, utilizando seu livre-arbítrio e assumindo sempre novas responsabilidades, o homem vai aperfeiçoando sua raça, aprimorando seu corpo físico e substituindo os caracteres distintos das raças primitivas, tais como a força bruta e as paixões, pelos sinais das raças superiores, onde predominam a inteligência e o amor. Mas, embora as raças humanas passem por esse processo de burilamento, os Espíritos que nelas encarnam são os mesmos seres que voltaram para se aperfeiçoar em novos corpos, mas que ainda estão longe da perfeição (LE, 689). Quando esses Espíritos ascenderem a mundos superiores, seus descendentes estarão mais aperfeiçoados, assim como os homens atuais, que descendem de seres selvagens dos tempos primitivos.

As raças animais e os vegetais podem ser aperfeiçoados pela Ciência, porque tudo se deve fazer para chegar à perfeição, correspondendo assim aos objetivos da Criação. O próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir os Seus fins. Sendo a perfeição o alvo para que tende a Natureza, o favorecer a sua conquista é corresponder àqueles fins (LE, 692).

Nesta caminhada, ante a exigência biológica e as ilusões sensoriais em constante confronto com os anseios de sublimação do Espírito, o homem regula ou entrava a marcha da natureza, ora infringindo, ora obedecendo à Lei de Reprodução.

### **Obstáculos à Reprodução**

A reprodução dos seres vivos é uma Lei Natural e corresponde a uma necessidade no mecanismo da evolução; mas, isto não significa que seja proibido ao homem adotar certas precauções para regulá-la, pois tudo depende da necessidade de tal medida. A reprodução excessiva de determinadas plantas ou animais, por exemplo, pode se revelar nociva e prejudicial à sobrevivência do homem; neste caso, pode-se perfeitamente impedir-lhes a reprodução, pois a ação inteligente do homem é um contrapeso posto por Deus entre as forças da Natureza para restabelecer-lhes o equilíbrio, e isso também o distingue dos animais, pois ele o faz com conhecimento de causa (LE, 693a), ao regular os mecanismos de reprodução conforme suas necessidades. Os próprios animais concorrem para a harmonia e o equilíbrio dos seres vivos pois, ao se nutrirem das espécies animais e vegetais segundo seus instintos de conservação, detêm o desenvolvimento excessivo de tais espécies.

Em se tratando dos obstáculos à reprodução, importa discernir os motivos pelos quais o homem põe barreiras à reprodução, em razão de sua própria condição espiritual; quando a não observação da Lei de Reprodução se traduz por uma ação meramente sensual, mostrando a predominância da matéria sobre o Espírito, revela-se sua condição de inferioridade. Deste modo, quando o homem impede a reprodução, entervando ou não a marcha da natureza, deve-se observar a intenção da ação, pois há diferença fundamental entre regular e entervar esta lei; cabe ao homem utilizar seu livre-arbítrio, distinguindo os limites de uma ou de outra ação.

Muito embora a Lei de Reprodução seja necessária aos mundos corpóreos, onde por força da matéria imperam os instintos de natureza animal, os Espíritos, para fazerem juz aos mundos superiores, portanto, de natureza mais espiritual, devem aprender a direcionar o impulso sexual, sublimando-o paulatinamente e de tal forma, que possam transformá-lo em novas fontes de energia.

Bibliografia: LE, 686 a 694

## **B) Casamento e Celibato – Poligamia**

### **Casamento**

O casamento monogâmico revela progresso na marcha da humanidade, porque é a regulamentação social do instituto familiar, que por vezes permite o reencontro de Espíritos antagônicos, os quais procuram ajustar-se na conquista de novos valores; é na convivência diária, no seio da família que se eliminam as dissensões, e que muitas vezes se cumprem as provas e se realizam expiações; mas, acima de tudo, no casamento se fortalecem os



laços afetivos, a solidariedade fraterna, propiciando o reencontro de Espíritos felizes. Enquanto lei civil, encontra-se a prática do casamento disseminada entre a maioria dos povos, embora nas mais diversas formas e condições, sempre de acordo com os valores culturais de cada sociedade.

Abolir o casamento seria, portanto, o retorno à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de alguns animais, que lhe dão o exemplo das uniões constantes (LE, 696). A união permanente de dois seres implica em regime de assistência mútua, sendo necessário que esta ligação tenha por base sólida a responsabilidade, o amor, a fraternidade, bem como as obrigações decorrentes da união em si.

A indissolubilidade absoluta do casamento é uma lei humana, contrária à lei natural e como tal passível de modificações, pois os homens podem modificar suas leis: somente as naturais são imutáveis.

Deste modo, à luz da Doutrina Espírita conclui-se ser o casamento, enquanto lei civil baseada na afeição recíproca, o esteio da família, propiciando aos Espíritos que a formam um clima acolhedor, uma convivência de paz, de trabalho edificante, de alegria e fraternidade, cujos benefícios estender-se-ão, no futuro, a toda a humanidade.

### **Celibato**

O celibato caracteriza-se pelo ato de renúncia ao casamento, geralmente por motivos religiosos ou beneméritos, mediante juramento ou voto sagrado. Neste sentido ele tem seus méritos perante Deus, desde que alimente o sincero propósito de melhor servir à coletividade. Diz respeito àqueles Espíritos que, ao reencarnarem, optaram por canalizar suas forças íntimas a serviço de seus semelhantes; renunciaram à união afetiva para melhor se dedicarem ao seu próximo, direcionando suas energias sexuais para uma finalidade sublime, de cunho espiritual: o trabalho anônimo da caridade. Todo sacrifício pessoal visando ao bem e sem segunda intenção egoísta eleva o homem acima de sua condição material (LE, 699).

Contudo, quando o celibato é um ato voluntário tendo como finalidade a fuga das responsabilidades que a constituição familiar exige, não pode ser considerado o estado ideal: os que vivem assim por egoísmo, desagradam a Deus e enganam a todos (LE, 698).

### **Poligamia**

É o matrimônio de um com muitos. Polígamo é o que tem mais de um cônjuge ao mesmo tempo.

A poligamia é um costume que, introduzido em certa época por motivos econômicos — aumento de braços para o trabalho grátis nos clãs — já não se justifica; é uma lei humana, produto mais da sensualidade do que da verdadeira afeição, cuja abolição representa uma conquista social para a humanidade.

Contudo, tal prática ainda é encontrada no seio de alguns povos, remanescente de épocas passadas, embora sujeita a uma legislação especial, apropriada aos costumes e valores culturais de cada sociedade; porém, o gradativo aperfeiçoamento social irá aos poucos alterando tais costumes.

Como forma de união, tal prática não corresponde aos desígnios de Deus, visto que jamais foi possível generalizar-se, face à igualdade numérica aproximada entre os sexos, pois tudo tem um fim na natureza (LE, 700). A ordem natural, condizente com a espécie humana é a monogamia, visto que, tendo por base a união permanente dos seres, permite que se estabeleçam entre ambos, condições afetivas necessárias para acolher Espíritos em vias de reencarnar.

(OBS.: A poligamia pode ser: poliginia ou poliandria. Poliginia é o casamento do homem com muitas mulheres; polígino é o homem que tem muitas mulheres. Poliandria é o casamento da mulher com diversos homens; poliandra é a mulher que tem mais de um marido ao mesmo tempo.)

Bibliografia: LE, 695 a 701

## **C) Indissolubilidade do Casamento - Divórcio Indissolubilidade Do Casamento**

*Portanto, não separe o homem o que Deus juntou. Replicaram-lhe eles (a Jesus): Pois por que mandou Moisés dar o homem à sua mulher carta de divórcio e repudiá-la? Respondeu-lhes: Porque Moisés, pela dureza de vossos corações, vos permitiu assim (Mateus, 19:3-9).*

Os fariseus viviam fazendo indagações capciosas a Jesus, com o intuito de fazê-lo cair em contradição com as leis promulgadas por Moisés. O diálogo acima reflete esta intenção oculta dos interlocutores em relação à indissolubilidade do casamento. O Evangelho Segundo o Espiritismo (Cap. XXII) elucida claramente este colóquio evangélico, ao explicar que somente as leis de Deus são imutáveis e, portanto, válidas em todos os tempos e em todos os povos. As que são promulgadas pelos homens, são passíveis de alteração, e variam em cada época e em cada nação, modificando-se paulatinamente de acordo com o progresso alcançado; conseqüentemente, o que é moral num determinado país, pode ser considerado imoral em outro.

Porém, é preciso analisar o casamento em sua dupla natureza, a divina e a humana, para apreender toda a extensão que este ensinamento de Jesus revela: embora o casamento seja o cumprimento de leis civis, necessárias entre povos civilizados, a união conjugal em si, enquanto relação afetiva, é de ordem divina, porquanto necessária para a renovação dos corpos físicos, e é neste sentido que se deve entender este diálogo com os fariseus. A lei de Deus revela a necessidade dos seres se unirem não somente pelos laços carnis, mas principalmente pela afinidade de sentimentos, extensível aos filhos resultantes desta união. Portanto, quando Jesus replicou aos fariseus não separe o homem o que Deus juntou, estava certamente referindo-se à lei do amor, de natureza divina, e não à lei civil dos homens, instável no seu conteúdo.

Quando um homem e uma mulher se unem por laços de afeto mútuo e afinidade entre si, essa união é, por si só, indissolúvel, porque está de acordo com as leis de Deus. Caso contrário, quando predominam os interesses puramente materiais, é origem de decepções, dores e sofrimentos, por contrariar a lei de amor; ao passo que os laços de afinidade espiritual e de mútuo afeto são indissolúveis e resistem a todas as fraquezas da condição humana.

### **Divórcio**

O divórcio, enquanto lei humana, não é condenável perante as leis de Deus, pois ele trata de legitimar o que já está separado, isto é, regular separações onde não há amor, mas somente interesses materiais. Jesus Cristo não estabeleceu a indissolubilidade do casamento; apenas disse que isso acontecia devido ao endurecimento dos corações, admitindo que a separação poderia acontecer somente em casos de adultério, onde não há o verdadeiro amor.

O fato de Jesus considerar adúlteros tanto o homem quanto a mulher repudiada, com referência à lei de Moisés, foi uma alternativa, objetivando fazer o homem sentir as conseqüências que o seu ato originava, pois, como adúltero, ele também era passível de ser enquadrado nas severas leis vigentes na época, quando se prescrevia o apedrejamento em praça pública como punição apenas para mulheres adúlteras. Isto significa que, desde os tempos de Moisés, não sendo a mútua afeição o motivo único do casamento, a separação podia tornar-se necessária (ESE, Cap. XXII, item 5).

Contudo, convém lembrar que a Doutrina Espírita é bastante clara quanto à seriedade do vínculo matrimonial, pois, com a união, o casal assume compromissos sérios para o reajuste próprio e, particularmente, no que diz respeito aos filhos. É preciso reconhecer que uma separação representa uma transferência de compromissos, portanto, de débitos agravados. Todo casamento que se dissolve representa a desestruturação familiar, cuja separação é simplesmente um paliativo. Neste caso, o divórcio é o mal menor; é a lei dos homens que vem separar o que já está separado, oferecendo ao casal a oportunidade de recompor suas vidas e legalizar sua nova posição perante a sociedade.

Convém ressaltar que, mais importante que se recorrer ao divórcio para situações que atingiram tal proporção de desentendimentos, importa garantir a estabilidade matrimonial através da compreensão mútua, companheirismo e tolerância, estabelecendo assim no lar o clima propício para que os filhos resultantes dessa união possam ter exemplos edificantes. Bibliografia: ESE, Cap. XXII, itens 1 a 5

Bibliografia: ESE, Cap. XXII, itens 1 a 5

### **QUESTIONÁRIO**

#### **a) População do Globo — Sucessão e Aperfeiçoamento das Raças — Obstáculos à Reprodução:**

- 1) Por que a Reprodução é também uma Lei Natural?
- 2) Como entender a sucessão e o aperfeiçoamento das raças?

3) As ações humanas que resultam em obstáculos à reprodução são contrárias à Lei Natural?

**B ) Casamento e Celibato - Poligamia:**

- 1) Qual seria o efeito da abolição do casamento sobre a sociedade?
- 2) Como se caracteriza o celibato? Comente.
- 3) Qual sistema é mais de acordo com a Lei natural: a poligamia ou a monogamia? Explique.

**C) Indissolubilidade do Casamento-Divórcio:**

- 1) O que é de natureza divina e o que é de natureza humana no casamento?
- 2) Comente a afirmação de Jesus: "Logo, não separe o homem o que Deus juntou".
- 3) Como a Doutrina Espírita encara o divórcio?

## 6ª Aula - LEI DE CONSERVAÇÃO

### A) Instinto de Conservação - Meios de Conservação

**Instinto De Conservação**

O instinto de conservação é também uma lei da natureza, pois a vida no corpo físico é necessária ao aperfeiçoamento dos seres vivos; sem este instinto, não suportariam as dificuldades terrenas, imprescindíveis à sua evolução. Todos os seres vivos o possuem, qualquer que seja o grau de inteligência; nuns é puramente mecânico e noutros é racional (LE, 702).

Portanto, partindo-se da premissa de ser o instinto de conservação inerente a todos os seres vivos, deduz-se ser ele a base do direito de viver, o primeiro de todos os direitos naturais dos homens.

**Meios De Conservação**

A providência divina jamais deixa de proporcionar ao homem os meios de sua subsistência, uma vez que a própria natureza é pródiga no que diz respeito às necessidades de conservação da vida material. Contudo, embora a terra ofereça condições para tal, o abuso, a negligência e o egoísmo do homem agridem de tal forma o meio ambiente, acarretando prejuízos para si próprio e à coletividade. Consequentemente, o próprio homem é responsável quando há escassez de recursos, ao contrariar a lei divina que provê os meios de conservação da vida.

Em conformidade com os desígnios de Deus, a terra produz e sempre produzirá o necessário para a manutenção de todos; mas é preciso que o homem trabalhe corretamente, sem abusar dos recursos que a natureza lhe oferece. Se ele não encontra à sua volta os meios necessários à sua subsistência, é por falta de compreensão. Deus não podia dar ao homem a necessidade de viver sem lhe dar também os meios. É por isso que faz a terra produzir, de maneira a fornecer o necessário a todos os seus habitantes, pois só o necessário é útil; o supérfluo jamais o é (LE, 704).

O solo é a fonte primeira de onde se originam todos os outros meios de subsistência, entendendo-se que tais meios são apenas transformações dos produtos do solo. Deste modo, deve-se entender por bens da terra aqueles bens que o homem pode usufruir em sua vida. Pela transformação de tais produtos, obtém o necessário para o seu conforto e do seu semelhante; usufrui de melhor qualidade de vida, que irá lhe permitir condições adequadas para desenvolver-se intelectualmente; nesta gradação, o homem reconhecerá não só seus próprios deveres, mas principalmente os direitos do seu próximo; tal encadeamento progressivo redundará na sua elevação moral.

Contudo, é preciso ressaltar que, para uns faltam meios de subsistência, enquanto que para outros sobram; tal situação é fruto não só da ganância e egoísmo dos homens como também da indolência de muitas criaturas, que se entregam ao desânimo ante os obstáculos naturais do seu ambiente. Compete a cada criatura viver em consonância com os desígnios de Deus, enfrentando as adversidades com fé, perseverança e trabalho. Buscai e achareis; estas palavras não querem dizer que seja suficiente olhar para a terra afim de encontrar o que se deseja, mas que é necessário trabalhar com ardor e perseverança... (LE, 707).

O próprio avanço da civilização multiplica as necessidades da vida, mas também multiplica as fontes de trabalho e os meios de subsistência, proporcionando à humanidade condições para seu desenvolvimento intelectual e moral. Mas, levado ainda pelas suas imperfeições, o homem procura a vida oposta àquela que a natureza lhe proporciona: o desejo de acumular sempre o que lhe é supérfluo, o que contraria frontalmente as leis naturais, pois todos têm seu lugar ao sol, desde que não se apropriem do que pertence ao próximo. É neste sentido que não se deve responsabilizar a natureza quando há escassez de recursos de subsistência, mas sim como fatores decorrentes da ambição e egoísmo das próprias criaturas.

Contudo, existem situações em que os meios de subsistência não dependem absolutamente da vontade do homem, quando submetido a provações e sofrimentos. É o caso das provas muitas vezes difíceis, onde o mérito maior está na submissão à vontade divina, caso sua inteligência não lhe permita contornar tais dificuldades. Por isso, aqueles que, em determinadas situações críticas, se veem obrigados a sacrificar o semelhante para saciar a fome, não têm atenuantes e muito menos uma justificativa imposta pelo instinto de conservação; o mérito está antes em sofrer todas as vicissitudes terrenas com coragem e abnegação.

Quanto aos mundos mais elevados, os seres que os habitam também necessitam de alimentação, mas as substâncias que compõem tais alimentos são relativas à natureza de cada mundo e respectivos habitantes. Deste modo, a Lei de Conservação intui a todas as criaturas o conhecimento de que a vida é uma dádiva divina e que seu dever, acima de tudo, é preservá-la. Portanto, não lhe cabe o direito de menosprezar ou eliminar, nem a vida de seu semelhante, nem a sua própria.

Bibliografia: LE, 702 a 710

## **B) Necessário e Supérfluo - Privações Voluntárias - Mortificações**

### **Necessário e Supérfluo**

Todo homem ponderado, ciente de seus deveres para com o próximo, identifica facilmente, através da sua intuição, o limite entre o que lhe é necessário à sua subsistência, e o que lhe é supérfluo; a própria natureza encarrega-se de lhe prover o necessário, através do seu trabalho. Contudo, muitos chegam a reconhecer este limite somente após dolorosas experiências; e se existem criaturas que não se contentam com o que lhes bastam, é porque são insaciáveis.

Quando o homem ultrapassa o limite de suas necessidades, desejando os excessos, sofre as consequências de seus atos egoístas, pelo imperativo da lei de ação e reação. As doenças, a decadência, a própria morte que são a consequência do abuso, são também a punição da transgressão da lei de Deus (LE, 714a). A ambição desmedida altera a constituição orgânica, propicia os vícios, cria necessidades fictícias, muitas vezes difíceis de serem satisfeitas, levando os homens a quedas morais irreversíveis.

Aqueles que se apoderam avidamente de bens terrenos, transgridem as leis divinas e, portanto, terão que responder pelas privações que houverem causado ao seu próximo. Os que vivem à custa das privações alheias exploram os benefícios da civilização em proveito próprio; não têm de civilizados mais do que o verniz, como há pessoas que não possuem da religião mais do que a aparência (LE, 717).

### **Privações Voluntárias**

A Lei de Conservação obriga o homem a prover as necessidades do corpo, porque sem força e saúde tornar-se-ia impossível o seu trabalho. Portanto, não se pode censurá-lo quando procura o seu bem-estar, pois procurar seu conforto é uma conduta plenamente natural. Deus só proíbe o abuso quando se configura em uma transgressão à Lei de Conservação, quando se conquista algo a expensas de alguém ou que venha a debilitar suas forças morais e físicas.

Há privações voluntárias como, por exemplo, dos prazeres inúteis, que nada acrescentam ao progresso moral e intelectual; tais privações tem o seu valor perante Deus porque levam o homem ao desapego da matéria e lhe elevam o Espírito; do mesmo modo, há mérito também no ato de abster-se do necessário para dar aos que nada tem.

Existem pessoas que, de acordo com a religião a que pertencem, privam-se voluntariamente dos prazeres da vida; desde a Antiguidade, povos mortificam-se no ascetismo, abstêm-se de certos alimentos, mutilam-se ou torturam o corpo, na certeza de que tais sacrifícios os ajudariam a elevar-se ante Deus. Mas, é uma atitude desarrazoada, qualquer que seja o seu pretexto ou disfarce, pois que prejudica a quem a pratica. Submeter-se a privações no trabalho pelos outros é a verdadeira mortificação, de acordo com a caridade cristã (LE, 721).

Alguns legisladores houveram por bem proibir o consumo de certos alimentos, objetivando certamente a uma determinada finalidade e, para dar maior credibilidade à suas leis, apresentaram-nas como advindas de Deus. Entretanto, faz-se necessário esclarecer que ao homem é permitido alimentar-se de tudo o que não lhe prejudique a saúde, mesmo no caso de alimentação animal; devido à sua constituição física, onde a carne nutre a carne, é dado ao homem a liberdade de nutrir-se ainda da alimentação animal, segundo o exige sua organização, a fim de conservar suas energias e sua saúde, para que possa cumprir a Lei do Trabalho (LE, 723).

### **Mortificações**

O mesmo ocorre em relação às mutilações operadas no corpo das criaturas ou dos animais; as leis de Deus não comportam o que seja inútil e nocivo. O que eleva a alma ao Criador são os sofrimentos naturais que visam ao bem-estar do próximo. Ao invés de fustigarem inutilmente seus corpos, por que não trabalham, antes, em favor dos seus semelhantes? Que visitem o indigente, consolem o que chora, trabalhem pelo que está enfermo, sofram privações para o alívio dos infelizes, e então sua vida será útil e agradável a Deus (LE, 726).

Sintetizando a orientação da Doutrina Espírita em relação à Lei de Conservação, conclui-se que: O instinto de conservação foi dado a todos os seres contra os perigos e os sofrimentos (...) E os Espíritos orientam ainda a todos aqueles que desejam viver consoante as leis de Deus: Fustigai o vosso Espírito e não o vosso corpo, mortificai o vosso orgulho, sufocai o vosso egoísmo (...) e fareis mais pelo vosso adiantamento do que por meio de rigores que não mais pertencem a este século (LE, 727).

Bibliografia: LE, 715 a 727

## **C) Provas Voluntárias — Verdadeiro Cilício**

*Torturar e martirizar, voluntariamente, o vosso corpo é contrariar a lei de Deus que vos dá os meios de o sustentar e fortalecer, enfraquecê-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio. Usai, mas não abuseis, tal a lei (ESE, Cap. V, 26).*

### **Provas Voluntárias**

No que diz respeito às provas, poder-se-ia questionar se seria lícito, perante as leis divinas, as criaturas procurarem amenizar seus sofrimentos. Esta questão assemelha-se àquela em que se indaga se é permitido ao que se afoga, procurar salvar-se; ao que se feriu em um espinho, retirá-lo e ao que está doente, procurar ajuda médica. As provas a que os Espíritos encarnados estão submetidos têm por objetivo exercitar a inteligência, a paciência e a resignação. Isto porque normalmente os Espíritos encarnam em situações difíceis justamente para serem obrigados a procurar os meios de superar seus limites e vencer as dificuldades inerentes à condição humana.

O que o homem jamais deve fazer é entregar-se à negligência, ao desânimo e muito menos revoltar-se contra o mundo em que vive. A Terra, embora morada de expiação e dor, prima pelo equilíbrio e harmonia que regem suas leis naturais; e em que pese os males e sofrimentos dos seres que a habitam, prossegue favorecendo a vida em sua renovação contínua, impulsionando o progresso e sustentando as esperanças da humanidade. Portanto, está no próprio homem compreender e aceitar os desígnios de Deus, pois o mérito consiste em suportar sem lamentação as consequências dos males que não se podem evitar, em perseverar na luta, em não se desesperar se não for bem-sucedido ... (ESE, Cap. V, item 26).

Em decorrência da consolação de Jesus contida no Sermão da Montanha — Bem-aventurados os aflitos — tem-se o seguinte questionamento: será meritório, então, procurar agravar as próprias aflições através de sofrimentos voluntários, para fazer jus a esta bem-aventurança? Se o objetivo é apenas satisfazer o egoísmo ou atender a exigências fanáticas, levando as pessoas a se recolherem em retiros, macerando seus corpos e impondo-se sofrimentos sem nenhuma finalidade útil ou nobre, não há mérito algum. Torturar, martirizar o

corpo é atentatório às leis de Deus, e aqueles que enfraquecem seus organismos dessa maneira estão fadados a fracassarem em suas provas terrenas.

Há mérito, porém, perante Deus quando os sofrimentos e as privações voluntárias têm por objetivo o bem do próximo, porque é a caridade pelo sacrifício (ESE, Cap. V, 26). Assim, a bem-aventurança indicada por Jesus está condicionada não só ao sofrimento resignado, sem revolta, mas acima de tudo àquele sofrimento que se impõe para aliviar as dores do próximo. Os aflitos a que se refere Jesus são, portanto, os humildes, os arrependidos de seus erros e decididos a se regenerarem pela reforma íntima e pelo trabalho voltado para o amor e a caridade.

### **O Verdadeiro Cilício<sup>1</sup>**

O verdadeiro cilício é aquele que se pratica em favor do próximo, ao colocar seus próprios interesses e comodidades em favor do seu semelhante, num gesto de desprendimento e abnegação. Quando o homem impõe-se a si mesmo sofrimentos de qualquer espécie com o objetivo de aliviar seu próximo; quando suporta frio e fome para aquecer e alimentar alguém necessitado; quando deixa seus aposentos para levar consolação a um lar aflito, quando vela à cabeceira de um doente, tudo isso representa o verdadeiro cilício abençoado por Deus.

Vós, enfim, que usais vossa saúde na prática de boas obras, eis vosso cilício, verdadeiro cilício de bênçãos, porque as alegrias do mundo não secaram vosso coração (ESE, Cap. V, item 26). Pelo fato de o homem estar consciente de que os sofrimentos são, muitas vezes, consequências de erros praticados em vidas passadas, não deve ver nisso motivo para não se conder da dor alheia e não mostrar disposição para auxiliar o próximo. Pelo contrário, deve sempre intuir quais os meios que Deus lhe colocou às mãos para suavizar o sofrimento do seu irmão, para consolá-lo e dar-lhe o amparo moral e material de que necessita.

Assim, o verdadeiro cilício consiste no sacrifício que tem por finalidade o progresso espiritual; mortificar o Espírito e não o corpo, significa combater o orgulho, aceitar as humilhações sem revolta, sufocando o amor-próprio eivado de orgulho. Aí tendes o verdadeiro cilício, cujas feridas vos serão contadas, porque elas atestarão vossa coragem e submissão à vontade de Deus (ESE, Cap. V, item 6).

BIBLIOGRAFIA: ESE, Cap. V, item 26.

### QUESTIONÁRIO

#### **a) Instinto de Conservação - Meios de Conservação:**

- 1) Como a Doutrina Espírita aborda o instinto de conservação?
- 2) O que se deve entender por bens da terra?
- 3) Por que faltam meios de subsistência para alguns, mesmo em meio à abundância?

#### **b) Necessário e Supérfluo — Privações Voluntárias e Mortificações:**

- 1) Como pode o homem conhecer o limite do que lhe é necessário?
- 2) Pode-se censurar aqueles que procuram o conforto material e o bem-estar?
- 3) Existem privações voluntárias meritórias perante Deus? Discorra.

#### **C) Provas voluntárias — O verdadeiro cilício:**

- 1) É lícito ao homem amenizar suas próprias provas?
- 2) Como explicar a afirmação de Jesus: Bem-aventurados os aflitos?
- 3) Em que consiste o verdadeiro cilício?

---

<sup>1</sup> Cilício: pequena túnica, cinto ou cordão, de crina ou de lã áspera, ou de arame fino eriçado de pontas que se traz sobre a pele para mortificação ou penitência. Por extensão, tormento, martírio ou sacrifício voluntário.



## 7ª Aula - LEI DE DESTRUIÇÃO

### A) Destruição Necessária e Abusiva – Flagelos Destruidores

#### Destruição Necessária

A destruição é uma lei da Natureza, porque é necessário que tudo se destrua para renascer e se regenerar; porque isso a que chamais destruição não é mais que a transformação, cujo objetivo é a renovação e melhoria dos seres vivos (LE, 728). Esta questão deixa bem clara a ideia de que a Lei da Destruição é tão somente parte complementar do processo evolutivo de todas as coisas e seres do Universo e que, portanto, cumpre um desígnio providencial de Deus.

Assim é que a palavra "destruição" tem aqui um significado maior e mais abrangente do que o próprio termo supõe, pois, a destruição recíproca dos seres vivos parece, à primeira vista, não estar de acordo com a bondade e a justiça divina. Ao invés do sentido literal de "aniquilamento", é preciso entendê-la enquanto transformação, renovação tanto física quanto moral, que se presta aos desígnios do Criador. O homem, enquanto inteligência finita, submetido que está aos estreitos limites da matéria, consegue abarcar apenas alguns pormenores dessa realidade transcendental da natureza divina e, portanto, não tem a compreensão global das leis eternas e imutáveis do Criador.

O ciclo biológico da vida: destruição, renascimento e regeneração, é uma transformação contínua que visa ao aperfeiçoamento dos seres vivos; é um vir-a-ser ininterrupto, onde cada ciclo representa apenas facetas combinadas entre si, que compõem a manifestação de um todo indestrutível: o princípio inteligente. Assim, o que se destrói sob o imperativo desta Lei, é tão somente o invólucro exterior, a parte material que serve de instrumento de trabalho para o Espírito, que o molda e o adequa segundo suas condições evolutivas. Este invólucro se destrói aqui, para renovar-se mais adiante, em outras existências, transmudando-se em instrumento mais aperfeiçoado, mais adequado às novas exigências do Espírito, que estará também mais enriquecido e capacitado para exigir formas de manifestação mais condizentes com sua realidade espiritual.

Muito embora se destrua a matéria numa primeira instância, permanece, contudo, a essência espiritual que se aperfeiçoa em cada corpo material, que se regenera ao submeter-se a tais transformações, e este é o objetivo da Lei de Destruição: promover os ajustes necessários para que tudo se renove, pois que tudo se encadeia e tudo é harmonia e equilíbrio nas Leis da Natureza; deste modo, até mesmo no que para a visão circunscrita do homem pareça ser destruição, há o comando de uma inteligência superior, que tudo encaminha à Lei do Progresso.

Para se nutrirem, os seres vivos destroem-se entre si, mas apenas para obedecer ao equilíbrio natural decorrente das Leis de Conservação e de Destruição conjugadas. Muito embora a destruição, enquanto transformação, seja imprescindível para a regeneração dos seres, a natureza lhes dá os meios de preservação e conservação para que nada ocorra antes do tempo justo; se assim não fosse, a destruição não seria então renovação, já que estaria entravando o desenvolvimento do princípio inteligente, prematuro então para tais progressos.

O homem deve procurar prolongar a sua vida para cumprir a sua tarefa. Foi por isso que Deus lhe deu o instinto de conservação e esse instinto o sustenta nas suas provas (LE, 730). O instinto de conservação faz com que o homem passe a repelir a ideia da morte e pelo prolongamento de sua vida; deste modo cabe tão somente a aproveitar ou não as oportunidades de crescimento que a jornada terrestre proporciona.

Em mundos mais evoluídos, onde as condições da existência material são mais depuradas, as Leis Morais são adequadas aos seus habitantes conseqüentemente, a Lei de Destruição também é mais branda, e estará sempre diretamente relacionada com o desenvolvimento intelectual e moral dos seres que habitam tais mundos.

#### Destruição Abusiva

A destruição que ultrapassar os limites de segurança e necessidade, como o da caça enquanto mero lazer, por exemplo, revela o atraso moral do Espírito, pois que toda destruição sem um objetivo útil denota uma transgressão às Leis de Deus. O homem tem direito de destruição sobre os seres inferiores da Criação, como os animais e as plantas, a fim de prover sua nutrição e segurança; mas o abuso desse direito, por interesse econômico, poder ou crueldade, é prejudicial, e ele responderá pelos seus excessos. Toda destruição que ultrapassa os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus (LE, 735).



Por outro lado, o escrúpulo exagerado na preservação de animais ou plantas pode levar à idolatria e ao fanatismo, gerando medo e superstição; portanto, tal preservação não chega a ser um mérito para o homem, que estará entretendo seu progresso espiritual.

### **Flagelos Destruidores**

Para se entender porque ocorrem os flagelos destruidores é preciso abstrair-se das coisas puramente materiais que compõem o curto espaço de uma encarnação, para adentrar através do pensamento no contexto da vida espiritual. Só assim o homem verá que até mesmo na destruição existe harmonia e equilíbrio, enquanto transformação regenerativa, porque tudo revela uma necessidade evolutiva que escapa aos olhos materiais, e que tudo tem uma razão de ser.

Dessa perspectiva, os flagelos são apenas transtornos inevitáveis no processo geral de evolução do planeta, porque eles propiciam, de um lado, a regeneração moral dos Espíritos, e de outro, a aceleração do progresso intelectual da humanidade. Tais flagelos naturais como as inundações, as intempéries que obstruem a agricultura, os terremotos, vendavais etc., são agentes transformadores da Terra, e que por certo haverão de ser amenizados no futuro, quando o homem, já mais espiritualizado, souber respeitar as leis da natureza.

Os homens de bem que sucumbem aos abalos físicos não sofrem tanto quanto os que ainda estão em condição moral inferior, pois após a desencarnação em tais circunstâncias têm consciência da transitoriedade da matéria e compreendem que a verdadeira vida é a do Espírito. Deus concede ao homem, certamente, outros meios de apressar o seu progresso, que não necessariamente tais flagelos, através do conhecimento do bem e do mal; contudo, a própria condição humana impede ao homem compreender a extensão da misericórdia divina.

Os flagelos destruidores, portanto, representam tão somente ajustes, que fazem parte do perfeito mecanismo dos mundos que povoam o Universo, onde cada inteligência tem o seu papel a cumprir, segundo os impulsos das leis divinas, que mantêm a unidade na Criação. Apesar do aparente mal que ocasionam, determinam significativas mudanças físicas, porque frequentemente alteram as condições de uma determinada região, proporcionando, no futuro, melhores condições de aproveitamento para a humanidade. Consequentemente, beneficiam fisicamente o planeta, não apenas pela renovação de seus elementos, mas principalmente porque despertam no homem, pela dor, sua consciência religiosa, tanto para os que desencarnam em circunstâncias traumáticas, quanto para os que vivenciam as consequências dolorosas de tal devastação.

Os flagelos são provas que proporcionam ao homem a ocasião de exercitar a inteligência, de mostrar sua paciência e sua resignação ante a vontade de Deus, ao mesmo tempo que lhe permitem desenvolver os sentimentos de abnegação, de desinteresse próprio e de amor ao próximo, se ele não for dominado pelo egoísmo (LE, 740).

Além dos flagelos naturais, há os que decorrem da imprudência e ignorância do próprio homem, como o desmatamento, as poluições ambientais, a fome, a guerra etc. À medida que seus conhecimentos se alargam, que a Ciência se coloca ao seu alcance, o homem concebe meios adequados de prevenção ou neutralização de tais flagelos. É assim que o caminho evolutivo a ser percorrido pelo Espírito será a conquista, não apenas da inteligência, que irá lhe conferir o bem-estar material ao contornar os transtornos físicos, mas principalmente promover a caridade, a fraternidade e a solidariedade entre todos seus irmãos, para assegurar finalmente seu bem-estar moral.

Bibliografia: LE, 728 a 741

## **B) Guerras - Assassínio - Crueldade - Pena de Morte**

### **GUERRAS**

Ao contrário dos flagelos naturais, as guerras são provocadas pelo egoísmo e pela dureza dos sentimentos do homem. Neste caso, a destruição caracteriza-se como sendo abusiva porque atenta contra a vida dos seus semelhantes, revelando toda a inferioridade e a ignorância do ser humano das leis divinas. Os povos ainda primitivos em seu desenvolvimento espiritual não conhecem outro direito que não seja o do mais forte; por isso,

a guerra para eles é tida como sendo um estado normal; porém, quando estes povos evoluírem e souberem promulgar suas leis de acordo com as leis de Deus, haverá então a fraternidade entre todos os homens.

Quando a Humanidade atingir tal patamar evolutivo, a guerra tornar-se-á necessária apenas para fundamentar as bases da liberdade e da evolução, pois este é o objetivo do Criador ao torna-la um mal necessário. Porém, todo aquele que incentivar a guerra objetivando apenas interesses pessoais, movido pelo egoísmo e pela ambição, será culpado pelas consequências que dela advier e necessitará de muitas existências para expiar todos os assassinios de que foi causa, porque responderá por cada homem cuja morte tenha causado para satisfazer sua ambição (LE, 745).

### **ASSASSÍNIO**

O assassinio sempre se constitui em grave crime perante as leis divinas, pois todo aquele que tira a vida do seu semelhante interrompe uma existência de expiação ou de missão; e nesta interrupção está justamente o dano maior, ao provocar o término de uma jornada evolutiva, que poderia ser promissora. Deve-se também, até mesmo nos casos de legítima defesa, evitar a morte do agressor, pois a vida é uma benção e não compete ao homem abreviá-la, em nenhuma circunstância.

Podem ocorrer também diferentes graus de culpabilidade em tais casos; em determinadas circunstâncias, o peso da falta irá recair mais na intenção do agressor do que na consumação do fato em si, pois a justiça divina a tudo provê. No caso de assassinatos praticados durante a guerra, o homem só não é culpado quando constrangido pela força, mas responderá pelas crueldades que possa vir a praticar; seu sentimento humanitário será levado em conta no âmbito da justiça divina.

O parricídio (assassinio do pai, ou da mãe, ou de qualquer ascendente) e o infanticídio são igualmente condenáveis perante Deus, porque em ambos os casos existe a interrupção da vida de um semelhante, constituindo-se em um ato de agressão à maior dádiva que Deus concede ao homem: o direito de viver. Contudo, certas civilizações, embora já tenham atingido notável grau de desenvolvimento intelectual, fazem do infanticídio um costume habitual, consagrado inclusive pela legislação vigente. De tal fato lamentável extrai-se o ensinamento contido nas Leis Morais de que nem sempre o progresso intelectual acompanha o progresso moral; assim, o desenvolvimento intelectual não acarreta a necessidade do bem; o Espírito de inteligência superior pode ser mau, é aquele que muito viveu sem se melhorar (LE, 751).

### **CRUELDADE**

O sentimento de crueldade representa o que há de pior no instinto de destruição; porém, é preciso salientar que se a destruição é, por vezes, uma necessidade circunstancial, não significa ser ela um endosso para que a crueldade se manifeste. Esta é sempre o resultado da má índole de algumas criaturas atrasadas moralmente, preocupadas apenas com seu bem-estar social.

A crueldade se apresenta de forma predominante em povos primitivos, porque para eles a matéria se sobrepõe ao Espírito. Em decorrência, deixam-se dominar pelos seus instintos selvagens e, por não aspirarem a outras necessidades além das impostas pelo corpo físico, só se interessam pela sua sobrevivência pessoal; conseqüentemente, são presas fáceis do sentimento de crueldade que tanto assola os seres humanos.

Estes povos, por terem ainda pouco desenvolvimento moral, entregam-se à influência de Espíritos igualmente imperfeitos, que se comprazem no sofrimento de suas vítimas. Tal cumplicidade entre os Espíritos e os encarnados será enfraquecida a partir do momento em que povos mais adiantados moralmente venham anular esta influência negativa. Mas é preciso esclarecer que se a crueldade se manifesta, é tão somente porque o senso moral não está devidamente desenvolvido, mas não que está ausente: porque ele existe, em princípio, em todos os homens; é esse senso moral que os transforma mais tarde em seres bons e humanos. Ele existe no selvagem como o princípio do aroma de uma flor que ainda não se abriu (LE, 754).

Os Espíritos inferiores podem encarnar entre pessoas mais evoluídas, na esperança de progredirem mais depressa, mas geralmente a prova se lhes torna penosa; sua natureza inferior os domina, e por isso tornam-se cruéis para com aqueles que já sabem viver pacificamente. Contudo, sob o imperativo da Lei do Progresso, eles evoluirão gradativamente; aos poucos, as leis humanas, mais e mais centradas nas leis divinas, limitarão a ação dos maus, até que estes se sintam totalmente deslocados. Assim é que impulsionados pelo mecanismo evolutivo

que rege o Universo, os homens de índole cruel renascerão inúmeras vezes, em invólucros cada vez mais de acordo com suas necessidades evolutivas.

### **PENA DE MORTE**

A pena de morte já existia entre os povos primitivos. No Código de Hamurabi, o mais antigo documento legislativo de que se tem notícia, promulgado por volta do ano 2000 a.C., já se previa a pena de morte para determinadas infrações. E no decorrer da história da Humanidade, inúmeros Espíritos foram vítimas desse assassinato legal: Sócrates, Giordano Bruno, Joana D'Arc, o próprio Jesus Cristo e tantos outros.

Comparando-se este passado histórico com a atual civilização, torna-se necessário admitir que, embora as leis sociais ainda deixem muito a desejar, grande foi o progresso moral da Humanidade, ao restringir, entre alguns povos, a pena de morte, limitando a sua aplicação. Uma observação mais atenta e notar-se-á um novo espírito humanitário a beneficiar o acusado de um crime, mesmo aquele reconhecidamente culpado, em relação ao que se aplicava em tempos passados.

Embora a Lei de Conservação atribua ao homem o direito de preservar a própria vida, ele não deverá usar esse direito para eliminar da sociedade um membro considerado perigoso; o próprio homem descobrirá outros meios de se preservar do perigo, sem ser o de matar. A pena de morte fecha ao réu as portas do arrependimento, frustrando-lhe as oportunidades de renovação; cabe ao homem a obrigação moral de proporcionar àquele que errou a oportunidade de corrigir seus erros.

A pena de morte que deverá ser banida das sociedades civilizadas, jamais foi uma necessidade, mesmo entre os povos mais antigos; porém, o homem sempre julga uma coisa necessária, quando não encontra nada melhor. Mas, à medida que se esclarece vai compreendendo melhor o que é justo ou injusto, e repudia os excessos cometidos nos tempos de ignorância, em nome da justiça (LE, 762).

"Quem fere pela espada, por ela será ferido", disse Jesus (Mt 26:52), corroborando a Lei de Ação e Reação amplamente explicada pela Doutrina Espírita, segundo a qual cada um deve responder pelos seus atos perante Deus. Muitas vezes, grandes criminosos resgatam seus erros em prolongadas e dolorosas reencarnações, com enfermidades incuráveis, ou renascendo em corpos mutilados. O importante é saber que a justiça divina é equitativa e que ninguém jamais fica impune; os crimes cometidos têm que ser resgatados de uma forma ou de outra, para que os Espíritos infratores aprendam a assimilar a Lei de Deus que prescreve o "amor ao próximo como a si mesmo".

E esta superação, este evoluir incessante que faz com que o Espírito, enquanto princípio inteligente individualizado, ao submeter-se às renovações gradativas das encarnações, aflore suas potencialidades enquanto essência inteligente do Universo.

Bibliografia: LE, 742 a 765

### **C) Não Vim Trazer a Paz, Porém a Divisão**

"Julgais que eu tenha vindo trazer paz à Terra? Não, eu vos afirmo; ao contrário, vim trazer a divisão" (Lucas, 12:51). Torna-se sumamente difícil um confronto entre essas incisivas palavras pronunciadas por Jesus quando, de modo geral, encontram-se nos Evangelhos apenas palavras de brandura e de tolerância; por isto, é necessário não se ater às palavras em si, mas captar a essência moral que elas encerram. O sentido profundo destas palavras decorre da certeza que o Mestre tinha de que sua doutrina não se implantaria entre os homens sem lutas e dissensões. Numerosos conflitos surgiriam no mundo em seu nome, diferentes religiões cresceriam à sombra do seu Evangelho, desvirtuando seus ensinamentos em favor de interesses particulares.

Em defesa dos dogmas e sistemas religiosos ultrapassados, lutas fratricidas surgiriam na face da Terra, usando-se o nome de Cristo como justificativa; espadas seriam desembainhadas, dividindo famílias, provocando discórdias entre todas as nações. Jesus veio trazer a divisão à Terra, na medida em que alerta os homens para a consciência de seus erros, destruindo as ervas daninhas da intolerância; somente assim a doutrina de amor por

Ele revelada poderia se implantar sobre os escombros das antigas concepções religiosas que, em vez de unir, separavam as criaturas.

Dessas palavras incisivas de Jesus extrai-se o ensinamento de que "espada" significa o instrumento renovador que não compactua com os erros humanos, nem contemporiza com as falhas voluntárias daqueles que desejam manter o mundo acorrentado a tradições inócuas, vivendo sob a égide da superstição, do medo e do fanatismo.

É importante notar que o Cristianismo surgiu quando o paganismo já entrava em declínio e se debatia contra as luzes da razão. Sócrates, o grande filósofo grego, também propagou uma doutrina até certo ponto com acentuada analogia à de Cristo; entretanto, ela não prevaleceu no seio de um dos povos mais inteligentes da Terra, porque não havia chegado o seu tempo. Ele semeou seus princípios religiosos numa nação despreparada moralmente, em função da grande aceitação dos cultos e dos costumes pagãos.

Jesus veio trazer a divisão, porque proclamava uma doutrina que solapava, pela base, os abusos em que viviam os fariseus e os saduceus, escribas e sacerdotes daquele tempo, e por isto foi levado ao Calvário, julgando os homens que matando o idealista, aniquilariam a ideia; esta porém sobreviveu, porque estava alicerçada sobre a verdade, e tomou vulto porque correspondia aos desígnios de Deus. Por força de suas ideias renovadoras, Cristo foi visto pelos romanos como um revolucionário qualquer, que vinha subverter a ordem social vigente.

A espada renovadora de Cristo incita o homem à luta, não pelo derramamento de sangue, mas a luta interior de cada um, a árdua luta contra seus próprios inimigos: o orgulho, a vaidade e o egoísmo. Se Jesus usou palavras meigas e consoladoras para com os pequeninos e pobres de espírito, se prometeu a bem-aventurança aos aflitos, aos famintos e aos sequiosos de justiça, também soube usar de palavras cortantes e incisivas para com os escribas e fariseus de todas as épocas, que mantêm o povo na ignorância e no fanatismo.

Não creiais que a doutrina se estabeleça pacificamente; ela conduzirá a lutas das quais meu nome será pretexto, porque os homens não me terão compreendido, ou não terão querido me compreender; os irmãos, separados por suas crenças, tirarão a espada um contra o outro e a divisão reinará entre os membros de uma mesma família que não tiverem a mesma fé (ESE, Cap. XXIII, item 16).

Desta passagem evangélica extrai-se o ensinamento que os homens devem se compenetrar de que somente pela luta em prol do aprimoramento moral é que a Humanidade poderá assimilar a essência das Leis Morais que regem a harmonia do Universo. Assim como a destruição, a guerra e os flagelos são instrumentos desencadeadores de evolução, também esta divisão a que se refere Jesus se faz necessária para que o Espírito possa alçar novos vôos em direção ao seu destino imortal.

Bibliografia: ESE, Cap. XXIII, itens 9 a 18.

## QUESTIONÁRIO

### **A) Destruição Necessária e Abusiva - Flagelos Destruidores:**

- 1) Comente por que a destruição se constitui em uma lei da Natureza.
- 2) Em quais circunstâncias a destruição é abusiva?
- 3) Como entender a ação dos flagelos destruidores?

### **b) Guerras - Assassínio - Crueldade - Pena de Morte:**

- 1) Qual o objetivo das leis divinas ao tornar a guerra necessária?
- 2) Como se explica que em meio às civilizações mais adiantadas existam criaturas às vezes tão cruéis quanto os selvagens?
- 3) A pena de morte constitui-se em transgressão às leis de Deus? Por quê?

### **c) Não Vim Trazer a Paz, Porém a Divisão:**

- 1) Explique a assertiva de Jesus: "Não vim trazer a paz, mas a espada".
- 2) Por que as ideias de Sócrates não prosperaram?
- 3) Explique por que as ideias de Jesus eram consideradas revolucionárias.

## 8ª Aula - LEI DE SOCIEDADE

### A) Necessidade da Vida Social - Vida de Isolamento - Voto de Silêncio Necessidade da Vida Social

#### Necessidade da Vida Social

"O homem é um animal social", já dizia com acerto Aristóteles, querendo com isso dizer que ele não basta a si mesmo, mas foi criado para conviver com seus semelhantes. A sociabilidade é uma tendência natural e obedece ao imperativo da Lei do Progresso que rege a Humanidade. E na vida de relação que o homem desenvolve-se, enriquece-se e satisfaz os anseios de compartilhar que caracterizam a natureza do seu espírito.

Deus fez o homem para viver em sociedade. Deus não deu inutilmente ao homem a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação (LE, 766). Todos os Espíritos foram criados perfectíveis, e no itinerário da perfectibilidade todos precisam uns dos outros, pois não há como desenvolver as potencialidades, burilar as faculdades morais e intelectuais senão no convívio social, na permuta constante de afeições, conhecimentos e experiências. Nenhum homem dispõe de faculdades completas e é pela união social que eles se completam uns aos outros, para assegurarem o seu próprio bem-estar e progredirem. Eis porque, tendo necessidade uns dos outros, são feitos para viver em sociedade e não isolados (LE, 768).

A Lei de Sociedade impulsiona o homem à comunhão, à solidariedade, ao amor. Quando Jesus recomenda o amor ao próximo, tal mandamento revela que a natureza do Espírito é o amor, o qual só existe quando manifesto, exteriorizado. Desta forma a Lei de Amor implica necessariamente a Lei de Sociedade; é na vida social que se revela a essência divina que habita o Espírito humano.

#### Vida de Isolamento

Concebe-se como princípio geral que a vida social esteja nas leis da natureza. No entanto, mesmo que o homem encontre satisfação na vida de isolamento, não pode viver uma consciência feliz aquele que não é útil a ninguém, que vive para si mesmo tão somente, sem concorrer para o bem-estar da sociedade. Aqueles que vivem em reclusão absoluta para fugirem ao contato pernicioso do mundo estão assumindo, na verdade, uma atitude de egoísmo. E mesmo aquele que se isola com o fim de expiar faltas, também incide em erro, de vez que o isolamento faz a pessoa cair em outro mal, o da omissão, pois deixa de praticar a lei do amor e da caridade. Fazer maior bem que o mal que se tenha feito, essa é a melhor expiação (LE, 770a).

Já aqueles que se afastam do bulício citadino, buscando no retiro a tranquilidade reclamada por certa natureza de ocupação, assim como os que se recolhem a determinadas instituições fechadas para se dedicarem, amorosamente, ao socorro dos mais necessitados, embora afastados da convivência social prestam excelentes serviços à sociedade, adquirindo duplos méritos, porquanto, além da renúncia às satisfações mundanas, têm a seu favor a prática das Leis do Trabalho e da Caridade.

#### Voto de Silêncio

O silêncio facilita a concentração e comunicação com os Espíritos, os quais aguardam momentos de recolhimento que lhes facultem a sintonia devida na realização de tarefas; no entanto, seu abuso é que não é tolerável. O voto de silêncio prescrito por algumas seitas desde a Antiguidade, é contrário à Lei Natural, pois restringe a vida de relação.

Aqueles que se submetem a estas privações voluntárias, embora tenham boa intenção, sempre têm seu mérito, embora não compreendam as leis de Deus. O voto de silêncio absoluto, da mesma maneira que o voto de isolamento, priva o homem das relações sociais que lhe podem fornecer as ocasiões de fazer o bem e de cumprir a lei do progresso (LE, 772). Na verdade, sabe-se que Jesus, um modelo para toda a humanidade, nunca evitou a convivência com criaturas boas ou más; ao contrário, viveu no mundo procurando valorizar todas as oportunidades de ser útil, de trabalhar, amar e servir.

Bibliografia: LE, 766a-772.

## B) Laços de Família

Embora o homem seja um "animal social", como já foi dito, ele tem uma vida moral mais importante e mais útil entre os seres da Criação; os animais ao crescerem desprendem-se de seus pais, porque eles, por viverem tão somente a vida material, têm por princípio único o instinto de conservação de cada espécie, ao passo que o homem tem uma destinação sublime: o progresso contínuo. Deste modo, os laços de família, por serem mais duradouros, permitem o estreitamento dos elos afetivos, impulsionando em cada grupo familiar seus membros a amarem-se uns aos outros, atendendo assim aos desígnios de Deus.

No entanto, alguns homens, levados pelo fato dos animais abandonarem suas crias, concluem não serem os laços familiares mais do que o resultado de hábitos sociais adquiridos, e não uma lei da própria natureza. Contudo, a necessidade intrínseca de evoluir transcende os limites de meras necessidades físicas por efeito de aprendizado; dessa perspectiva, as Leis Sociais são necessárias ao ciclo evolutivo do ser humano, mas, os laços de família são absolutamente básicos e fazem parte imprescindível do aperfeiçoamento moral de cada um. É por isso que os laços familiares devem sempre ser mais fortes do que os laços sociais, pois são eles que vão permitir o desenvolvimento fraterno que deve haver entre verdadeiros irmãos.

Os liames sociais são necessários ao progresso e os laços de família resumem os liames sociais; eis por que eles constituem uma lei natural. Deus quis que os homens, assim, aprendessem a amar-se como irmãos (LE, 774). Muitos pensadores, filósofos, estudiosos do comportamento humano confirmam esta assertiva dos Espíritos: Herbert Spencer, filósofo inglês (1820-1903), considerou a família como uma instituição que dá forma à vida social. Auguste Comte, filósofo francês (1798-1857), por sua vez, considerou a família como célula básica, o embrião e o modelo da sociedade, de maneira que esta somente é perfeita quando se estrutura na família. John Dewey, filósofo e pedagogo norte-americano (1859-1952), também acentuou a importância do lar na organização e na preparação da vida social.

O valor e a importância da família crescem, de fato, quando são enfocados sob o ângulo da Doutrina Espírita, pois aprende-se na Codificação que o casamento, marco inicial da constituição da família, representa um progresso conquistado pelo homem em busca de sua perfectibilidade. Portanto, deve-se evitar o relaxamento dos laços familiares, porque implicam, ao invés do amor, no desenvolvimento do egoísmo, retardando assim o ciclo evolutivo da Humanidade.

Ensinam os Espíritos que é na família e através dela, que se dá o burilamento das almas, segundo o princípio da reencarnação. Essa tarefa deve ser realizada com seriedade e responsabilidade, pois não é por acaso que determinadas criaturas são reunidas numa mesma família. O espírita não pode permitir que seu lar seja simplesmente uma morada, mas um local acolhedor onde se encontram almas necessitadas de desenvolver sentimentos de amor e de perdão, onde os Espíritos se re-fazem das lutas de cada dia e se ajudam, fraternalmente, trabalhando por um futuro melhor.

Bibliografia: LE, 773 a 775

## C) Piedade Filial

*Honrai vosso pai e vossa mãe* (Marcos, 7:10; Mt 15:4; Lc 18:20).

Um dos mandamentos contidos no Decálogo prescreve a necessidade de honrar pai e mãe, o que implica em dar-lhes todo o afeto possível, em todas as fases de suas vidas, e principalmente na velhice, retribuindo assim em parte os desvelos e as preocupações que tiveram na infância dos filhos. É evidente que aquele que assim não proceder, estará amealhando pesados encargos para si na vida futura, através de novas reencarnações.

A ingratidão é um dos deslizes humanos que mantém o mais íntimo parentesco com o egoísmo, tomando dimensão diferente quando é cometida pelos filhos, em relação a seus pais. Muitos chegam ao ponto de colocarem seus pais idosos nos aposentos mais obscuros da casa onde residem, não lhes dando nenhum tipo de conforto, quando não os internam em casas de idosos ou asilos, para que eles não os incomodem em seus lares. Muitos filhos dão aos pais o estritamente necessário para poderem sobreviver, ao passo que eles próprios de nada se privam. É sobretudo para os pais sem recursos que se demonstra a verdadeira piedade dos filhos.



O mandamento "honrar vosso pai e vossa mãe " é um corolário da lei geral da caridade e do amor ao próximo, já que não pode amar o seu próximo aquele que não ama seus pais. O vocábulo "honrai" encerra um dever a mais para com eles: o da piedade filial. Deus quis mostrar com isso que, ao amor, é preciso acrescentar o respeito, as atenções, a submissão e a condescendência, o que implica a obrigação de cumprir para com eles, de um modo mais rigoroso ainda, tudo o que a caridade manda para com o próximo (ESE, Cap. XIV, item 3).

Há, em verdade, certos pais que se descuidam de seus deveres para com os filhos. A estes, porém, não cabe censurá-los ou puni-los, pois talvez eles mesmos tenham dado causa ao menosprezo dos pais. Se a caridade cristã sublima a retribuição do mal com o bem, a indulgência com as imperfeições alheias, o perdão das ofensas e o amor ao próximo até mesmo aos inimigos, essa obrigação é ainda bem maior em relação aos pais.

Os filhos devem, pois, tomar por regra de conduta para com os pais todos os preceitos de Jesus concernentes ao próximo, e lembrar que todo procedimento repreensível em face de estranhos o é ainda mais em face dos parentes; e que o que talvez não fosse senão uma falta no primeiro caso, pode vir a ser um crime no segundo, porque, então, à falta de caridade se junta a ingratidão (ESE, Cap. XIV, item 3).

Bibliografia: ESE, Cap. XIV, item 3.

## QUESTIONÁRIO

### **A) Necessidade da Vida Social - Vida de Isolamento - Voto de Silêncio:**

- 1) O homem é um "animal social". Desenvolva.
- 2) A vida de isolamento absoluto é condenável? Comente.
- 3) Que pensar do voto de silêncio?

### **B) Laços de Família:**

- 1) O que é mais importante ao aperfeiçoamento moral: os laços de família ou os laços sociais?
- 2) Como encaram alguns pensadores os laços de família?
- 3) Como deve ser o lar, segundo a Doutrina Espírita?

### **C) Piedade Filial:**

- 1) Como proceder no sentido de "honrar pai e mãe"?
- 2) Não pode amar o próximo aquele que não ama seus pais. Comente.
- 3) Em que consiste a piedade filial?

## **9ª Aula - LEI DO PROGRESSO**

### **A) Estado Natural - Marcha Do Progresso**

#### **Estado Natural**

O estado natural é um estado primitivo, a infância da Humanidade e o ponto de partida do desenvolvimento moral e intelectual do homem. Sendo perfectível, este, porta em si potências a serem desenvolvidas, pois seu destino é a sua superação, a sua transcendência contínua. O estado natural é transitório e o homem o deixa pelo progresso e a civilização. A lei natural, pelo contrário, rege toda a condição huma-na e o homem se melhora na medida em que melhor compreenda e melhor pratica essa lei (LÊ. 776).

Esse progresso consiste na acumulação de experiências incessantes que se acrescentam à sua bagagem espiritual, pois ele deve progredir sem cessar e não pode voltar ao estado de infância (LE, 778); caso contrário, seria negar sua própria natureza. Alguns chegam a afirmar que se o homem continuasse na sua situação primitiva seria mais feliz, pois com o progresso acabaria criando mais necessidades e aumentando suas tribulações. No entanto, há pessoas que não compreendem. E ser feliz à maneira dos animais. As crianças também são mais felizes que os adultos (LE, 777).

#### **Marcha do Progresso**

Nem todos progridem da mesma forma e ao mesmo tempo; os mais adiantados ajudam os retardatários, através do convívio social, no decorrer de milênios, pela pluralidade das existências. Não há dúvida de que o



desenvolvimento da inteligência leva o homem ao discernimento do bem e do mal, e conseqüente amadurecimento do senso moral, aumentando assim a responsabilidade de seus atos; no entanto, somente a inteligência não conduz o homem a um progresso de fato.

Porém, gradativamente, a criatura compreenderá que seu desequilíbrio é fruto dos abusos de sua inteligência utilizada para o mal, e assim é que, no somatório dos seus atos bons, adquirirá o senso moral. No futuro, a moral e a inteligência se equilibrarão, fazendo com que o homem tenha a compreensão do conjunto. Compreenderá ele, então, que as leis de Deus querem o bem para todos e não para o mais forte em prejuízo do fraco.

Os que tentam impedir o progresso agem como a pedra sob uma roda; retardam o seu andamento, mas acabam esmagados por ela. Quando, entretanto, um povo não evolui naturalmente, o progresso pode lhe advir através de abalos físicos ou morais.

(...) O Espiritismo reconhece a necessidade desses movimentos periódicos de agitação natural, quer dos elementos, quer dos povos, para a realização do progresso. Mas os admite como fatos naturais e não como criações artificiais a que os homens devam dedicar-se, em obediência a doutrinas revolucionária. O que ele ensina é que o homem deve colocar-se, nesses momentos, acima de seus mesquinhos interesses pessoais para ver em sua amplitude a marcha irresistível do progresso.

As revoluções morais e sociais infiltram-se pouco a pouco nas ideias e germinam ao longo dos séculos, acabando por destruir o edifício mal construído de uma civilização. Muitos não compreendem estes períodos de transição, em que a desordem e a confusão parecem ser a ordem das coisas. Porém, tal qual uma casa em reforma, que após terminadas as obras, tudo volta ao seu lugar em melhores condições, assim acontece, também, com as civilizações que desabam, para darem lugar a outras, mais em harmonia com as novas necessidades e aspirações. Portanto, o progresso é uma condição da natureza humana que pode ser retardado, mas não asfixiado.

O maior obstáculo ao progresso moral é o orgulho e o egoísmo; a ambição e a paixão pelo poder e pelas riquezas até favorecem o desenvolvimento da inteligência, mas sem amor, ela é infrutífera. Quando o homem perceber que as necessidades apenas materiais não lhes satisfazem as aspirações mais íntimas, ele reverá seus conceitos e princípios materialistas, passando a acreditar numa felicidade ainda desconhecida, fora dos bens terrenos, mas infinitamente maior e mais durável, e que, para alcançá-la, precisa desenvolver seu sentimento e senso moral.

Bibliografia: LE, 776a 785

## **B) Povos Degenerados - Civilização**

A história da humanidade mostra vários povos que após se sobressaírem com seus feitos, retornaram ao estado de barbárie. O progresso intelectual conduz ao progresso moral através da compreensão do bem e do mal, pois então o homem pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio segue-se ao desenvolvimento da inteligência e aumenta a responsabilidade do homem pelos seus atos (LE, 780a).

Isso se explica pelo fato de que os componentes dessa civilização responsáveis por essa barbárie, já eram degenerados. Os que não o eram, passaram para povos mais condizentes com seu grau evolutivo e continuaram a progredir; Espíritos menos adiantados juntaram-se aos que não estavam ainda preparados para a mudança. Aqueles que, por sua vez, progredirem, cederão lugar para outros e é assim que sucessivamente se processa a migração na evolução dos povos e dos planetas.

Há povos que, por motivos vários, são recalcitrantes, mas nem por isso ficarão à margem do progresso. Após sucessivas reencarnações, chegarão a uma condição mais elevada — esta é a lei. A humanidade é formada de individualidades coletivas que constituem cada povo e, tal qual o homem, também passam pelo estado infantil, da idade madura e a decrepitude. A exemplo dos povos da Antiguidade, as nações mais adiantadas da atualidade também terão o seu declínio.

Os povos que só vivem materialmente, cuja grandeza se firma na força e na extensão territorial, crescem e morrem, porque a força de um povo se esgota como a de um homem; aqueles cujas leis egoístas atentam contra o progresso das luzes e da caridade morrem, porque a luz aniquila as trevas e a caridade mata o egoísmo. Mas há para os povos, como para os indivíduos, a vida da alma, e aqueles cujas leis se harmonizam com as leis eternas do Criador viverão e serão o farol dos outros povos (LE, 788).

A humanidade progride mais depressa quando homens esclarecidos impõem-se pelo número, tomam a frente e arrastam os outros, e de tempos em tempos surgem homens de gênio, depois homens com autoridade moral e ainda profetas que, como instrumentos de Deus, em alguns anos, fazem avançar séculos no seu desenvolvimento.

Assim como cada criatura individualmente, povos antropófagos e selvagens serão um dia civilizados, e povos conquistadores e cruéis serão também, povos cultos e altruístas. Deste modo, as diferenças entre os povos diminuirão, e os governos estabelecerão leis mais justas e sábias para os novos costumes e necessidades. Quando o homem tomar por base para suas leis a lei de Deus, então a civilização terá atingido seu estágio mais alto, e os povos praticarão, uns para com os outros, as leis de amor e caridade em toda a sua plenitude. Não haverá mais injustiças; os homens viverão felizes e em paz, porque ninguém viverá às custas de outrem.

Bibliografia: LE, 786 a 789

### **C) Ajuda-te que o Céu te Ajudará**

*Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á; porque todo aquele que pede recebe, e quem busca acha, e a quem bate abrir-se-á (Mateus, 7:7-8).*

Esta passagem do Evangelho implica em dizer que todo aquele que se esforça pelo seu próprio aprimoramento, que não se acomoda nem mesmo diante dos maiores obstáculos, faz jus ao amparo e à sustentação da Espiritualidade. Na infância da Humanidade, o homem apenas cogitava de prover a sua própria subsistência, buscando alimento, agasalho e armas para combater seus inimigos. Deus, porém, deu-lhe algo mais: deu-lhe o desejo incessante de melhorar, buscando novas aquisições, através das descobertas, das invenções e do aperfeiçoamento científico.

Frente a estes desenvolvimentos, o homem conseguiu desenvolver a inteligência e depurar o mal. Às necessidades do corpo, sucederam as do Espírito, e ele se deparou com a contingência de demandar não só o alimento material, mas também o espiritual; assim, do estado de selvageria passou a desfrutar da civilização. Contudo, os Espíritos não vêm isentar os homens do trabalho, pois este os dignifica, impulsionando-os na senda do progresso, sempre em busca de um mais completo aperfeiçoamento. Das palavras de Jesus, deduz-se que não basta pedir, é necessário dar algo de si, jamais ficar estático, esperando milagres. As criaturas devem mover seus braços e pernas para não se atrofiarem, devem exercitar o cérebro para que este corresponda às necessidades do Espírito.

Jesus disse em seu Evangelho que, embora sendo os homens ainda inferiores, sabem dar boas dádivas aos seus filhos; com melhor e mais forte razão, o Pai celestial dará dádivas generosas a seus filhos, que vivem constantemente dirigindo suas súplicas aos Céus. Tais palavras de Jesus são incisivas na demonstração da extensão do amor de Deus pelas Suas criaturas. Entretanto, faz-se necessário esclarecer que, para merecer o amparo e a ajuda divina, é imprescindível que se tenha desprendimento e amor ao próximo, podendo assim contar com a generosa ajuda dos mensageiros espirituais.

Importa predispor a interioridade para acolher a sustentação do Plano Espiritual, através de uma conduta elevada, bons pensamentos e sentimentos nobres. Para que os bons Espíritos possam intervir é importante fazer-se por merecer, através da sintonia devida, com as esferas elevadas da espiritualidade.

Bibliografia: ESE, Cap. XXV

### **QUESTIONÁRIO**

#### **A) Estado Natural — Marcha do Progresso:**

- 1) Qual a diferença entre estado natural e lei natural?
- 2) Como se explica que, por vezes, os povos mais intelectualizados serem pouco evoluídos moralmente?
- 3) Como explicar, à luz do Espiritismo, os movimentos periódicos de agitação natural?

#### **B) Povos Degenerados — Civilização:**

- 1) Povos mais adiantados poderão voltar ao estado de barbárie?

- 2) Como se processa a migração na evolução dos povos?
- 3) Qual a importância das revoluções morais e sociais para a evolução dos povos?

**C) Ajuda-Te Que o Céu Te Ajudará:**

- 1) Explicar a máxima: "Ajuda-te que o Céu te ajudará".
- 2) O que significa: "A cada um será dado segundo suas obras"?
- 3) Basta pedir para ser ajudado?

## 10ª Aula - LEI DO PROGRESSO

### A) Progresso da Legislação Humana

A sociedade poderia ser regida somente pelas leis naturais, sem o recurso das leis humanas, se os homens as compreendessem bem e quisessem praticá-las; então, seriam suficientes. Mas a sociedade tem as suas exigências e precisa de leis particulares (LE, 794). Mesmo quando o homem atingir uma civilização superior e completa, esta não será feita apenas de grandes descobertas tecnológicas e de invenções sofisticadas, mas em função do desenvolvimento moral do seu povo.

Progredir não é esperar pelo auxílio divino, acreditando o homem que tudo lhe será dado; é modificar-se através do amor, do trabalho intenso, em um processo dinâmico; não é ficar indiferente às fragilidades próprias da condição humana ou às condições adversas da natureza. E despertar para a vida do Espírito, para a conscientização da responsabilidade individual, para a brevidade e finalidade da vida terrena, como simples instante de trabalho do ser em evolução, o qual deve aprimorar-se ao infinito.

A legislação humana existe, portanto, para salvaguardar o direito dos mais fracos contra os mais fortes, que abusam de sua condição. A lei natural é imutável e sempre a mesma para todos; a lei humana é variável e progressiva: somente ela pode consagrar, na infância da Humanidade, o direito do mais forte (LE, 795).

Em civilizações mais avançadas, as leis do amor e da caridade serão praticadas espontaneamente. A cupidez, egoísmo e orgulho não serão tão acentuados, pois as preocupações tenderão a ser mais de ordem moral do que material. Em princípio, haverá o predomínio da bondade, da boa-fé e generosidade, o que permitirá que a inteligência se desenvolva com mais liberdade e facilidade de expressão. Não serão tão expressivos os preconceitos de raça ou de cor, nem de castas, nem de nascimentos e, portanto, não haverá privilégios, já que tanto os últimos como os primeiros hão de ter os mesmos direitos e obrigações. Em tais povos, a justiça não será tão parcial: o fraco encontrará apoio no mais forte; as crenças e opiniões serão respeitadas. Não haverá tanto sofrimento, nem doença e todos estarão conscientes de que a felicidade decorrerá do merecimento de cada um.

No entanto, somente a educação e o conhecimento das leis de Deus, desde a infância, serão capazes de direcionar o homem para atingir tal grau de progresso através da prática do bem e, assim, as leis não precisarão ser tão rigorosas. Isso acontecerá naturalmente pela força das circunstâncias e com ajuda de indivíduos que se elevam acima da maioria e conduzem a humanidade no caminho da perfeição.

### B) Influência do Espiritismo no Progresso

A Doutrina Espírita, ao trazer à luz o Cristianismo redivivo, inaugura a civilização do Espírito que caracterizará o terceiro milênio, e se tornará uma crença comum e marcará uma nova era na História da Humanidade, porque pertence à natureza e chegou o tempo em que deve tomar lugar entre os conhecimentos humanos (LE, 798). Tem, no entanto, grandes lutas a sustentar: no campo científico, mais contra preconceitos do que contra as teorias; no campo religioso, mais contra os preceitos morais em si; no campo filosófico, sua luta será sempre maior contra o intelectualismo, que contra as sábias e reais aspirações humanas.

Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz os homens compreenderem onde está o seu verdadeiro interesse. A vida futura não estando mais velada pela dúvida, o homem compreenderá melhor que pode assegurar o seu futuro através do presente. Destruindo os preconceitos de seita, de casta e de cor ele ensina aos homens a grande solidariedade que os deve unir como irmãos (LE, 799). É assim que, no futuro, os contraditores do Espiritismo, achando-se mais e mais isolados, acabarão por pensar como a maioria, visto que todo princípio racional há de ser universal.

Poder-se-ia questionar por que os Espíritos não aceleram o progresso com manifestações patentes, de forma a conduzir os mais incrédulos. Importa considerar que não é apenas através dos fenômenos sensíveis, que se atingirá a convicção da civilização da razão que está por vir. São importantes fundamentos racionais que venham de fato legitimar a autoridade não apenas fenomênica, mas sobretudo moral, que caracteriza a essência da Doutrina Espírita. Não vedes ainda hoje os homens negarem os fatos mais patentes que se passam aos seus olhos? Não tendes os que não acreditariam, mesmo quando vissem? Não, não é por meio de prodígios que Deus conduzirá os homens. Na sua bondade, Ele quer deixar-lhes o mérito de se convencerem através da razão (LÊ. 802).

Bibliografia: LE, 798 a 802.

### **C) Dai a César o que é de César**

Senhor, sabemos que sois verdadeiro, e que ensinais o caminho de Deus pela verdade, sem considerar a quem quer que seja, porque não considerais a aparência nos homens; dissei-vos, pois, vosso conselho sobre isto: é nos permitido pagar o tributo a César, ou não pagá-lo?

Mas Jesus, conhecendo a sua malícia, lhes disse: Hipócritas, por que me tentais? Mostrai-me a peça de dinheiro que se dá para o tributo. E tendo eles lhes apresentado uma moeda, Jesus- lhes disse: De quem é esta imagem e esta inscrição? De César, disseram-lhe. Então Jesus lhes respondeu: Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus (Marcos, Cap. XII, 13 a 17).

Todos os ensinamentos de Jesus foram calcados no próprio contexto social dos judeus. Essa questão dos fariseus foi proposta a Jesus no sentido de tentá-lo a negar a lei humana em função da mosaica; foi motivada pelo fato de os judeus se recusarem a pagar o imposto aos romanos, fazendo disso uma questão religiosa. Estava claro tratar-se de uma cilada, a pergunta era uma cilada, pois esperavam com isso incitar contra Jesus a autoridade romana.

Ao afirmar dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus, percebe-se uma clara distinção entre as leis dos homens e a lei de Deus. Aquelas são particulares e restringem-se às instituições, ao passo que esta é universal e, portanto, irrestrita. A lei de Deus está isenta dos valores terrenos; no entanto, é através do respeito às leis humanas que o homem expressa seu respeito às leis divinas. A lei dos homens é composta de uma hierarquia social que cumpre ser respeitada, ao passo que a Lei de Deus funda-se na obrigação moral a qual deve responder aos ditames da própria consciência; é assim que o respeito à lei humana está inserido no respeito à lei divina.

Jesus sugere que pagassem o imposto que era devido; no entanto, o imperativo Dai a César o que é de César, não deve ser entendido de maneira restrita, pois trata-se antes de um princípio geral, deduzido de uma circunstância particular. Este princípio é consequência do mandamento universal, segundo o qual deve-se agir para com os outros como se gostaria que agissem para consigo mesmo, pois o homem responderá por todo o prejuízo moral e material que causar a outrem; isto estende-se aos deveres assumidos com relação à família, à sociedade, à autoridade constituída, incluindo-se compromissos pessoais assumidos perante a própria consciência.

Quando Jesus recomenda às criaturas o amor a Deus e ao próximo como a si mesmo, neste amor se funda o respeito a Deus e ao próximo. Sendo a lei divina a lei do amor, o seu cumprimento será o aperfeiçoamento das relações sociais, onde os mais recalcitrantes respeitarão a lei pelo próprio respeito, e não por uma imposição.

### QUESTIONÁRIO

#### **A) O Progresso da Legislação Humana:**

- 1) As sociedades poderão ser regidas somente pelas leis divinas?
- 2) Qual a importância da educação e do conhecimento para o progresso das leis humanas?
- 3) Por que as leis humanas são instáveis?

#### **B) Influência do Espiritismo no Progresso:**

- 1) De que maneira o Espiritismo pode contribuir para o progresso?

2) Por que os Espíritos não apressam o progresso da Humanidade, através de manifestações que possam levar a convicção aos mais incrédulos?

3) Quais as lutas que o Espiritismo terá de enfrentar no campo científico, reli-gioso e filosófico? Explique.

**C) Dai a César o Que é de César:**

1) Como explicar a afirmação de Jesus: Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus?

2) Qual a ligação de tal afirmação com as leis humanas e as leis divinas?

3) Que relação teria o cumprimento da lei com o primeiro mandamento de Jesus?

## 11ª Aula - LEI DE IGUALDADE

### A) Igualdade Natural – Desigualdade das Aptidões - Desigualdades Sociais

#### Igualdade Natural

Todos os homens são iguais perante Deus. Todos tendem para o mesmo fim e Deus fez as suas leis para todos (LE, 803). Vale dizer, que Deus não concedeu superioridade natural a nenhum homem, nem pelo nascimento, nem pela morte, pois todos estão submetidos às mesmas leis naturais: todos nascem com a mesma fragilidade, passam pelas mesmas tribulações que caracterizam a condição humana e todos têm em comum um mesmo princípio e a mesma destinação — esta é a essência da igualdade natural que caracteriza o ser humano.

#### Desigualdade de Aptidões

Deus criou todos os Espíritos iguais, mas cada um deles viveu mais ou menos tempo e, por conseguinte, realizou mais ou menos aquisições; a diferença está no grau de experiência e na vontade, que é o livre-arbítrio; daí decorre que uns se aperfeiçoam mais rapidamente, o que lhes dá aptidões diversas (LE, 804). Portanto, as diferenças que os homens apresentam entre si, quer em inteligência, quer em desenvolvimento moral, não derivam da sua natureza íntima; resultam antes de dois fatores a considerar:

1 — No maior ou menor desempenho de suas potencialidades, no desenvolvimento ou não das aptidões e virtudes, enfim, no bom ou no mau uso do livre-arbítrio por parte de cada um; disto decorre que uns se aperfeiçoam mais rapidamente, o que lhes confere aptidões mais diversificadas.

2 — Sendo os diversos mundos solidários entre si, os habitantes dos mundos superiores reencarnam em mundos mais atrasados como Espíritos missionários para aprimorar o progresso intelectual e moral, através de seus exemplos. Partindo da premissa de que os Espíritos não mais regridem no seu progresso, tem-se que, ao passar de um mundo superior para um inferior, conservarão integralmente as faculdades e aptidões adquiridas; conseqüentemente, tal fato acentua ainda mais as desigualdades de aptidões que existem entre os homens.

Deus não criou, portanto, Espíritos com faculdades desiguais, mas permitiu que Espíritos com os mais diversos graus de desenvolvimento estivessem em contato entre si para auxiliar a evolução dos mais atrasados e, em necessitando uns dos outros, cumprissem a lei do amor. Tal fato explica porque o misto de aptidões é necessário, a fim de que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência, respeitando-se, evidentemente, os limites das forças físicas e intelectuais; neste contexto, o que um não tem condições de fazer, o outro fará e assim é que cada um desempenhará um papel útil dentro da Criação.

#### Desigualdades Sociais

As desigualdades sociais não se enquadram nas leis naturais porque não são obra de Deus, e sim consequência do orgulho e do egoísmo do próprio homem. Contudo, à medida que a humanidade avança no seu progresso moral, essas desigualdades tenderão a desaparecer, e restando tão somente a desigualdade fruto do mérito e das virtudes adquiridas pelo homem. Somente então as criaturas se reconhecerão como filhos de Deus e se amarão como irmãos, e não se avaliarão mais pelo sangue, nem pelo papel que ocupam na sociedade, mas sim pela evolução moral do Espírito, que independe da condição social.

No tocante àqueles que se aproveitam da superioridade da sua posição social para oprimir os mais fracos, serão oprimidos por sua vez e renascerão numa existência em que sofrerão tudo o que fizeram sofrer (LE, 807).

## **B) Desigualdades das Riquezas — Provas da Riqueza e da Miséria**

### **Desigualdades das Riquezas**

A desigualdade das riquezas nem sempre se origina das diferentes faculdades, ou dos mais variados recursos de que alguns dispõem para adquirir mais bens do que outros; muitas vezes é também fruto de falcatruas, injustiças e outros meios ilícitos de que fazem mãos os que ainda se deixam levar pela cobiça e pela posse de bens materiais. Mas, convém ressaltar que herdeiros de fortunas amealhadas desta forma não são responsáveis pelo mal que seus antepassados fizeram, principalmente se desconhecem tal fato.

É preciso considerar que muitas vezes uma fortuna vem parar providencialmente nas mãos de um homem, justamente para que ele tenha a oportunidade de reparar uma injustiça cometida. Se estiver ao alcance deste homem compreender a necessidade moral de reparar este mal cometido por outrem, será então um homem justo e, como tal, feliz e a reparação da falta será levada em conta para ambos.

A igualdade absoluta das riquezas jamais existiu e tampouco poderá existir, pois, a própria diversidade das faculdades e diferentes aptidões entre os homens impediriam que assim fosse; o que importa é combater, antes de tudo, o egoísmo para que as relações sociais sejam sempre fraternas. Somente assim, o relativo bem-estar de todos será meta passível de ser atingida pelos homens quando, entre eles, o sentimento de fraternidade sobrepujar-se ao egoísmo e a verdadeira justiça for finalmente praticada.

Aqueles, portanto, que acreditam que a cura para os males que afligem a sociedade está na igualdade absoluta das riquezas, estão enganados, pois não compreendem que a igualdade seria logo rompida pela própria força das circunstâncias. Combatei o egoísmo, pois essa é a vossa chaga social, e não corrais atrás de quimeras (LE, 811a).

### **Provas da Riqueza e da Miséria**

A diversidade de riquezas e de misérias tem uma finalidade útil: a de provar as almas no excesso e na submissão. Assim, os que sofrem com resignação, sem murmurações e com trabalho constante, conseguem superar suas provas. Pelo arrastamento ao mal a que dá causa, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce, a riqueza constitui uma prova arriscada, mais perigosa que a da pobreza; é o supremo excitante do orgulho, do egoísmo e da vida sensual. É o mais estreito laço que prende o homem à Terra.

Deus concede provas a seus filhos, que têm, às vezes, a possibilidade de as escolherem antes das reencarnações, podendo, por isso, nascerem na abundância ou na miséria. Ambas as provas apresentam facetas diferentes, mas tanto o rico quanto o pobre podem fracassar. O primeiro por não fazer o bem, e o segundo pelas queixas contra a Providência. O rico está mais sujeito às tentações, mas dispõe de meios de praticar o bem; mas isso é justamente o que nem sempre faz, pois se torna egoísta, orgulhoso e insaciável. Com a riqueza, suas necessidades aumentam, e ele nunca julga possuir o bastante para satisfazer a sua ambição.

A riqueza também pode ser um fator para a redenção do Espírito, quando dela sabe servir-se, empregando-a com critério e discernimento. Enquanto para uns a pobreza é a prova da paciência e da resignação, a riqueza é para outros o exercício da caridade e da abnegação. Qual é, pois, o melhor emprego da fortuna? Procurai nestas palavras: "Amái-vos uns aos outros", a solução do problema; aí está o segredo de bem empregar as riquezas. Aquele que está animado de amor ao próximo tem sua linha de conduta toda traçada, pois o emprego que apraz a Deus é o da caridade; não essa caridade fria e egoísta que consiste em derramar em torno de si o supérfluo de uma existência dourada, mas essa caridade cheia de amor que procura o infeliz e o reergue sem humilhá-lo (ESE, Cap. XVI, item 11).

## **C) Igualdade dos Direitos do Homem e da Mulher — Igualdade Perante o Túmulo**

### **Igualdade dos Direitos do Homem e da Mulher**

A Doutrina Espírita esclarece que tanto o homem quanto a mulher são Espíritos da mesma natureza, criados por Deus com os mesmos talentos e aptidões, com os mesmos direitos e deveres; ambos têm o discernimento do bem



e do mal, e ambos têm a faculdade de evoluir, em igualdade de condições. Deste modo, a suposta inferioridade social e moral da mulher é consequência do abuso da força e autoridade do homem, mais forte fisicamente.

Com a evolução gradativa das relações sociais, os horizontes vão alargando-se e, sob o impulso da Lei de Amor e da Lei de Sociedade, a mulher pôde desenvolver suas aptidões sem grandes constrangimentos; com isto, tornou-se evidente que a condição feminina de inferioridade em relação à masculina não decorria de imposição divina, mas tão somente do domínio injusto e cruel que o homem exerceu sobre ela (LE, 818).

Assim, o homem e a mulher têm direitos iguais, embora tenham aptidões diferentes a desempenharem na sociedade. O homem é fisicamente mais forte para os trabalhos mais rudes e a mulher, mais delicada, para os trabalhos mais leves. Ambos devem ajudar-se mutuamente nas provas da vida, e não simplesmente o mais forte subjugar o mais fraco, escravizando-o. A mulher está preparada biologicamente para a tarefa da maternidade e, se de um lado, tem menor força física, de outro, tem maior sensibilidade para o exercício das funções maternas.

Do exposto conclui-se que sendo os seres humanos iguais perante as Leis de Deus, deverão também ser iguais perante as leis dos homens, pois o princípio da Lei de Amor fundamenta-se na máxima cristã: "Não fazer aos outros o que não gostaria que os outros lhe fizessem". Portanto, a lei humana, para ser justa, deve consagrar a igualdade de direitos entre o homem e a mulher; todo privilégio concedido a um ou a outro é contrário à justiça. A emancipação da mulher segue o progresso da civilização, sua escravização marcha com a barbárie (LE, 822a). Além do mais, as diferenças sexuais só existem no organismo físico e, portanto, os Espíritos podem reencarnar tanto na condição feminina quanto masculina; sob esse aspecto, e corroborando a citação acima, nenhuma diferença existe entre ambos.

### **Igualdade Perante o Túmulo**

A perpetuação da memória por meio de monumentos fúnebres é o último ato de orgulho dos familiares e amigos, desejosos de se glorificarem a si mesmos, em nítida demonstração de riqueza. Pelo fato de a igualdade entre os homens não cessar com a desencarnação, a saudade de um ser amado reveste-se da mesma importância para os parentes que nada possuem, mesmo que em seu túmulo não haja nada de suntuoso. É em vão que o rico tenta perpetuar a sua memória por meio de faustosos monumentos. O tempo os destruirá, como aos seus próprios corpos. Assim o quer a Natureza (LE, 824).

As pompas fúnebres são justas e de bom exemplo quando homenageiam a memória de um homem de bem, mas não apagarão as más ações de todo aquele que não soube viver de acordo com a moral cristã. Consequentemente, tais pompas de nada valerão e tampouco o ajudarão na sua ascensão espiritual.

Bibliografia: LE, 817 a 824

### **QUESTIONÁRIO**

#### **A) Igualdade Natural — Desigualdade de Aptidões — Desigualdades Sociais:**

- 1) Se todos são iguais perante Deus, como explicar a desigualdade de aptidões?
- 2) As desigualdades das condições sociais é uma lei natural? Explicar.
- 3) Pode-se esperar que as desigualdades sociais venham a desaparecer um dia? Desenvolva.

#### **B) Desigualdade das Riquezas — Provas da Riqueza e da Miséria:**

- 1) Como se explica a desigualdade de riquezas?
- 2) Se uma fortuna foi mal adquirida, os herdeiros também serão responsáveis por isso?
- 3) Qual das duas provas é mais perigosa para o homem: a da pobreza ou da riqueza?

#### **C) Igualdade dos Direitos do Homem e da Mulher — Igualdade Perante o Túmulo:**

- 1) É certo que homem e mulher tenham os mesmos direitos? Por quê?
- 2) Por que a tendência em perpetuar a memória dos mortos?
- 3) Como a Doutrina Espírita considera as pompas fúnebres?



## 12ª Aula - LEI DE LIBERDADE

### A) Liberdade Natural - Escravidão - Liberdade de Pensamento e de Consciência

#### **Liberdade Natural**

O homem é um ser gregário por natureza, vive em grupo e, desde que haja dois homens juntos, há direitos a respeitar e não terão eles, portanto, liberdade absoluta. (LE 826). A liberdade e o direito de um terminam, onde começam a liberdade e o direito do outro. Vê-se assim que, segundo a Lei Natural, a liberdade é relativa como decorrência da natureza social do homem, ou seja, a Lei de Sociedade que lhe é imanente.

Mas onde está o limite da liberdade? Como defini-lo? Quando saber que se está entrando na seara alheia, ou está se aproveitando dela? A resposta está no ensinamento de Jesus: Não façais aos outros o que não quereis que os outros vos façam. Eis o princípio da Lei da Justiça Divina, que marca o limite dos direitos e da liberdade de um em relação ao outro. Liberdade não é o homem entregar-se aos impulsos e instintos inferiores, mas a emancipação da alma dos vínculos primários da matéria, assim como na espontaneidade com que vivência o respeito a outrem em uma ação moral. Qualquer ação ofensiva à liberdade ou ao direito de outrem gera responsabilidade, que será registrada na consciência, pois segundo a Lei da Igualdade, não existem privilégios perante Deus.

Quanto mais inteligência tenha o homem para compreender um princípio, menos escusável será de não o aplicar a si mesmo (LE 828a). Desta forma a liberdade é tanto maior para a alma que age segundo os ditames da própria consciência. Por outro lado, quanto mais cresça em conhecimentos e possibilidades, neste ou naquele sentido, mais caminhos se desdobram à sua visão, constringendo-o a vigiar sobre suas escolhas.

#### **Escravidão**

Embora se tenha liberdade de escolha, de ser e de agir, essa liberdade termina no limite em que ameaça a liberdade do outro. Desta forma, toda sujeição absoluta de um homem a outro é contrária à Lei de Deus. A escravidão é um abuso da força e desaparecerá com o progresso, como pouco a pouco desaparecerão todos os abusos (LE, 829). Quando o homem fizer melhor uso de sua inteligência, e agir sobretudo impulsionado pelo sentimento autêntico do amor, não mais haverá forma de opressão que gere constrangimentos físicos ou morais. Embora haja sempre desigualdade de aptidões, os mais fortes e os mais inteligentes devem ajudar os mais fracos a progredir, e nunca escravizá-los com vistas à ilusão dos poderes terrenos.

#### **Liberdade de Pensamento**

Há no homem algo que escapa a todo constrangimento, e pelo qual ele goza de uma liberdade absoluta: o pensamento. É pelo pensamento que o homem goza de uma liberdade sem limites, porque o pensamento não possui entraves. (LE 833). Sem dúvida, sendo uma faculdade inerente ao ser humano, o pensar é absolutamente livre, no entanto importa considerar sobretudo o conteúdo dos pensamentos. Pensar é criar, e quando se pensa criam-se imagens fluídicas que geram consequências maléficas ou benéficas, segundo a qualidade do pensamento. Sob esse aspecto, o homem é responsável por seus pensamentos, perante Deus e perante a si mesmo.

#### **Liberdade de Consciência**

A consciência é um pensamento íntimo, que pertence ao homem como todos ou outros pensamentos íntimos (LE 835). Consequentemente, a liberdade de consciência é decorrente da liberdade de pensar. A consciência abrange não só o pensamento, mas o modo de ser de agir, as normas de conduta, caracterizando assim a individualidade de cada um. Não se pode subtrair a liberdade de consciência dos homens, pois isso implicaria em obrigá-los a agir de maneira diversa ao seu modo de pensar, o que os tornaria hipócritas. Quanto mais elevado o Espírito, mais aceita e respeita opiniões e crenças diferentes da sua, a liberdade de consciência é uma das características da verdadeira civilização e do progresso (LE 837). O homem não tem direito de opor entraves à liberdade de consciência de outros, cabendo-lhe respeitar, sem faltar com caridade, os diferentes pontos de vista.

Escandalizar alguém que em sua crença não pensa como nós é atentar contra a Lei de Liberdade, pois toda crença quando sincera e conduz à prática do bem é respeitável.

Já nos casos de crenças reprováveis, por conduzirem o homem ao mal, não se pode modificá-las, pois trata-se de foro íntimo, pode-se, sim, reprimir atos que venham a prejudicar terceiros. Nesse caso, não se está atentando contra a liberdade de consciência, pois deixa-se ao indivíduo sua inteira liberdade de ser. No caso de doutrinas perniciosas, deve-se tentar conduzi-las à verdade pela doçura e persuasão, jamais pela força, por imposição ou violência.

Bibliografia: LE, 825 a 842

## B) Livre-Arbítrio e Fatalidade

### Livre-arbítrio

Livre-arbítrio é a liberdade de determinação da vontade humana de, entre duas ou mais alternativas, poder escolher livremente uma delas. É um privilégio do ser humano; a liberdade consciente, porém, implica sempre em responsabilidade perante Deus e a própria consciência. Através do livre-arbítrio o homem tem a faculdade de determinar a si mesmo. Segundo os Espíritos o livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire consciência de si mesmo (LE 122). No homem, em seu estado primitivo, o que mais predomina é o instinto, mas, à medida que a inteligência se desenvolve, através das experiências vividas nas reencarnações, a liberdade também se desenvolve, dotando-o da capacidade de analisar, de distinguir o certo do errado, e dando-lhe mais poder de decisão. Deus concedeu o poder de escolha a cada um, para que todos tivessem o mérito de suas obras.

Estudem os livre-arbítrio em relação à criança, ao selvagem, às predisposições instintivas, à influência do organismo e à posição social:

1 — Nas primeiras fases da vida a liberdade é quase nula, ela se desenvolve com as faculdades. Estando os pensamentos da criança em relação com as necessidades de sua idade, ela aplica o seu livre-arbítrio às coisas que lhe são necessárias (LE, 844).

2 — No caso do selvagem, predomina o instinto, mas isso não o impede de agir com liberdade. No entanto, como a criança, ele aplica a liberdade tão somente em função de suas necessidades básicas. Por conseguinte, aquele que é mais esclarecido, é também mais responsável pelo que faz.

3 — As predisposições instintivas podem ser obstáculo ao exercício do livre-arbítrio, ao impelir o indivíduo por vezes a atos repreensíveis, mas não há arrastamento irresistível quando se tem a vontade de resistir.

4 — O Espírito é certamente influenciado pela matéria que pode entravar suas manifestações (LE 846). Este é o caso daqueles cuja limitação física impede o Espírito de manifestar-se livremente. Já nos mundos superiores onde a influência da matéria é menor, as faculdades se desenvolvem com mais liberdade.

5 — Por vezes a posição social pode ser um obstáculo à inteira liberdade de ação. O Espírito pode encarnar em uma situação constrangedora. Cabe a ele valer-se de sua liberdade para esforçar-se ou não para superar os obstáculos.

Pode-se afirmar, com efeito, que o Espírito, através das sucessivas reencarnações, está destinado à felicidade e à perfectibilidade, através de sua própria conquista, através do exercício de seu livre-arbítrio, isto é, agindo segundo sua vontade, porém, desde que de acordo com sua natureza espiritual e com a Lei de Amor que lhe é imanente.

### Fatalidade

Alguns estudiosos consideram o livre-arbítrio absoluto; no extremo oposto, três outras correntes filosóficas existem que negam peremptoriamente o livre-arbítrio, a saber;

— O fatalismo - considera que todos os acontecimentos estão previamente fixados por uma causa natural.

— O predestinacionismo - baseia-se na soberania da graça divina, afirmando que Deus regula, antecipadamente, todos os atos e vontades de cada indivíduo.

— O determinismo - sustenta que as ações e a conduta do indivíduo, longe de serem livres, dependem integralmente de uma série de contingências a que ele não pode furtar-se, qual o caráter, a cultura, o meio social, a família, a educação etc.

Neste jogo entre livre-arbítrio e fatalidade, deve-se observar a existência de dois princípios fundamentais, a saber:

a) A Lei Divina rege os homens de forma natural, através da sua imanência em todos os seres da Criação, sem impor-se de fora para dentro.

b) Por outro lado, a livre determinação individual outorga a cada um o direito inalienável de atender ou não à suprema Lei Divina ou Natural.

Consequentemente existe a Lei Divina Natural que não se impõe inexoravelmente de forma exterior ao homem, mas antes revela-se na própria natureza inerente ao Espírito, assim como existe a liberdade consciencial de atender ou não aos ditames da natureza.

A fatalidade não existe senão para a escolha feita pelo Espírito, ao encarnar-se, de sofrer esta ou aquela prova: ao escolhê-la, ele traça para si mesmo uma espécie de destino, que é a própria consequência da posição em que se encontra (LE 851). O homem nunca é, portanto, fatalmente conduzido ao mal; os atos que pratica não estavam escritos nem os crimes são decretos do destino; o homem será sempre livre para agir como quiser. As situações nas quais encarna foram escolhidas por ele mesmo, embora quando encarnado não possa mudá-las. No entanto, no que se refere às provas de natureza moral, às tentações, o homem é sempre livre de ceder ou resistir.

Segundo Léon Denis, não há acaso nem fatalidade, mas sim forças e leis. Utilizar, governar umas, observar outras, eis o segredo de toda elevação (...), livre e responsável, a alma traz em si a lei de seus destinos<sup>1</sup>. No entanto, geralmente acha-se mais simples e menos humilhante para o amor-próprio atribuir tudo ao destino ou à sorte, do que a nós mesmos. A vida atual é a consequência, a herança de vidas precedentes e a condição das que lhe devam seguir.

Ao examinar a causa e a natureza das situações consideradas difíceis, ver-se-á que, na maioria das vezes, são consequências de uma falta cometida ou de um dever negligenciado. Nossas ações recaem sempre sobre nós mesmos, não somente por nossas faltas, mas também pelo bem que deixamos de fazer.

Se há fatalidade às vezes, é apenas no tocante aos acontecimentos materiais, cuja causa estafara de nós e que são independentes de nossa vontade. Quanto aos atos da vida moral, emanam sempre do próprio homem, que tem sempre, por conseguinte, a liberdade de escolha: para estes atos não existe jamais a fatalidade (LE 861). Desta forma, não se pode intervir sobre a realidade material na qual estamos inseridos, mas pode-se modificar e traçar os momentos pelos quais irá passar.

A fatalidade, o destino, e o determinismo, contra os quais tanto os homens se insurgem, decorrem basicamente de três circunstâncias fundamentais:

a) a possibilidade da escolha feita pelo Espírito, antes da encarnação, na qual o homem tem a possibilidade de ceder ou resistir aos arrastamentos;

b) de um acontecimento que é quase sempre a consequência de um ato praticado de livre vontade;

c) de constrangimentos impostos pela força das circunstâncias tais como: determinismo da influência material sobre a espiritual nas primeiras encarnações, ação dos flagelos destruidores, períodos cíclicos da evolução etc.

Tais circunstâncias "fatais", como vulgarmente entendidas, são sem-pre um meio que permite ao homem, passando pelas provas, desenvolver sua inteligência, seu senso moral, aumentando-lhe a responsabilidade e ao mesmo tempo seus méritos.

---

<sup>1</sup> Denis, Léon - Depois da Morte, Cap. XXXII

Bibliografia: LE perguntas 843 a 867.

### C) Conhecimento do Futuro

Em princípio, o futuro é oculto e só em casos excepcionais é revelado ao homem (LE 868). Isso porque, se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade de agora, pois seria dominado pelo pensamento de que se uma coisa deve acontecer não adianta ocupar-se dela, ou então procuraria impedi-la (LE 869).

Em casos raros, o conhecimento do futuro é antecipado, com o fim de facilitar o cumprimento das coisas ao homem e não embarçá-lo, levando-o a agir de maneira diferente do que faria, se não tivesse o conhecimento. A perspectiva de um acontecimento pode despertar pensamentos que sejam mais ou menos bons.

Se o homem souber, por exemplo, que obterá uma fortuna com a qual não contava, poderá ser tomado pelo sentimento de cupidez, desejando a morte daqueles que lha devem deixar, ou então a perspectiva poderá lhe despertar pensamentos generosos. Se a previsão não se realizar, será outra prova; a da maneira pela qual suportará a decepção.

A realidade futura é sempre resultante da ação presente ou consequência de ações passadas, porquanto decorre da Lei de causa e efeito, estando, portanto, instintivamente associada ao livre-arbítrio. O conhecimento de todos os incidentes da rota tiraria ao homem a iniciativa e o uso de seu livre-arbítrio e, então, ele se deixaria arrastar pelo declive fatal dos acontecimentos, sem exercitar suas faculdades.

Grande parte da humanidade, ainda desinformada das verdades do mundo espiritual e das Leis Divinas que regem a vida, busca, não raro, saber coisas a respeito do futuro, na ânsia de ser feliz ou de encontrar os caminhos que a "sorte" lhe reserva. Para isto, entrega-se às mãos de pessoas, algumas vezes dotadas de faculdades medianímicas mal-empregadas. O ensinamento dos Espíritos mostra os inconvenientes destas práticas pelo possível envolvimento com Espíritos inferiores.

Cabe, portanto, ao homem, como árbitro do próprio destino, delinear a rota futura, discernindo o bem do mal, depurando as imperfeições do Espírito. Poder-se-ia questionar aqui, por que Deus não fez o homem já perfeito e realizado, por que o homem passa pela infância antes de atingir a idade madura. Acontece que as provas têm por fim deixar ao homem toda a responsabilidade, assim como todo o mérito de sua ação, uma vez que ele tem a liberdade de fazer ou não fazer.

Quanto mais o Espírito se depura, mais diminuem suas fraquezas, quanto mais o Espírito se eleva, mais aumenta sua força moral perante as coisas do mundo.

Bibliografia: LE 868 a 872

#### QUESTIONÁRIO

##### **A) Liberdade Natural — Escravidão — Liberdade de Pensamento e de Consciência:**

- 1) Qual a relação entre a Lei de Sociedade e a Lei de Liberdade? Qual o limite para liberdade?
- 2) A liberdade de pensamento é absoluta? Explique.
- 3) Como agir com relação às crenças que conduzem o homem ao mal?

##### **B) Livre-Arbítrio e Fatalidade:**

- 1) Quais os fatores que podem consistir em obstáculo ao exercício do livre-arbítrio?
- 2) Explique as três correntes filosóficas que se opõem à teoria do livre-arbítrio.
- 3) Como a Doutrina Espírita considera a fatalidade?

##### **C) Conhecimento do Futuro?**

- 1) Que consequências traria para o homem o conhecimento do futuro?
- 2) O que ocorre àqueles que buscam, por mera curiosidade, a previsão do futuro?
- 3) Por que Deus não criou o homem já perfeito e realizado?

## 13ª Aula - LEI DE JUSTIÇA, AMOR E CARIDADE

### A) Justiça E Direito Natural - Direito Da Propriedade - Roubo

#### **Justiça e Direito Natural**

Justiça é a virtude moral pela qual se atribui a cada indivíduo o que lhe é de direito; é um sentimento natural, inerente ao ser humano, e não resultado de ideias adquiridas, pois consiste no respeito ao direito de cada um. O sentimento de justiça está de tal modo patente na natureza que o próprio homem se revolta à simples ideia de uma injustiça. O progresso moral desenvolve este sentimento, que é o mesmo para todos; o que varia é a sua expressão, em função do grau evolutivo dos Espíritos.

É assim que, o que para uns é justo, para outros não é; isto explica o fato de muitas criaturas interpretarem a justiça de modos diferentes; o critério de justiça está, portanto, diretamente ligado à evolução moral do Espírito. Por isso que se veem criaturas simples, e às vezes até primitivas, mas com elevadas noções de justiça, mais exatas do que as de homens de muito saber. Estes, em numerosas oportunidades deixam-se levar pela cobiça, pelo poder e pela vaidade, desvirtuando assim o conceito natural de justiça, ao aplicá-la segundo seus próprios interesses.

A justiça consiste no respeito aos direitos de cada um (LE, 875). Esses direitos são determinados por duas leis: a lei natural e a lei humana. A primeira é eterna, imutável, e sua origem identifica-se com a própria natureza de Deus, sendo sempre a mesma para todos. Deus não fez uns de limo mais puro que outros e todos são iguais perante Ele. Esses direitos são eternos; os estabelecidos pelos homens perecem com as instituições (LE, 878a). A segunda, compreendendo um conjunto de leis ou normas que regem as relações entre os homens, é feita de acordo com seus interesses, seus costumes, seu caráter, estabelecendo regras que podem variar com o progresso moral e intelectual. O direito dos homens, portanto, nem sempre corresponde à verdadeira justiça; ele só regula algumas relações sociais, porque há uma infinidade de atos que dizem respeito tão somente à consciência de cada um.

Pelo fato da justiça consistir no respeito aos direitos de cada um, se o homem não souber onde termina o seu direito e começa o do outro, deve basear-se no ensinamento de Jesus: "Querei para os outros o que quereis para vós mesmos".

Da necessidade que o homem tem de viver em sociedade, decorrem para ele obrigações especiais, sendo a primeira: a de respeitar os direitos de seus semelhantes; aquele que se empenha em respeitar esse direito será sempre considerado como um homem justo.

Portanto, a característica de todo aquele que procura viver sob a égide da Lei de Justiça, Amor e Caridade em toda sua essência, é a do homem verdadeiramente bom e justo, porque estaria seguindo o exemplo de Jesus ao praticar o amor ao próximo e caridade, virtudes sem as quais não se estabelece a verdadeira justiça.

#### **Direito de Propriedade - Roubo**

O primeiro de todos os direitos naturais do homem é o de viver, pois a vida é necessária para o aperfeiçoamento dos seres; é por isso que ninguém tem o direito de atentar contra a vida de seu semelhante, ou fazer qualquer coisa que possa comprometer a existência corpórea dele (LE, 880).

Deste direito inalienável decorre o direito à propriedade, porque esta é fruto que nasce de um outro direito, tão sagrado quanto o de viver: o de trabalhar. Todos os bens que o homem ajunta através do trabalho honesto, sem ter causado prejuízo moral ou material a outros, constitui-se em propriedade legítima, que ele tem o direito de defender e que lhe permitirá o devido repouso, quando não possa mais trabalhar.

Portanto, o direito de possuir constitui-se também como de ordem natural; importa, no entanto, que seja exercido com prudência e equilíbrio. Aqueles que se mostram insaciáveis na aquisição de bens, acumulando-os sem utilidade para si nem para ninguém, apenas para satisfazer o desejo de posse, tornam-se escravos da

ganância e do orgulho. Mas todo aquele que ajunta pelo seu trabalho com a intenção de auxiliar o seu semelhante, pratica a lei de amor e caridade e seu trabalho é abençoado por Deus (LE, 883a).

Para o homem existe o conceito de legalidade de aquisição, conforme definem as leis humanas; mas o homem de bem deve saber que nem tudo o que é legitimamente adquirido ou consagrado pela legislação humana está conforme a justiça divina; assim, o que num século parecer ser justo em relação ao direito de propriedade, poderá ser catalogado como bárbaro e injusto, no século seguinte.

Bibliografia: LE, 873 a 885

## **B) Caridade e Amor ao Próximo — Amor Maternal e Filial**

### **Caridade e Amor ao Próximo**

O verdadeiro sentido da palavra caridade, tal como ensinou Jesus, traduz-se na benevolência para com todos, na indulgência para com as imperfeições alheias e no perdão das ofensas recebidas; tem-se então que caridade é a expressão maior do amor pelo semelhante.

O amor e a caridade tornam-se uma extensão da Lei de Justiça, pois este amor ao próximo significa fazer-lhe todo o bem que cada um gostaria que lhe fosse feito; nenhuma criatura pode exigir do seu semelhante que seja tolerante, indulgente e bondoso, se ele mesmo não proceder da mesma forma para com os outros. Para acentuar ainda mais a necessidade deste amor, Jesus ainda disse: "Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei". Este preceito manifesta-se tanto na prática da caridade material quanto na caridade moral. Muito embora o dever de todos seja o exercício constante de ambas, a caridade moral é mais difícil e, portanto, mais meritória que a caridade simplesmente material, porque exige de quem a pratica o verdadeiro sentimento de fraternidade, espírito de renúncia e tolerância, princípios contrários ao egoísmo e ao orgulho.

Deste modo, a caridade não se limita apenas aos aspectos materiais, mas abrange em sua essência a vida de relação em todos os pormenores de uma estrutura social, fundamentando-se a partir de algumas atitudes:

- Indulgência, que é a tolerância, a compreensão para com os defeitos do próximo, sem humilhar ou constranger também aquele que está em posição inferior, pois qualquer que seja nosso grau de evolução, estamos sempre colocados entre um superior que nos guia e nos aperfeiçoa, e um inferior, perante o qual temos deveres a cumprir. Não cabe a ninguém atirar a primeira pedra, pois todos são devedores, todos têm defeitos a corrigir, tentações a vencer, hábitos a modificar;
- Benevolência é a boa vontade em ajudar desinteressadamente os que precisam de ajuda, com verdadeiro afeto e respeito pelos seus problemas; é saber falar e ouvir, dando ânimo àquele que desfalece, ressaltando suas qualidades ao invés de apontar seus erros;
- Perdão no mais amplo sentido de esquecimento da falta recebida; perdoar cada ofensa quantas vezes se fizer necessário. Perdoar significa não somente esquecer o mal recebido, mas também não desejar nenhum mal a quem o pratica, inclusive aos "inimigos", dos quais não se deve guardar rancor ou desejo de vingança, mas procurar ajudar para que possam reparar os erros cometidos.

As palavras de Jesus "amai os vossos inimigos" induzem a uma reflexão: sendo o amor pelos inimigos contrário à própria natureza da condição humana, ainda pouco desenvolvida moralmente, é evidente que não se trata do mesmo amor que se tem pelos entes queridos. Amar os inimigos, da maneira como ensinou Jesus, é perdoar-lhes e pagar-lhes o mal com o bem; esta é a verdadeira caridade que caracteriza o homem do bem.

O homem reduzido a pedir esmolas se degrada moral e fisicamente: se embrutece (LE, 888); mas toda sociedade que estabelece suas leis sociais tendo como referência a Lei de Justiça. Amor e Caridade, saberá por certo prover as necessidades dos mais fracos, sem que estes se sintam humilhados pela sua inferioridade. A esmola em si não é um ato passível de reprovação, mas sim o modo como ela é praticada. Se o socorro prestado o for por mera ostentação de grandeza perante a sociedade, não haverá mérito algum, pois Jesus recomendou: "Que a sua mão esquerda ignore o que faz a sua mão direita"; por estas palavras ele ensinou a não macular o ato da caridade com o orgulho e a vaidade.

Portanto, a caridade, tal qual ensinou Jesus, consiste em amar uns aos outros, eis toda a lei, divina lei pela qual Deus governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados, e a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica (LE, 888a). O amor é, assim, a essência divina que habita em todas as criaturas, do átomo ao arcanjo, essência esta que em todos quer revelar-se, na unidade de sua natureza.

### **Amor Maternal e Filial**

O lar é a morada material temporária, onde muitos Espíritos antagônicos reencarnam amparados pela tutela do amor maternal, sentimento instintivo, comum tanto para os homens como para os animais, embora nestes tal amor seja limitado às necessidades de sobrevivência de cada espécie; esta limitação explica o fato do amor maternal entre os animais se extinguir tão logo os filhotes se desprendam da mãe. No homem, contudo, este amor persiste por toda a vida e comporta um devotamento e uma abnegação que constituem virtudes (LE, 890).

Muito embora o amor maternal seja um sentimento inerente à Lei Natural, existem mães que repelem seus filhos, já a partir do nascimento; nestes casos, trata-se de circunstâncias especiais que dizem respeito tão somente à Lei de causa e efeito. Às vezes trata-se de uma prova escolhida pelo Espírito reencarnante, ou então é uma expiação, se aconteceu de, em vidas passadas, ele ter sido um mau pai ou mãe. Em todos os casos, a mãe que rejeita o filho desde tenra idade é porque seu Espírito é inferior a tal ponto de criar obstáculos para o filho, concorrendo para o seu fracasso na prova por ele escolhida.

Aos pais cabe, portanto, o dever de fazer todos os esforços no sentido de conduzir os filhos ao bem, independentemente dos desgostos que estes lhe causem, pois muitas vezes apenas refletem o resultado de maus hábitos que os próprios pais deixaram que os filhos adquirissem; aos filhos cabe o dever de honrar seus pais e nessa convivência fraterna, tanto o amor maternal quanto o filial, serão decorrência natural da Lei de Justiça, Amor e Caridade.

Bibliografia: LE, 886 a 892

## **C) Necessidade da Caridade Segundo o Apóstolo Paulo**

Ainda que eu falasse todas as línguas dos homens e mesmo a língua dos anjos, se não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine (I Coríntios, 13:1). Indubitavelmente, não existe melhor definição de caridade do que esta que Paulo de Tarso transmitiu aos Coríntios em sua I.ª Epístola.

Nela, o apóstolo situa a prática da caridade acima de qualquer outra virtude, mesmo acima da fé e da esperança, corroborando com a assertiva de Jesus "a cada um será dado segundo as suas obras". Ninguém melhor do que ele soube compreender e ensinar o que é a caridade, ao sublimar suas próprias emoções na comunhão legítima com os ensinamentos de Jesus.

E assim que, mesmo que falasse todas as línguas dos homens e dos anjos, mesmo que tivesse o dom da profecia, que desse todos seus bens aos pobres e entregasse seu corpo ao sacrifício, mas não tivesse caridade, não tivesse disposição da alma, de nada adiantaria; com estas palavras. Paulo de Tarso estava ensinando a todos que essa sublime disposição interior identifica-se com o mandamento de Jesus "amarás o teu próximo como a ti mesmo". Ser como o metal que ressoa significa dizer que até mesmo aquele que endurece seu coração deixando de fazer o bem, mesmo que tenha todo saber e erudição, mesmo que saiba proferir belas palavras, tudo isso nada valeria sem a vivência desta virtude.

A necessidade da caridade, segundo o apóstolo, é amar a todos simplesmente pelo desejo de amar, é suprir a carência afetiva inerente à própria condição humana, é o desejo sincero de fazer algo em benefício do bem comum. A Lei de Sociedade impulsiona o homem, na sua vida de relação, a desenvolver suas potencialidades; enquanto inteligência infinita seu patrimônio intelectual e moral se expande e se aprimora à medida que participa ativamente da vida familiar e social pela necessidade inerente de auxílio mútuo, através da caridade, base angular de todo relacionamento social. Deste modo, a caridade segundo Paulo de Tarso é a superação do orgulho e do egoísmo, justamente os maiores obstáculos ao progresso moral da humanidade, pois é através da



prática da caridade que o homem deixa vir à tona a natureza íntima do seu ser: o amor, extensível ao seu semelhante.

Ao abordar este tema, o apóstolo Paulo, refletindo certamente toda inspiração advinda da Espiritualidade, conduz os homens a uma reflexão, para que não vissem nesta virtude apenas uma necessidade circunscrita a atos materiais; ser caridoso é algo mais complexo do que o sugere o simples comportamento em determinadas situações sociais, mas uma atitude evangélica e uma predisposição ao amor perante a vida, perante Deus e perante si próprio. As palavras deste apóstolo são incisivas, quando disse: A caridade é paciente; a caridade não é invejosa, não obra temerária nem precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre (ESE, Cap. XV, item 6).

Nada exprime melhor o pensamento de Jesus, nem melhor resume os deveres das criaturas do que o lema "Fora da caridade não há salvação", por abranger em seu conteúdo toda a essência do mais puro Cristianismo. Por isto, a bandeira da Doutrina Espírita é a caridade, e a sua inscrição é "Fora da caridade não há salvação", base fundamental para a evolução do Espírito, porque sem ela o homem construiria sua casa sobre areia. É preciso, pois, desfraldar e agitar para todos os irmãos em Jesus esta bandeira de amor, porque ela reúne em si mesma todas as virtudes que caracterizam o homem de bem em comunhão total com Deus.

Na máxima: Fora da caridade não há salvação, estão contidos os destinos do homem sobre a terra e no céu. Sobre a terra porque, à sombra desse estandarte, eles viverão em paz; e no céu, porque aqueles que a tiverem praticado encontrarão graça diante do Senhor (ESE, Cap. XV, item 10).

Bibliografia: ESE, Cap. XV, itens 6 a 10

## QUESTIONÁRIO

### **A) Justiça e Direito Natural — Direito de Propriedade — Roubo:**

- 1) O sentimento de justiça é natural, ou resulta de ideias adquiridas?
- 2) Em que se diferem a lei humana e a lei natural ou divina? "
- 3) O que caracteriza a propriedade legítima?

### **B ) Caridade e Amor ao Próximo — Amor Materno e Filial:**

- 1) Comente o ensinamento de Jesus — "Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei".
- 2) Quais as atitudes que fundamentam a verdadeira caridade? Explicar.
- 3) Como a Doutrina Espírita encara o amor maternal e filial?

### **C ) Necessidade da Caridade Segundo o Apóstolo Paulo:**

- 1) Defina a caridade, segundo o apóstolo Paulo.
- 2) Discorra sobre a máxima: "Fora da caridade não há salvação".
- 3) De que forma pode-se praticar a caridade no dia-a-dia?

## 14ª. Aula - PERFEIÇÃO MORAL

### **A) As Virtudes e os Vícios - Das Paixões - Do Egoísmo**

#### **As Virtudes e os Vícios**

O Espiritismo contribui para a Humanidade entrar em uma nova fase, a do progresso moral, que lhe é inevitável. É imprescindível, para tanto, que o homem se conheça, que identifique sua realidade, quanto aos vícios assim como às virtudes que eventualmente possua. Vejam-se, para tanto, a definição de virtude e vício:

Virtude: consiste na boa qualidade moral, na disposição habitual para o bem, excelência moral, força interior, retidão, austeridade.

Vícios: compreendem os defeitos, os costumes censuráveis, os hábitos perniciosos, entre os quais: fumo, álcool, gula, abusos sexuais. Já os defeitos consistem nas imperfeições ou desvios das leis morais, inerentes à individualidade, são: o orgulho, o egoísmo, a vaidade, a maledicência etc.

Todas as virtudes são louváveis, porque todas implicam no cumprimento da Lei do Progresso, que é inerente à trajetória do Espírito. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento das más tendências (LE, 893); toda vez que o homem busca superar seus defeitos e suas más inclinações, já é um indício de progresso; mas a sublimidade da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal para o bem do próximo, sem segunda intenção (LE 893). A virtude deve, portanto, estar fundamentada na intenção que move uma ação, ou seja, o sublime da caridade consiste na doação de si de forma desinte-ressada.

O indício mais característico da imperfeição é o interesse pessoal, ou seja, o apego às coisas materiais ou à própria pessoa são sinais de notória inferioridade. Muitos Espíritos possuem qualidades reais, o que os torna dignos de consideração perante os homens, porém, basta ferir a tecla do interesse pessoal para revelarem suas verdadeiras tendências.

A verdadeira virtude consiste em praticar o bem por um impulso espontâneo, sem que se tenha de lutar com nenhum sentimento contrário. Os que não têm de lutar é porque já realizaram o progresso, e por isso os bons sentimentos não lhes custam esforço.

Muitos casos existem de pessoas que demonstram um desinteresse natural pelas coisas materiais, no entanto, a prodigalidade irrefletida é também indício de falta de bom senso. A fortuna não é dada a alguns para ser lançada ao vento, como não o é a outros para ser encerrada num cofre. E um depósito de que terão que prestar contas, porque terão de responder por todo o bem que poderiam ter feito e não fizeram (LE 896). Vê-se aqui claramente uma elucidação da Parábola do Filho Pródigo (Lc 15:11-32) onde o filho mais moço é a personificação daquele que se entrega à vida material desregrada, e o filho mais obediente é o símbolo do egoísmo que pretende monopolizar a herança e o convívio paterno. Cada um possui, portanto, liberdade para seguir o caminho que quiser, mas as consequências advirão de acordo com a intenção que move o coração de cada um.

Da mesma forma, aquele que pratica o bem sem visar a uma recompensa material, mas o faz na esperança que lhe seja levado em conta em outra vida é repreensível. É necessário fazer o bem por caridade, ou seja, com desinteresse (LE, 897). Aquele que faz o bem pelo bem, sem pensar em recompensa futura, seja de que natureza for, é porque já sentiu a alegria de doar-se, e já entendeu o fato de ser o amor a lei maior da vida.

Aquele que calcula o que lhe pode render cada uma de suas boas ações, na outra vida ou mesmo na vida terrena, procede de maneira egoísta (LE 897b).

Por outro lado, o filho egoísta na Parábola do Filho Pródigo, se não linha vícios, também não possuía virtudes. É assim que muitos, se não fazem o mal, também não fazem o bem, se não furtam ao próximo, também não lhe dão nada. Ora, a abstenção do mal apenas, em uma atitude passiva perante a vida também não é virtude. A moral sem ações é como a semente sem o trabalho. De que vos serve a semente se não a fizerdes frutificar para vos alimentar? (LE 905). É assim que a virtude consiste em força ativa que contribui de alguma forma para o próximo e a si mesmo; a virtude, se inoperante, deixa de sê-lo.

### **Das Paixões**

O princípio das paixões é inerente à natureza do ser humano. Quando bem dosado e orientado leva o homem a grandes feitos, a grandes realizações. Em tudo na vida o erro está no abuso e não no uso. Por exemplo: trabalhar e comer são atividades positivas, mas trabalhar e comer excessivamente é prejudicial. As paixões são como um cavalo que é útil quando governado e perigoso quando governa (LE 908); em assim sendo, a paixão negativa consiste no fato de o homem ser dependente de algo exterior a si; quanto mais domínio sobre si tiver, mais livre será.

O princípio das paixões não é portanto um mal, pois repousa sobre uma das condições providenciais de nossa existência. A paixão propriamente dita é o exagero de uma necessidade ou de um sentimento; está no excesso e não na causa (LE 908). O homem não deve, portanto, esquecer que o Espírito é o senhor que pode e deve controlar a vida do corpo; o corpo é mero instrumento destinado a servir o Espírito. Desta forma, todo sentimento que eleva o homem acima da natureza animal anuncia o predomínio do Espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição (LE 908).

O homem poderia sempre vencer as suas más tendências pelos seus próprios esforços; o que lhe falta é vontade, disposição do Espírito, iniciativa. Quando o homem julga que não pode superar suas paixões é que seu Espírito nelas se compraz, como consequência de sua própria inferioridade (LE 911).

### **Do Egoísmo**

Entre todos os vícios, o que os Espíritos consideram mais radical é o egoísmo, pois dele deriva todo o mal. Se estudarmos nossos vícios veremos que na origem de todos eles está o egoísmo. É que ele engendra o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme, dos quais a todo momento o homem é vítima; é ele que leva à perturbação, provoca dissensões e destrói a confiança de uns para com outros. Por mais que se lute contra eles, não se conseguirá diminuí-los, enquanto não se houver destruído a causa. Quem nesta vida quiser se aproximar da perfeição moral deve extirpar de seu coração todo sentimento de egoísmo, porque é incompatível com a justiça, o amor e a caridade; ele neutraliza todas as outras qualidades (LE 913).

Duas são as maiores causas do egoísmo: a primeira é a influência da matéria da qual o homem ainda não consegue libertar-se. A segunda funda-se na exaltação da personalidade. Ora, o Espiritismo nos faz ver as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece de alguma forma perante a imensidade (LE 917).

O egoísmo, portanto, só se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material, e não se chegará a esse ponto se não se atacar o mal pela raiz, ou seja, com a educação. Não essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas a que tende a fazer homens de bem. A educação, se for bem compreendida será a chave do progresso moral (LE, 917). Não basta a ciência, não basta a arte de manejar a inteligência, se não se souber endireitar caracteres. Que se faça pela moral tanto quanto se faz pela ciência, só assim o egoísmo deixará de ser a fonte de vícios, e a caridade, por sua vez, manifestar-se-á como a fonte de todas as virtudes.

Bibliografia: LE, 893 a 917

## **B) Caracteres do Homem de Bem - Conhecimento de Si Mesmo**

### **Caracteres do Homem de Bem**

Os Espíritos são seres imortais criados por Deus, e que possuem uma destinação gloriosa - a perfectibilidade. Para efetivar esse itinerário, foram dotados de recursos e talentos incontáveis, quais a razão, o amor, o livre-arbítrio. Assim é que o Princípio Inteligente individuado vai gradativamente, realizando sua caminhada evolutiva, errando e acertando, formando sua bagagem de conhecimentos, pessoal e intransferível, a qual Jesus se refere como verdadeira e que a ferrugem nem a traça consomem.

Nessa caminhada vão se estruturando sinais que evidenciam o progresso já alcançado pelo Espírito. Comprova-se, facilmente, a elevação espiritual de um indivíduo pela sua conduta moral no dia-a-dia. O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos da vida corpórea constituem a prática da Lei de Deus e quando compreende por antecipação a vida espiritual (LE 918). Quando vivência espontaneamente as leis naturais, quando harmoniza-se com a essência divina que o caracteriza, o grandioso processo de transcendência foi iniciado e novas dimensões se abrem para o ser.

O homem de bem busca continuamente uma auto avaliação de si mesmo, para conscientizar-se de seus atos. Ele pratica a lei de justiça, amor e caridade na sua mais completa pureza (LE 918). Valendo-se da Lei de Liberdade, pratica o bem pela alegria de praticar o bem, e não porque estivesse condicionado por algum castigo ou recompensa. Se Deus lhe concedeu o poder e a riqueza, administra-os, seguindo a Lei da Caridade, servindo-se deles como um depósito a ser utilizado em proveito de muitos. Se a ordem social colocou homens sob sua dependência, respeita de fato a Lei de Igualdade, tratando-os com benevolência e respeito, valendo-se da autoridade para apoiá-los moralmente.

Pratica a Lei do Amor ao ser indulgente para com as fraquezas dos outros, porque sabe que ele mesmo tem necessidade de indulgência. Respeita, enfim, nos seus semelhantes, todos os direitos decorrentes da lei natural, como desejaria que respeitassem os seus (LE, 918). Busca, enfim, a sua perfectibilidade moral, pois vivência em sua consciência a necessidade de superação em respeito à Lei do Progresso. Ciente da bondade de Deus que se revela em cada criatura, vivência a Lei de Sociedade através da prática do amor ao próximo, da exteriorização do

amor em meio aos homens. O homem de bem edifica sua vida sobre a rocha, pois ao identificar-se com o bem, terá sempre força interior con-tra as adversidades da vida.

### **Conhecimento de Si Mesmo**

"Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará", afirmou Jesus (João, 8:32). Quanto mais consciente de si, mais livre será o Espírito. Da mesma forma, recomendam os Espíritos que o meio mais prático para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal é o "conhece-te a ti mesmo" (LE 919).

É muito importante a conscientização da necessidade de reforma íntima, como meio de transformação interior, de superação dos defeitos, de acionar a vontade para substituir os vícios por virtudes. No autoburilamento consiste a chave do progresso individual, por isso não se pode mais dispensar o esforço consciente, não se deve mais viver simplesmente seguindo impulsos e instintos.

O primeiro passo para o conhecimento de si mesmo, segundo Santo Agostinho, consiste em interrogar a cada dia a própria consciência e ver se não se faltou ao cumprimento do dever, se ninguém tem nada de se queixar sobre a sua pessoa.

Mas como julgar a si mesmo? A dificuldade está justamente em conhecer a si próprio. Existe, segundo o Livro dos Espíritos, um meio de controle que não pode enganar: "Quando estais indecisos quanto ao valor de uma de vossas ações, perguntai como a qualificaríeis se tivesse sido praticada por outra pessoa. Se a censurardes em outros, ela não poderia ser mais legítima para vós, porque Deus não usa de duas medidas para a justiça (LE 919a). É assim que podemos julgar nossas ações segundo uma máxima universal: Não fazer aos outros o que não se deseja para si mesmo.

O que conhecer? Vemos constantemente os erros e defeitos dos que nos rodeiam e somos incapazes de perceber nossos próprios. Nossas faltas são sempre justificadas por nós mesmos. É importante a humildade em aceitar as limitações para que se possa crescer e superar-se. Que aquele que tem a verdadeira vontade de se melhorar explore, portanto, a sua consciência, a fim de arrancar dali as más tendências como arranca as ervas daninhas de seu jardim (LE 919a). No entanto, importa conhecer não somente as limitações mas, sobretudo, as potencialidades, aquilo que existe de infinito no Espírito, a força interior, o amor, a inteligência, a capacidade de transcender a si mesmo.

É assim que a sabedoria milenar de Sócrates permanece viva e evidente; seu método se desenvolve em dois momentos:

- a) Ironia (interrogação) - consiste em interrogar a si mesmo e destruir toda falsa imagem ou ideia de si mesmo.
- b) Maiêutica (gr. parturição) - consiste em trazer à luz a interioridade, os potenciais infinitos do Espírito.

Dessa forma o método de Sócrates, já precursor do Cristianismo, evidencia as bases da reforma íntima, nos termos da Doutrina Espírita.

Bibliografia: LE, 918 a 919a

## **C) Sede Perfeitos**

Porque se vós amais senão os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem os publicanos também o mesmo? E se vós saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis nisso de especial? Não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai Celestial é perfeito (Mt 5:46-48).

Ao recomendar que sejamos perfeitos como o Pai celestial, Jesus ensina o amor ao próximo em sua máxima expressão, ou seja, a prática do amor indistintamente, seja aos inimigos, seja aos que nos perseguem e caluniam. O verdadeiro amor é uma exteriorização da essência divina que deve existir em si mesma, independente do ser a que é dirigida; é assim que Deus faz brilhar o sol sobre os bons e maus, sobre os justos e injustos. O homem compenetrado de alegria que o sentimento de amor proporciona, pratica o bem pelo bem, paga o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, independentemente da retribuição de quem quer

que seja ou de qualquer interesse pessoal. Sente-se jubiloso pelo bem que esparge, pelos atos altamente meritórios de fazer feliz a quem quer que seja. O amor ao próximo estendido até o amor aos inimigos é indício de superioridade moral; disso resulta que o grau de perfeição está na razão direta da extensão do amor ao próximo (ESE, Cap. XVII, item 2); por isso recomenda o Mestre a perfeição, no sentido de estendermos o amor a todos, sem limites e distinção, vivendo assim uma consciência de ordem coletiva e não apenas pessoal. A perfeição, como disse o Cristo, encontra-se inteiramente na prática da caridade sem limites, pois os deveres da caridade abrangem todas as posições sociais, desde a mais ínfima até a mais elevada (ESE, Cap. XVII, item 10).

Deve-se, no entanto, entender por essas palavras uma perfeição relativa, aquela de que a humanidade é suscetível, e que mais pode aproximá-la de Deus. Não se deve nunca tomar essas palavras em sua acepção absoluta, pois o ser humano jamais poderá atingir a perfeição absoluta; dado o fato de ser inteligente, ter passado pela materialidade, ele será sempre relativo, ou seja, sempre perfectível. O itinerário da perfectibilidade é, portanto, a destinação dos Espíritos, cuja tendência ao progresso lhes é imanente.

Os Espíritos, sendo individuações da essência divina, possuem identidade de origem e de natureza com Deus. A presença divina lhes é, pois, imanente e possuem em forma de potência todos os atributos divinos a serem revelados. Cabe-lhes, assim, revelar, tornar manifestas essas potencialidades infinitas, pela conscientização e consequente dinamização delas. "Sede perfeitos" implica em exteriorizar a qualidade infinita da essência oculta que habita o Espírito.

É assim que afirma ainda Jesus "Vós sois deuses" (Jo 10-34), pois cada criatura é uma criação divina, e sua destinação consiste na manifestação cada vez mais grandiosa do que há em si mesmo de divino. Todo o segredo da perfeição, da felicidade está, portanto, na autoconscientização das potências divinas que caracterizam o Espírito.

Bibliografia: ESE, Cap. XVII, itens 1 a 4

## QUESTIONÁRIO

### **a) As virtudes e os Vícios — das paixões — Do egoísmo:**

- 1) Em que consiste a verdadeira virtude?
- 2) Qual a relação entre o conceito de virtude contido em O Livro dos Espíritos e a Parábola do Filho Pródigo?
- 3) Qual o meio mais eficaz de combater a predominância da natureza corpórea?

### **B) Características Do Homem De Bem — Conhecimento De Si Mesmo:**

- 1) Qual a relação do homem de bem com as Leis Morais?
- 2) Como proceder para conhecer a si mesmo?
- 3) Relacione o método de Sócrates com a reforma íntima.

### **C) Sede Perfeitos:**

- 1) Em que consiste a perfeição, segundo a referida passagem de Jesus, em Mt 5:46-48?
- 2) Os Espíritos atingirão um dia a perfeição absoluta?
- 3) O que quis Jesus significar ao afirmar "Vós sois deuses"?

## 15ª Aula - PENAS E GOZOS TERRENOS I

### **A) Felicidade e Infelicidade Relativas**

Pelo fato de ser a Terra um planeta ainda de provas e expiações, não pode o homem usufruir de completa felicidade, muito embora, na maior parte das vezes seja ele próprio culpado pelo seu infortúnio, em virtude de sua condição evolutiva. Assim, tanto a felicidade quanto a infelicidade decorrem de duas causas, cuja origem está no homem:

a) A transgressão à Lei Natural ou Lei de Deus, na presente encarnação, que rege não apenas a vida de relação, mas principalmente a vida moral. Ao afastar-se desta Lei, o homem toma-se o único responsável pela sua infelicidade.

b) Em virtude de erros cometidos em vidas passadas, justamente pela transgressão à Lei de Deus, que devem ser corrigidos na encarnação presente. Somos punidos nesta vida pelas infrações que cometemos às leis da existência corpórea, pelos próprios males decorrentes dessas infrações e pelos nossos próprios excessos. Se remontarmos pouco a pouco à origem do que chamamos infelicidades terrenas, veremos a estas, na sua maioria, como a consequência de um primeiro desvio do caminho certo (LE, 921). Do exposto, conclui-se que à medida em que o homem se aproxima da Lei de Deus, pode diminuir seus sofrimentos e viver relativamente feliz.

Muito embora a felicidade esteja diretamente ligada à evolução moral de cada um, existe um ideal comum que a torna acessível a todos: em relação à vida material, ser feliz significa a obtenção do necessário para a vida de relação; no que diz respeito à vida moral, ser feliz é ter a consciência do dever cumprido e a certeza de um futuro melhor. Porém, grande parte da Humanidade ainda não tem esta compreensão, e os momentos que poderiam ser de relativa felicidade tornam-se aflitivos e dolorosos. No enfoque deste tema, Penas e gozos terrenos, é possível relacionar algumas causas das infelicidades terrenas, a saber:

1) Em relação à vida material:

— **Acúmulo de bens:**

Sob o imperativo da Lei de Conservação, o homem vê-se na contingência de prover suas necessidades materiais, visando ao seu bem-estar; mas, impelido pela inveja e pela ganância, almeja sempre mais, ultrapassando o limite do necessário para viver dignamente; no afã de acumular bens, a cobiça turva-lhe o raciocínio, impedindo-o de distinguir o bem do mal, advindo-lhe então irreversíveis quedas morais, cujo soerguimento, doloroso em função da Lei de causa e efeito, torna-se motivo de grande infelicidade.

— **Riqueza pobreza:**

Muitas criaturas são favorecidas com grandes fortunas que, à primeira vista, parece não merecê-las. Convém lembrar, porém, que as provas são geralmente escolhidas pelos Espíritos quando na erraticidade, e pode acontecer de fracassarem no seu intento; além do mais, a riqueza constitui-se em uma prova das mais difíceis, pois se, de um lado, a pobreza pode levar à revolta, a fortuna pode levar a grandes excessos. Assim, se porventura alguém se condoer daquele que é pobre e invejar aquele que possui grandes bens, importa considerar que ambos passam por provas que lhes abrirão novas perspectivas de progresso espiritual, desde que obtenham êxito.

— **Aptidões naturais:**

Todos os homens têm aptidões naturais, através das quais a Providência Divina lhes indica as vocações a serem desenvolvidas; porém, muitas vezes são os pais que, por orgulho ou avareza, fazem os filhos se desviarem do caminho traçado pela Natureza, comprometendo-lhes com isso a felicidade. Mas serão responsabilizados por isto (LE, 928).

— **Trabalho:**

O trabalho, enquanto Lei da Natureza, impõe-se a todos como condição essencial para que haja progresso social, intelectual e moral. Mas, se o homem puder desenvolvê-lo segundo sua aptidão natural para esta ou aquela atividade, certamente será feliz, seja um trabalho humilde ou um superior. Quando ele colocar de lado o preconceito social e seu orgulho ferido, saberá então organizar uma sociedade fundamentada na Lei de Amor, Justiça e Caridade e, portanto, nos ensinamentos de Jesus. Então, jamais lhe faltará trabalho, porque sempre encontrará uma ocupação que o ajudará a viver dignamente; ninguém perecerá por falta de condições básicas à própria vida, excetuando-se aqueles que passam privações por própria culpa.

— **Diferenças sociais:**

Poder-se-ia questionar por que as classes sociais sofredoras são mais numerosas do que as aparentemente mais felizes. Contudo, nenhuma é completamente feliz, porque o homem sempre julga haver felicidade onde se ocultam grandes aflições, pois o sofrimento é parte integrante de um mundo de provas e expiações.

— **Felicidade e infelicidade relativas:**

Muito embora a necessidade seja sempre relativa às posses materiais de cada um, pode-se concluir que o mais rico é aquele que sente menos necessidades próprias, ou seja, o que se conforma em viver dentro de seus recursos, sem se deixar levar pelas necessidades artificiais, criadas pelo mundo contemporâneo. Portanto, o homem que sabe viver dentro dos limites de suas necessidades, sem desejar o que não está ao alcance de suas



possibilidades, livra-se de muitos sofrimentos e decepções; conseqüentemente, será mais feliz, e é sob esse aspecto que se deve entender a questão da relatividade quanto à felicidade ou infelicidade terrenas.

2) Em relação à vida moral:

— **Paixões:**

Se, por um lado, o homem é causador dos seus sofrimentos materiais ao desejar sempre mais posses, por outro, é também causador de seus sofrimentos morais que por vezes independem de sua vontade: o orgulho ferido, a ambição desmedida, a avareza, a inveja, o ciúme, enfim, todas as paixões que desaguam em grandes dores, tirando-lhe os momentos de felicidade que poderia usufruir na presente encarnação.

— **Más influências:**

Um fator determinante do qual decorre a felicidade ou infelicidade é a influência que Espíritos de má índole podem exercer sobre os bons; isto ocorre porque estes, na maioria das vezes, aparentam fraqueza, deixando-se dominar, ao passo que os maus geralmente são persistentes, astutos e intrigantes. Mas, à medida que os bons deixarem de ser fracos e tímidos e seus sentimentos de fraternidade e solidariedade so-brepõem a má índole de seus semelhantes, o bem tornar-se-á extensível a todos, e a tão almejada felicidade estará mais ao alcance do homem.

Do exposto acima deduz-se que o conceito de felicidade para o homem, na sua atual condição evolutiva, está na satisfação dos prazeres materiais, e que toda infelicidade se resume a partir do momento em que não os pode satisfazer. Por isto, as sociedades nativas, que ainda não se incorporaram às conquistas do mundo moderno são mais felizes, porque estão isentas da cobiça e da ganância em possuir características dos homens civilizados. No estado de civilização o homem pondera a sua infelicidade, a analisa e por isso é mais afetado por ela, mas pode também ponderar e analisar os seus meios de consolação. Esta consolação ele a encontra no sentimento cristão que lhe dá a esperança de um futuro melhor, e no Espiritismo que lhe dá a certeza do futuro (LE, 933).

Quando o homem tiver a compreensão da transitoriedade da vida terrena e souber pautar sua vida dentro dos limites do necessário que a Natureza lhe concede; quando souber apreender o alcance social e moral da Lei de Justiça, Amor e Caridade; quando conseguir analisar as penas e usufruir os gozos que lhe cabem por dever, direito e conquista, sentir-se-á mais feliz, pois aceitará os sofrimentos com resignação e conhecimento de causa, tomando-os por conta de meros transtornos passageiros.

Bibliografia: LE, 920 a 933

## **B) Perda de Entes Queridos**

### **Perda de Entes Queridos**

A perda de entes queridos é, sem dúvida, uma causa de grande sofrimento, da qual ninguém está isento; atinge tanto o rico quanto o pobre, porque representa uma prova ou expiação a que todos estão sujeitos. Entretanto, a consolação trazida pela Doutrina Espírita, ao trazer à luz o princípio da reencarnação, abriu um mundo novo e novas perspectivas a todos os que sofrem tal perda, pois sabem que não houve separação definitiva, mas sim passageira; a saudade, para aquele que tem a certeza que a vida continua, fica mais leve e é mais fácil de suportar.

Deste modo, o ser amado está frequentemente junto de cada um, podendo, às vezes, comunicar-se através de diversos meios, pois não há barreiras intransponíveis entre encarnados e desencarnados. Contrariamente ao pensamento de alguns, não há profanação nas comunicações com o Mundo Espiritual, desde que a evocação seja praticada com o devido respeito e recolhimento. A profanação se configura quando a comunicação entre o Mundo Espiritual e o Mundo Material tem objetivos levianos e fraudulentos, cuja finalidade é tão somente enganar os incautos, geralmente transtornados pela perda de um ente querido.

Sem dúvida, a lembrança carinhosa dos que ficaram é sempre grata ao Espírito que retornou à pátria espiritual; mas suas dores causam tristeza e perturbação ao desencarnado; este, quando lhe é permitido, pode ver e sentir a dor e o desespero dos que ficaram, sem nada poder fazer. Contudo, o sofrimento atinge-o a tal ponto de dificultar a sua adaptação à nova realidade e a recuperação de sua lucidez espiritual. A Doutrina Espírita, pelas provas patentes que nos dá quanto à vida futura, à presença ao nosso redor dos seres aos quais amamos, à

continuidade da sua afeição e da sua solicitude, pelas relações que nos permite entreter com eles, nos oferece uma suprema consolação, numa das causas mais legítimas de dor. Com o Espiritismo não há mais soli-dão, não há mais abandono. O mais isolado dos homens tem sempre amigos ao seu redor, com os quais pode comunicar-se (LE, 936).

Bibliografia: LE, 934 a 936

### **C) Os Tormentos Voluntários — A Infelicidade Real**

A vida de qualquer um não consiste na abundância do que possui (Lucas, 12:15).

#### **Os Tormentos Voluntários**

O significado desta citação evangélica, analisada à luz da razão, aponta a fragilidade do ser humano: a incansável procura da felicidade, baseada totalmente em valores perecíveis e na aquisição incontrolável de bens materiais. Paradoxalmente, é justamente na busca desta felicidade fictícia que se encontra a origem de seus sofrimentos. Assim, tormentos são as aflições, as angústias e privações que o homem atrai para si, espontaneamente, em razão da sua vivência totalmente voltada para os valores transitórios da vida terrena; voluntários, pois são dores desnecessárias, que nem sempre significam reajustes de erros cometidos em vidas passadas, mas apenas representam as consequências de uma busca infrutífera, porque realizada em terreno impróprio.

Em um mundo de provas e expiações, ser feliz ou infeliz é um estado interior que depende exclusivamente de valores morais e, portanto, o homem pode, mesmo na Terra, usufruir de uma relativa felicidade, desde que saiba procurá-la vivenciando a justiça, o amor e a caridade para com seu semelhante; nesta vivência fraterna, na alegria daquele que dá ajuda e consolo é que consiste a verdadeira felicidade, porque ele terá a consciência tranquila do dever cumprido e, conseqüentemente terá paz no seu coração.

Não há tormento maior para o homem do que as consequências do orgulho, da vaidade, do ciúme e da inveja; sob o domínio das imperfeições, ele não se conforma em ver seu semelhante prosperar, ser bem sucedido na vida, desfrutar de relativa prosperidade, enquanto ele próprio vive em situação de inferioridade ou de forma aflitiva. Atormentado pelo seu infortúnio, não consegue refletir e muito menos analisar a grande lição que a vida lhe oferece: aqueles que aparentam felicidade por possuírem bens materiais, muitas vezes trazem o coração amargurado presa dos mais angustiantes tormentos.

De quantos tormentos, ao contrário, se poupa aquele que sabe se contentar com o que tem, que vê sem inveja o que não tem, que não procura parecer mais do que é. Ele está sempre rico, porque, se olha abaixo de si, em lugar de olhar para cima, verá sempre pessoas que têm menos ainda; é calmo, porque não cria para si necessidades quiméricas, e a calma, no meio das tempestades da vida, não será felicidade? (ESE, Cap. V, item 23).

#### **A Infelicidade Real**

Erroneamente, os homens supõem conhecer a infelicidade nos seus mais variados graus de intensidade. Mas, conforme esclarecem os Espíritos, há uma significativa inversão de valores, em relação a este assunto. Enquanto que a felicidade, para a visão do mundo, está no acúmulo de bens, a infelicidade, dentro da mesma perspectiva, está na falta tudo o que esses bens podem proporcionar. Nesta linha de raciocínio, a infelicidade configura-se na escassez de recursos, nos flagelos da natureza, em todas as mazelas pertinentes somente à condição humana. Tudo isto, mais a infundável relação de transtornos que acometem a vida diária representam um estado aflitivo de infelicidade para o homem.

A inversão de valores evidencia-se neste próprio conceito de felicidade: é a alegria malsã, é o prazer que causa desequilíbrio, é a fortuna que leva à excessos, é a satisfação de desejos materiais, enfim, todos os gozos terrenos que amortecem a consciência pesada que obscurecem o raciocínio e impedem o homem de refletir sobre os verdadeiros valores que dizem respeito à vida espiritual. A própria Lei de Destruição, enquanto necessária à

renovação e melhoria dos seres vivos, nem sempre é compreendida pelos homens, que julgam ser uma infelicidade os transtornos passageiros decorrentes de sua ação renovadora.

Portanto, antes de se emitir qualquer julgamento a respeito de felicidade ou infelicidade, é necessário uma reflexão que leve ao aproveitamento dos momentos de angústia e de tristeza; para julgar uma coisa é preciso, pois, ver-lhe as consequências; é assim que, para apreciar o que é realmente feliz ou infeliz para o homem, é preciso se transportar além desta vida, porque é lá que as consequências se fazem sentir; ora, tudo o que se chama infelicidade segundo sua curta visão, cessa com a vida e encontra sua compensação na vida futura (ESE, Cap. V, item 24).

Bibliografia: ESE, Cap. V, itens 23 e 24

## QUESTIONÁRIO

### **A) Felicidade e Infelicidade Relativas:**

- 1) Cite três principais causas materiais que concorrem para a infelicidade do homem.
- 2) Quais as causas morais que podem concorrer para a infelicidade do homem?
- 3) Em que consiste a verdadeira felicidade?

### **B) Perda de Entes Queridos:**

- 1) Por que se deve evitar o desespero quanto à perda de pessoas amadas?
- 2) Qual o consolo que a Doutrina Espírita oferece aos que perdem entes queridos?
- 3) Por que é lícita a comunicação com o Mundo Espiritual? Comente.

### **C) Os Tormentos Voluntários — A Infelicidade Real:**

- 1) O que são tormentos, e por que voluntários?
- 2) Comente: "A vida de qualquer um não consiste na abundância do que possui" (Lucas 12:15).
- 3) Quais são os valores que a nossa sociedade deveria prezar?

## 16ª Aula - PENAS E GOZOS TERRENOS - II

### **A) Decepções - Ingratidão - Quebra de Afeições - Uniões Antipáticas**

#### **Decepções**

As decepções provocadas pela ingratidão e pela quebra dos laços de amizade são constantes fontes de sofrimentos para pessoas de bom coração. O homem, porém, deve lembrar-se sempre de que os ingratos e os amigos infiéis são passíveis de lástima e aquele que foi egoísta com um amigo, encontrar-se-á, no futuro, em condições idênticas porquanto sofrerá aquilo que fizer o outro sofrer. Pensai que o próprio Jesus, quando na Terra, foi injuriado e desprezado, tratado de patife e impostor, e não vos admireis de que o mesmo vos aconteça. Que o bem que fizestes seja vossa recompensa neste mundo e não vos importeis com o que dizem os beneficiados (LE, 937).

#### **Ingratidão**

A ingratidão é filha do egoísmo; é uma prova, também, para a persistência em fazer o bem, pois seria um grande erro querer devolver um ato ingrato com outro, endurecendo assim o coração. As decepções causadas pela ingratidão não podem endurecer o coração e tornar o homem insensível. Ele sabe que, se não o reconhecerem nesta vida, na outra afarão, e o ingrato sentirá então remorso e vergonha (LE, 938).

#### **Quebra de Afeições**

Poder-se-ia questionar se, no caso de ingratidão e quebra de afeições, não seria melhor que se fosse insensível; no entanto, isto seria um gesto de egoísmo, pois os amigos que se mostram ingratos não são, por certo, dignos dessa amizade. Importa não se afligir nesses casos, mas antes considerá-los como meios de elevar-se acima de amizades ingratas. A Natureza deu ao homem a necessidade de amar e ser amado. Um dos maiores gozos que lhe são concedidos na Terra é o de encontrar corações que simpatizem com o seu (LE, 938a).

### **Uniões Antipáticas**

Na Terra, no estágio em que se encontram em evolução, as uniões de Espíritos afins são uma forma comum para o devido reajuste entre encarnados. Outros há que pensam amar perdidamente mas, quando passam a viver em comum, não tardam em reconhecer que se tratava somente de uma paixão material. Ocorre que há duas espécies de afeição: a do corpo e a da alma, e frequentemente se toma uma pela outra. A afeição da alma, quando pura e simpática, é duradoura; a do corpo é perecível: eis porque os que se julgam amar com um amor eterno acabam se odiando, quando passa a ilusão (LE, 939).

A falta de simpatia entre os encarnados é causa de grandes sofrimentos que podem constranger toda uma existência: além disso, nessas uniões, muitos procuram a satisfação do orgulho, mais que a felicidade de uma afeição mútua. Os seres que se unem apenas pelos motivos materiais, não têm nenhum motivo para se procurarem no mundo dos Espíritos. Só são duráveis as afeições espirituais; as que dizem respeito à matéria extinguem-se com a causa que as provocou; essa causa deixa de existir na espiritualidade, enquanto as afeições da alma são eternas.

Bibliografia: LE, 937 a 940a

## **B) Preocupação com a Morte - Desgosto Pela Vida - Suicídio**

### **Preocupação com a Morte**

A preocupação com a morte é um fato comum à grande parcela da humanidade, em decorrência de dois fatores:

- 1) em razão do instinto de conservação, que é parte integrante da Lei Natural, uma vez que a vida do corpo físico é necessária ao aperfeiçoamento dos Espíritos;
- 2) como resultado de uma educação religiosa imposta aos homens, cujos ensinamentos revelam o seguinte quadro após a morte: a vida no paraíso ou inferno, ambas perdurando por toda a eternidade.

Pressupondo-se ser mais fácil para o homem, em razão de sua fragilidade ir para o inferno, explica-se o seu temor pela morte, tornando-o pessimista em relação ao seu futuro espiritual. Porém, com o amadurecimento intelectual e analisando os fatos à luz da razão, a humanidade vai, gradativamente, percebendo o aspecto incoerente do dogma do céu e inferno.

O mesmo acontece para aqueles que têm excessivo apego à matéria, levados apenas pelos gozos terrenos que podem usufruir; a felicidade representa então a realização de todos esses desejos efêmeros. Em decorrência, vivem sempre em profunda ansiedade, afetados continuamente pelas vicissitudes da vida terrena; a morte amedronta sobremaneira, pois duvidam do futuro e temem separar-se definitivamente de suas afeições.

Mesmo para aqueles que já possuem um certo esclarecimento sobre a realidade espiritual e sobre os princípios básicos da Doutrina Espírita, O temor do desconhecido se faz presente, principalmente se tiverem pouca fé no futuro. Isto ocorre porque o conhecimento intelectual não significa necessariamente progresso moral. Contudo, para o homem de bem, que sempre procurou adotar uma conduta moral centrada no Evangelho de Jesus, a morte não inspira nenhum temor, porque a fé lhe dá a certeza do futuro, a esperança lhe acena com uma vida melhor, e a caridade, cuja lei praticou, lhe dá a segurança de que não encontrará, no mundo em que vai entrar, nenhum ser cujo olhar ele deva temer (LE, 941).

### **Desgosto Pela Vida**

O desgosto pela vida é um efeito direto da ociosidade, da falta de fé e esperança no futuro, das atribuições e necessidades supérfluas que a sociedade materialista impõe ao homem. Mas aquele que sabe direcionar suas potencialidades para uma ocupação útil, segundo suas aptidões naturais e em conformidade com a Lei do Trabalho, imprime à sua vida um novo alento e uma nova alegria de viver; a fé em Deus, pai amoroso que a tudo provê, dá ao homem a força e a coragem para enfrentar as provas e expiações que lhe cabem na vida.

Através de uma ocupação útil na sociedade, de uma conduta fraterna em relação ao seu próximo e da obediência à Lei de Amor, os homens preencherão o vazio de sua existência encontrando novamente o amor

pela vida, sem se deixar levarem por atitudes drásticas; suportam suas vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto mais agem tendo em vista a felicidade mais sólida e mais durável que os espera (LE, 943).

### **Suicídio**

O homem não tem o direito de dispor da própria vida, qualquer que seja a circunstância, pois o suicídio configura-se numa violenta transgressão às Leis de Deus. No entanto, muitas criaturas são induzidas por diversos motivos a este ato extremo; da questão 944a à 956 de O Livro dos Espíritos, são relatadas diversas situações em que ocorrem o suicídio: do louco que se mata e, portanto, não é considerado suicídio voluntário; dos insensatos que o cometem por desgosto pela vida; dos que não conseguem suportar as adversidades e se envergonham das ações praticadas; daqueles que se suicidam por defeitos e vícios. Importa esclarecer que nenhuma destas atitudes é justificável perante Deus, especialmente de decorrer do orgulho e da vaidade.

São várias as consequências advindas do suicídio e, portanto, não há uma regra fixa para suas penalidades; elas são sempre relativas às causas que determinaram tal gesto insensato. Mas, um fato comum a todos os suicidas, e do qual não podem se furtar, é o desapontamento diante das consequências dos seus atos, quando então compreenderão a inutilidade de sua atitude. Alguns resgatam seus erros imediatamente, outros, em encarnações futuras, para através do sofrimento, compreenderem a dádiva da vida. A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário à lei natural. Todas nos dizem, em princípio que não se tem o direito de abreviar voluntariamente a vida (...) Mas por que não se é livre de pôr um termo aos próprios sofrimentos? Estava reservado ao Espiritismo demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é apenas uma falta como infração a uma lei moral (LE, 957).

Sendo a morte um fenômeno natural, perfeitamente explicável pelas Leis da Destruição e do Progresso, a insubmissão arbitrária a essas leis redundará em sofrimento para aquele que o provocou. "Seria como arrancar um fruto verde da árvore.

## **C) A Felicidade Não é Deste Mundo**

Bem-aventurados vós que agora chorais, porque riréis. (Lc, VI:21)

É muito comum homens, de toda as posições sociais, reclamarem da própria sorte. Muito dificilmente se encontra na Terra uma pessoa que afirme desfrutar da felicidade plena, face aos gozos terrenos. Isso porque, segundo a expressão do Espírito Cardeal Morlot, A felicidade não é deste mundo (ESE, Cap. V, item 20). Isso significa que a fortuna, os títulos, o poder, a posição social, e nem mesmo a juventude em flor são condições essenciais à felicidade. Muito pelo contrário, Jesus pregou valores inversos aos valores deste mundo, e toda limitação aqui sofrida de forma digna, com amor e resignação, converter-se-á em bênçãos quando na espiritualidade; pois o coração que sofreu sabe do gosto, do mérito da vitória sobre si mesmo.

É inconcebível que pessoas menos aquinhoadas invejem a posição dos favorecidos da fortuna, pois muitas vezes a fortuna é uma prova difícil no sentido de bem aplicá-la em benefício de muitos. Neste mundo, seja quem for, tem sua parte de trabalho e de miséria, seu quinhão de sofrimento e desengano, e isso é própria de nossa condição de seres em evolução. Importa, pois, procurar a consolação para os nossos ma-les no futuro que Deus nos prepara, e assim os que hoje sofrem serão os bem-aventurados de amanhã.

Aqueles que têm a Terra por única morada, e que esperam que em uma única existência possam alcançar o grau mais elevado de felicidade, enganam-se a si mesmos. A própria condição da materialidade impede a plenitude do Espírito. Como a dor faz parte do mundo dos sentidos, chega-se a uma conclusão inevitável: o mundo sem dor é uma abstração que só existirá na imaginação inconsequente, pois a exclusão da dor implica necessariamente na inexistência de conquistas espirituais. A dor é, de fato, uma das alavancas propulsoras da evolução do ser humano. E assim que, se a morada terrena se destina a provas e expiações, é forçoso admitir que existe moradas superiores em que desfrutar-se-á da plenitude, das alegrias inerentes à condição espiritual de seres evoluídos.

Aquilo em que consiste a felicidade terrena pode nos alegrar por alguns dias, meses ou anos, mas a verdadeira felicidade é muito mais duradoura, pois consiste na força moral, na interioridade liberta, no amor que está muito acima da glória e do brilho terrenos. Desta forma, os felizes da Terra não são, necessariamente, os felizes perante Deus. Muito se questiona, por que Deus já não nos criou felizes. Acontece que os longos ciclos evolutivos necessários ao desenvolvimento das potencialidades do Espírito, mostram-nos que o processo não é

imediatamente ou mágico, mas lento e gradual, regido pelas leis físicas e espirituais. E assim que os Espíritos evoluídos, os sábios são mais felizes, pois já superaram os degraus da materialidade na escalada rumo à plenitude espiritual.

Por outro lado, ao se afirmar que a felicidade não é deste mundo, deduz-se que a verdadeira felicidade é contrária aos valores desse mundo. E assim que Jesus na simplicidade de sua vida ensinou-nos a riqueza do Espírito, diante da injustiça dos homens revelou a justiça divina, em meio ao ódio dos homens deixou a mais expressiva mensagem de amor, em meio aos poderosos da Terra revelou-se o maior perante Deus.

Bibliografia: ESE, Cap. V, item 20

#### QUESTIONÁRIO

##### **A) Decepções - Ingratidão - Quebra De Afeições - Uniões Antipáticas:**

- 1) Como encarar decepções causadas pela ingratidão de pessoas e consequente quebra de afeições?
- 2) Como se forma a grande maioria das uniões na Terra? Comente.
- 3) Por que há uniões antipáticas?

##### **B) Preocupação Com A Morte — Desgosto Pela Vida — Suicídio:**

- 1) Do que decorre a preocupação com a morte?
- 2) Como a Doutrina Espírita explica as causas do suicídio?
- 3) Deve o Espírita temer a morte?

##### **C) A Felicidade Não É Deste Mundo:**

- 1) Qual o sentido da expressão a felicidade não é deste mundo?
- 2) Quando será possível reinar, um dia, a felicidade na Terra? Desenvolva.
- 3) Por que Deus já não criou o homem feliz?

## 17ª Aula - PENAS E GOZOS FUTUROS - I

### A) O Nada - A Vida Futura - Intuição das Penas e dos Gozos Futuros

#### **O Nada - A Vida Futura**

Há vida após a morte? Vive-se eternamente, ou tudo se aniquila de uma só vez? Ser ou não ser? A ideia do nada, ou de que tudo se acaba com a morte, é repugnada pela razão. Segundo a doutrina do niilismo, nada existe de absoluto, não há verdade moral, nem hierarquia de valores; é a redução ao nada. Pela crença em o nada, o homem deveria concentrar seus pensamentos apenas na vida presente. Mas, inutilmente, pois ele tem a convicção de que tudo não se acaba com a morte, porque a Lei de Deus está inscrita na sua própria essência.

O sentimento intuitivo da vida futura tem origem nas reminiscências das vidas passadas: antes da encarnação o Espírito conhece todas essas coisas, e a alma guarda uma vaga lembrança do que sabe e do que viu no estado espiritual (LE, 959). É em vão que o homem se obstina contra a existência de uma vida futura. Quem poderia aceitar com indiferença uma separação eterna do que ama? A religião ensina e a razão confirma que o nada não existe. Mas a noção de uma existência futura, vaga e indefinida como costumeiramente é apresentada, acaba por gerar a dúvida. No entanto, o sentimento de uma existência melhor está no foro íntimo de todos os homens e Deus não o pôs ali em vão (LE, 959). Surge daí a relevância do Espiritismo no esclarecimento do futuro, pois graças às comunicações espíritas isto não é mais uma presunção,

A crença que se encontra em todos os povos, nas penas e recompensas futuras, procede do pressentimento da realidade, dado ao homem pelo seu Espírito. Porque, ficai sabendo, não é em vão que uma voz interior vos fala e vosso mal está em não escutá-la sempre. Se pensásseis bem nisso, com a devida frequência, vos tornaríeis melhores (LE, 960). No momento da morte, o homem cético será dominado pelo sentimento da dúvida; o culpado, pelo sentimento do medo, e o homem de bem pelo sentimento da esperança. Segundo comentário de Allan Kardec à questão 962, a ideia que Deus nos dá de sua justiça e de sua bondade, pela sabedoria de suas leis, não nos permite crer que o justo e o mau estejam aos seus olhos no mesmo plano, nem duvidar de que não



recebam, algum dia um a recompensa e outro o castigo pelo bem e pelo mal que tiverem feito. É por isso que a Lei de Justiça, Amor e Caridade, imanente ao homem, dá-lhe a intuição das penas e das recompensas futuras, aquele, portanto, que vivência esta Lei em sua pureza, cumpre a Lei de Amor.

Bibliografia: LE,958 a 962

## **B) Intervenção de Deus nas Penas e nas Recompensas - Natureza das Penas e dos Gozos Futuros**

### **Intervenção de Deus nas Penas e nas Recompensas**

Deus ama todos os seres que criou e deles se ocupa. Nada é demasiadamente pequeno para a Sua bondade. Isto, porém, não significa que Ele se ocupe de todos os atos de nossa vida para nos punir ou recompensar. Todas as nossas ações, por mais insignificantes que sejam, não fogem às consequências das leis de Deus.

Deus tem as Suas leis que regulam todas as ações dos homens. Se houver transgressão, evidentemente que as consequências recairão sobre o transgressor. Quando um homem comete um excesso, Deus não o julga nem o pune; apenas força-lhe um limite, através do sofrimento.

Segundo a Lei de causa e efeito, colhe-se o que se semeia: é o homem que se pune a si mesmo. Se sofremos as consequências dessa violação, não nos devemos queixar senão de nós mesmos, que nos fazemos assim os artífices de nossa felicidade ou de nossa infelicidade futura (LE, 964). Deus quer o bem de todos e, por isso, a cada instante envia Espíritos que inspiram o caminho do bem, mas o homem, infelizmente, nem sempre os escuta. Entretanto, como o desígnio de Deus é a salvação de todos, Ele concede o recurso de, através de novas existências, serem reparados os erros do passado.

Cada pessoa possui os sentimentos da própria vida que leva, seja felicidade, seja tristeza, segundo os padrões evolutivos em que se encontra. O conceito de felicidade é relativo: cada um vive em função de seus vícios e virtudes, julgando-se com direito à felicidade presente e futura, confiante na justiça divina, interpretada muitas vezes, pelos próprios padrões de cada um. Diz Allan Kardec que a felicidade está na razão direta do progresso realizado, de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto o outro, unicamente por não possuir o mesmo adiantamento intelectual e moral, sem que por isso precisam estar, cada qual, em lugar distinto (O Céu e o Inferno, Primeira Parte, Cap. III, item 6).

### **Natureza das Penas e dos Gozos Futuros**

As penas e os gozos da alma, após a desencarnação, não são de natureza material. Desprendido da carne, o Espírito é mais impressionável, já que a matéria não mais lhe enfraquece as sensações (Ver LE 237 a 257). Preso ao mundo material o homem faz ideias absurdas das penas e dos gozos futuros, e só os compreende melhor à medida que se for esclarecendo e tomar conhecimento da verdade.

A felicidade dos bons Espíritos consiste em ter conhecimento de todas as coisas; não ter ódio, ciúme, inveja, ambição nem qualquer das paixões que fazem a infelicidade dos homens. O amor que os une é fonte de suprema felicidade; eles não experimentam as necessidades, os sofrimentos e as angústias da existência corpórea, o que já é um gozo. Não se pense que eles permanecem em perene contemplação nas esferas celestiais. Isso seria uma felicidade monótona—a felicidade do egoísta—pois sua existência seria uma total inutilidade; eles são felizes com o bem que fazem.

A felicidade dos Espíritos é sempre proporcional à sua elevação moral. Os Espíritos puros gozam da felicidade suprema, o que não implica que os demais sejam infelizes. Entre os bons e os maus Espíritos há uma infinidade de graus, onde os gozos são relativos ao estado normal de cada um: os adiantados compreendem a felicidade dos que avançaram ainda mais e, por isso, a ela aspiram, motivados pelo progresso e não pela inveja. Eles sabem que o alcance da felicidade depende deles próprios e, para tanto, trabalham com afinco, mas com a calma da consciência pura. E sentem-se felizes de não terem de sofrer o que sofrem os maus Espíritos.

Os sofrimentos dos Espíritos inferiores são tão variados quanto as causas que os produzem e proporcionais ao grau de inferioridade, assim como os gozos são proporcionais ao grau de superioridade. Esses sofrimentos

podem ser assim resumidos: Cobiçar tudo o que lhes falta para serem felizes, mas não poderem obtê-lo; ver a felicidade e não poder atingi-la; mágoa, ciúme, raiva, desespero, decorrentes de tudo o que os impede de ser felizes, remorsos e uma ansiedade moral indefinível. Desejam todos os gozos e não podem satisfazê-los. E isso que os tortura (LE, 970).

As torturas morais constituem a principal punição das faltas e crimes praticados pelos maus Espíritos. A maior tortura é o pensamento de serem condenados para sempre. A doutrina do fogo eterno, que é uma imagem como tantas outras, passa a ser vista como uma realidade. Incapaz de traduzir na sua linguagem a natureza dos sofrimentos, o homem os compara ao fogo por ser este o tipo de suplício mais cruel e o símbolo da ação mais enérgica. Essa crença remonta à mais alta Antiguidade e foi herdada pelos povos modernos.

Os Espíritos inferiores compreendem a felicidade dos justos e isto também os tortura, porque sabem que estão privados dela por sua própria culpa. Por essa razão, o Espírito liberto da matéria aspira a uma nova existência corpórea, que poderá abreviar, se bem empregada, a duração desse sofrimento. O Espírito errante vê a realidade das coisas: o mal que fez ou o bem que deixou de fazer e, então, escolhe conscientemente as provas que poderão expiar suas culpas. Para a alma que permanecer maculada, as provas são penosas e perturbam a felicidade; para aquela que já se elevou, as provas nada têm de penoso.

Ver os espíritos que sofrem não é uma aflição para os bons, pois estes sabem que o mal terá um fim e, por isso, ajudam os sofredores em sua recuperação e enchem-se de gozo quando obtêm êxito nesse fraterno estendimento de mãos. O Espiritismo ensina a suportar as provas com resignação e ajuda o homem a praticar atos que contribuam para a sua felicidade. Não é necessário, porém, fazer profissão de fé no Espiritismo para assegurar a sorte na vida futura: Se assim fosse, todos os que não creem ou que não puderem esclarecer-se seriam deserdados, o que é um absurdo. É o bem que assegura a sorte no futuro; ora, o bem é sempre o bem, qualquer que seja a via pela qual se conduz (LE, 982).

Bibliografia: LE, 963 a 982

### **C) A Vida Futura - O Ponto de Vista**

*Meu reino não é deste mundo (João, 18: 36).*

#### **A Vida Futura**

Ao ensejo da Primeira Revelação, Moisés teve de lidar com um povo rude, formado de pastores, no seio do qual reinava grande atraso. Ele, portanto, precisou falar mais sobre as coisas do mundo e, por isso, os judeus sempre aguardavam recompensas de ordem material, não vendo mais que a supremacia política da nação e recompensas representadas pelos bens terrenos.

Os judeus alimentavam ideias muito incertas sobre a vida futura. Viam Jeová como Senhor dos Exércitos e os anjos como seres privilegiados da Criação, não pensando sequer que os próprios homens pudessem tornar-se anjos e partilhar sua felicidade. Com o advento de Jesus, que simbolizou a Segunda Revelação, foi revelado um outro mundo, onde a justiça de Deus segue o seu curso, mundo esse que ele promete aos que observam os Mandamentos das leis de Deus. Ao dizer a Pilatos "Meu reino não é deste mundo", Jesus Cristo deixou bem delineada a vida futura como sendo a finalidade superior, para a qual se dirige a Humanidade, tornando-se objeto das principais preocupações do homem na Terra.

Jesus, no entanto, procurou conformar os seus ensinamentos com o estado evolutivo dos homens de sua época. Achou de bom alvitre não lhes dar o conhecimento completo das coisas, pois isso os ofuscaria em vez de os esclarecer, uma vez que ainda não estavam aptos para compreendê-lo. Todos os cristãos acreditam na vida futura, mas a ideia que dela muitos fazem é vaga e imprecisa, pois não passaria de uma crença eivada de dúvidas e de falhas, daí surgindo as descrenças e as controvérsias.

Jesus sabia que os homens não estavam adequadamente preparados para assimilar uma nova compreensão muito mais ampla, sobre a vida futura; então, prometeu que em época propícia, enviaria o Consolador, o Espírito da Verdade, que tudo restabeleceria em seus devidos termos. Com a Terceira Revelação, consubstanciada no Espiritismo, a existência da vida futura deixou de ser um artigo de fé ou uma hipótese.

Tornou-se uma realidade palpável, comprovada pelos fatos, porque os Espíritos são as testemunhas oculares que vêm descrevê-la de modo amplo e irrefutável. Deixou de ser uma coisa duvidosa, hipotética, para tornar-se uma patente realidade.

A descrição da vida futura pelos Espíritos benfeitores, é de tal forma circunstanciada, e as condições da existência feliz ou infeliz dos que nela se acham são tão racionais que daí resulta a compreensão da verdadeira justiça de Deus. Verdadeiramente, se o homem encarar o futuro com base nas vidas sucessivas, enfrenta os tropeços da vida com mais indiferença, resultando numa vida mais feliz e consciente. Alimentando dúvidas sobre o futuro, o homem concentra todo o seu esforço e pensamento na vida presente, deixando de ver a excelência das vidas futuras, mais preciosas e proveitosas do que as vividas na Terra.

O Espiritismo propicia aos homens clara antevisão da vida futura, ao comprovar a imortalidade da alma e seu futuro promissor, fazendo com que se capacite do incomensurável amor de Deus pelas suas criaturas e do Seu empenho para que elas se aprimorem moral e espiritualmente. Não foi em vão que o Mestre prometeu aos seus apóstolos que ele iria à frente para preparar-lhes o lugar nas muitas moradas que existem na casa do Pai, o que também deixa bem claro o conceito sobre a vida futura.

### **O Ponto de Vista**

A ideia precisa que se faz da vida futura traz uma fé permanente no porvir, o que tem consequências enormes na moralização dos homens, porque transforma completamente o ponto de vista sob o qual eles encaram a vida terrena. Tendo conhecimento da vida espiritual, o homem passa a compreender que uma encarnação não é mais que uma passagem de curta duração num lugar inóspito. Encara as vicissitudes, as atribulações da vida como óbices no caminho, uma vez que compreende que esta vida é de curta duração. A morte deixa de ser estarrecedora, pois o homem sabe que não é o fim, mas apenas um preparativo para encetar novas jornadas.

A simples dúvida sobre a vida futura leva o homem a concentrar todos os seus pensamentos na vida terrestre; incerto do futuro, ele só vê o presente e não percebe outros bens mais preciosos que os mundanos, pois é como uma criança que não vê nada além dos seus brinquedos. Segundo esse ponto de vista, tudo toma ao seu redor vastas proporções: o mal que o atinge ou o bem que compete aos outros, tudo adquire, aos seus olhos, uma grande dimensão.

Por outro lado, poder-se-ia pensar que se ninguém não mais se ocupasse das coisas terrenas, não haveria progresso. Não é bem assim: mesmo na certeza de uma vida passageira, o homem instintivamente procura seu bem-estar, o que o força a melhorar todas as coisas. Possui o homem o instinto do progresso e da conservação que estão nas Leis Naturais e, por conseguinte, ele sente a necessidade de trabalhar e de cumprir os desígnios da Providência Divina, que o colocou na Terra para esse fim. Deus não condena os prazeres terrestres, mas o abuso desses prazeres em detrimento da conduta moral.

O Espiritismo expande o pensamento sobre a visão estreita que faz da Terra a única e frágil base da vida futura, e descortina novos horizontes por onde se vê que essa vida não é senão um elo no conjunto harmônico da obra do Criador.

Bibliografia: ESE, Cap. II, itens 1 a 3

### **QUESTIONÁRIO**

#### **A) O Nada - A Vida Futura - Intuição Das Penas e Dos Gozos Futuros:**

- 1) Por que a ideia do nada é repugnada pela razão?
- 2) Em que o Espiritismo se baseia para afirmar a vida futura?
- 3) Qual a origem do sentimento inato no homem quanto às penas e recompensas futuras?

#### **B ) Intervenção De Deus Nas Penas e Nas Recompensas - Natureza Das Penas e Dos Gozos Futuros:**

- 1) Qual a intervenção de Deus nas penas e recompensas futuras?
- 2) Qual o significado da Lei de causa e efeito?
- 3) Por que a felicidade está na razão direta do progresso realizado?

#### **C ) A vida futura - O ponto de vista:**

- 1) Por que a consciência da vida futura influi no desenvolvimento intelectual e moral dos homens?

- 2) Por que o conhecimento da vida futura nos proporciona uma visão melhor da Justiça Divina?
- 3) Por que a felicidade está na razão direta do progresso realizado?

## **18ª Aula - PENAS E GOZOS FUTUROS II**

### **A) Penas Temporais - Expição e Arrependimento**

#### **Penas Temporais**

A denominação de penas temporais refere-se às expiações e provações que o Espírito sofre quando encarnado. Nas tribulações da vida terrena, o Espírito encontra seu sofrimento seja de ordem moral, seja de ordem material. No entanto, apenas o corpo físico sofre as vicissitudes materiais pois, ao ocorrer a morte do corpo, o Espírito não sofre mais as dores físicas e, segundo as faltas que tenha cometido, terá sofrimentos morais mais cruciantes. E então, numa nova existência, poderá ainda ser mais infeliz: o rico passará a esmolar e estará submetido a todas as humilhações; aquele que abusa da autoridade e trata os subordinados com desprezo e dureza, irá obedecer a um senhor ainda mais cruel.

As penas e tribulações da vida são expiações de faltas cometidas em outras existências, ou conseqüências de faltas praticadas na existência atual. No entanto, as vicissitudes da vida podem ser às vezes provas escolhidas pelo próprio Espírito antes da reencarnação, para o auto fortalecimento ou para o progresso e superação de si mesmo.

Por outro lado, jamais a infração das leis de Deus, e sobretudo da lei da justiça, fica impune; se a punição não é feita nesta vida, será necessariamente em outra (LE, 984). Os Espíritos vão se encarnando em mundos mais perfeitos, à medida que se purificam e até que se despojem da matéria e se limpem de todas as manchas. Nos mundos em que a existência é menos material, as necessidades são bem menores e os sofrimentos físicos muito menos vivos do que na Terra.

Assim, a reencarnação num desses mundos já é uma recompensa. O Espírito que progrediu na existência terrena pode, às vezes, aqui reencarnar para completar sua missão, o que não será mais para ele uma expiação.

O homem que, sem praticar o mal, nada fez para libertar-se da influência da matéria, não deu nenhum passo na direção da perfeição; ele deve, então, recomeçar numa existência semelhante à que deixou; fica, portanto, estacionário, e assim prolonga os sofrimentos de sua expiação. Há também pessoas para as quais a vida flui serena, sem preocupações e cuidados; por isso, não têm necessidade de fazer qualquer coisa para si mesmas. Essa existência aparentemente feliz não significa que nada tenham que expiar de uma existência anterior; podem ter escolhido tal existência, mas quando a deixam logo percebem que essa escolha não as ajudou a progredir. Então, como os preguiçosos, elas lamentam o tempo perdido. O Espírito não pode adquirir conhecimentos nem elevar-se senão através da atividade. Por isso, cada qual terá de prestar contas da inatividade voluntária durante sua existência; essa inutilidade é sempre fatal à felicidade futura. A soma da felicidade futura está na razão da soma do bem que tiver Jeito; a da infelicidade, na razão do mal e dos infelizes que se tenham feito (LE, 988).

Finalmente, há pessoas que, sem serem más, todavia, tomam outras pessoas infelizes, por causa do seu caráter. Essas criaturas, seguramente, não são boas e expiarão suas faltas pela visão daqueles que tomaram infelizes. Depois, numa outra existência, elas passarão pela mesma espécie de sofrimento.

#### **Expição e Arrependimento**

O arrependimento, na maioria dos casos, ocorre no Plano Espiritual e também pode dar-se no estado corpóreo, quando o ser encarnado já tem condições de distinguir entre o bem e o mal e já desfruta de uma consciência ativa, fazendo uso da inteligência para governar seus atos.

O arrependimento do Espírito no Plano Espiritual cria o incessante interesse de uma nova reencarnação, para que ele possa remir suas faltas. Nesta condição, o Espírito compreende que suas imperfeições o impedem de ser feliz e, por isso, aspira à encarnação para que possa expiar suas faltas. Já quando o arrependimento se dá no

estado corpóreo, e o ser encarnado tem uma vida voltada para a análise consciente de seus atos, ele pode adiantar-se, ainda na vida presente, com a reparação de suas faltas.

Há pessoas que já fazem o bem por um impulso espontâneo, livres dos sentimentos contrários e levadas, assim, pelo progresso adquirido em lutas anteriores, em certas circunstâncias da vida. E por isso que hoje usam os bons sentimentos sem nenhum esforço, e suas ações lhes parecem muito fáceis. Para estas pessoas o bem tomou-se um hábito, automatizou-se. O progresso existe sem cessar; contudo, umas avançam com mais rapidez e outras de maneira mais demorada, segundo seus desejos.

O homem perverso que, durante a vida, não reconheceu suas faltas, sempre as reconhecerá após a morte; aumentará daí seu sofrimento, porque sentirá todo o mal que praticou ou do qual foi a causa voluntária. A prece é efetiva no caso de Espíritos que se arrependem, modificando assim seu estado interior e ampliando suas energias na busca do bem e dos sentimentos amorosos. Em relação à prece, esta só tem efeito em favor do Espírito que se arrepende. Aquele que, impulsionado pelo orgulho, se revolta contra Deus e persiste no seus erros, exagerando-os ainda, como o fazem alguns infelizes Espíritos, nada pode receber da prece e nada receberá até o dia em que uma luz de arrependimento o esclareça (LE, 997). O Espírito pelo qual se ora experimenta alívio, por encontrar outros que compartilham suas dores. Por outro lado, a prece pode ser um despertar na busca da felicidade.

As preces têm o poder de mudar o estado de um Espírito, abreviando assim suas penas. Esse desejo de melhora atrai para o Espírito que sofre outros mais conscientizados, que vêm esclarecê-lo, consolá-lo e dar-lhe muitas esperanças. Sabe-se que nada há que tire o Espírito da condição em que se encontra, se não partir dele o desejo de melhorar na busca do novo estado. Mas a prece pode elevá-lo, acordando-o para o desejo triunfal da nova condição.

A expiação se cumpre na existência corpórea através das provas a que o Espírito é submetido, e na vida espiritual pelos sofrimentos morais decorrentes do seu estado de inferioridade (LE, 998). O arrependimento sincero pode apressar a reabilitação, mas não absolve o Espírito de suas faltas. Pode-se, nesta vida, começar o resgate das faltas cometidas, reparando-as através da boa ação e do pensamento construtivo, sempre voltados ao bem de outrem.

Bibliografia: LE, 983a a 1002

## **B) Duração das Penas Futuras**

A duração dos sofrimentos do Espírito na vida futura não é arbitrária, mas subordinada às leis de Deus que revelam Sua sabedoria e bondade; o Pai nunca age de maneira caprichosa e casuística.

O que determina a duração dos sofrimentos daquele que errou é o tempo necessário ao seu melhoramento. O estado de sofrimento e de felicidade sendo proporcionais ao grau de pureza do Espírito, a duração e a natureza dos seu sofrimentos dependem do tempo que ele precisa para se melhorar. À medida que ele progride e que seus sentimentos se depuram, seus sofrimentos diminuem e se modificam (LE, 1004).

A duração dos sofrimentos do Espírito seria eterna, se ele fosse eternamente mau e não pudesse arrepender-se nem melhorar sua condição. No entanto, Deus não criaria seres voltados eternamente para o mal, pois a lei divina é o progresso e a perfeição. Criou-os apenas simples e ignorantes, para que pudessem evoluir pela conquista e esforço de cada um. A lei que rege, portanto, a duração das penas é benevolente, e subordina essa duração aos esforços do Espírito, de acordo com seu livre-arbítrio. Sem dúvida, há penas que podem ser impostas por determinado tempo, mas Deus, que não deseja senão o bem de suas criaturas, aceita sempre o arrependimento, e o desejo de se melhorar nunca é estéril (LE, 1008).

O Deus dos cristãos não é vingativo, como o Deus revelado por

Moisés, mas coloca o amor, a caridade, a misericórdia e o esquecimento das ofensas no plano das primeiras virtudes. Deus é justo, mas a Sua justiça não exclui a bondade; ao contrário, confere ao homem a liberdade de escolher e, portanto, a responsabilidade de receber segundo suas obras. A ideia da eternidade das penas é a mais fecunda fonte de incredulidade, do materialismo e da indiferença das massas que não possuem senso crítico.

Quem é o culpado? É aquele que se afasta do objetivo e das leis da Criação. Qual é o castigo? É a consequência natural da infração à lei de amor. O castigo é o aguilhão que excita a alma pela amargura a voltar-se para si mesma, a retornar ao caminho da salvação. O objetivo do castigo não é outro senão a reabilitação (LE 1009).

Gravitar para a unidade divina, esse é o objetivo da Humanidade. Para atingi-lo, três coisas lhe são necessárias: a justiça, o amor e a ciência; três coisas lhe são opostas e contrárias: a ignorância, o ódio e a injustiça (LE, 1009). Ao exagerarmos a severidade de Deus, estamos comprometendo esses princípios que constituem todo o fundamento da evolução do ser; todo o fim da criação consiste em atingir a perfectibilidade em unidade, em essência, em Deus e jamais dEle distanciar-se eternamente. Enquanto existir o mal entre os homens subsistirão as penas, mas dia virá em que todos os homens se revestirão, pelo arrependimento, da roupagem da bondade; nesse dia não haverá mais choro nem ranger de dentes, mas poder-se-á afirmar com Jesus: Eu e o Pai somos um (Jo 10:30)

Bibliografia: LE, 1003 a 1009

### **C) Bem e Mal Sofrer**

*Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados (Mateus, 5:4).*

Todos sofrem na vida terrena, tanto o que vive no mais suntuoso palácio, como o que mora no mais obscuro casebre. O nosso mundo é um planeta de expiação e dor e, como decorrência, todos os que nele habitam experimentam a dor de natureza física ou moral.

A dor que acomete o homem deve ser suportada com resignação, calma, paciência e estoicismo, sem murmúrios e sem blasfêmias. Aqueles que assim procederem, se enquadram na doutrina de Jesus Cristo: “Bem-aventurados os aflitos, porque o reino dos Céus lhes pertence”. Somente as expiações bem suportadas podem impulsionar a criatura para um mundo mais feliz. Aquele que se revolta, blasfema e atribui a Deus a pecha de injusto, ou exclama que a Justiça Divina o marginalizou, está perdendo uma oportunidade ímpar de elevar-se espiritualmente.

Jesus Cristo desceu ao nosso mundo para aqui desempenhar a mais fulgurante das missões. Espírito puro que é, nada tinha que expiar ou resgatar na Terra; no entanto, sofreu os piores vexames, as penalidades do açoite e o sacrifício infamante na cruz; porém, o fez resignadamente, no silêncio, e as únicas palavras que pronunciou foram: “Pai, perdoa- lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34).

O Evangelho Segundo o Espiritismo contém uma comunicação do Espírito Lacordaire, do seguinte teor: O militar que não é enviado ao combate não fica satisfeito, porque o repouso na luta não lhe proporcionará nenhuma promoção. Sede, portanto, como o militar, e não busqueis um repouso que vos enfraqueceria o corpo e entorpeceria a alma. Ficai satisfeitos, quando Deus nos envia à luta; nela não há o fogo da batalha, mas sim, os amargares da vida, que muitas vezes requerem mais coragem do que no sangrento combate (ESE, Cap. V, item 18).

Quando alguém se sentir assolado por uma mágoa profunda ou uma contrariedade, deve esforçar-se para se tornar superior, dominando os acessos de impaciência, de cólera e de desespero, tudo fazendo para sair vencedor da peleja. Isso é possível, pois Jesus afiançou que o seu “fardo é leve e o seu jugo suave”, deixando entrever que Deus não coloca em nossos ombros um fardo que não poderemos carregar.

Ninguém deve duvidar, ainda que por um só instante, o incomensurável amor do Criador pelas suas criaturas. É inexcusável o desvelo do Pai

Celestial e dos Espíritos benfeitores, que executam a Sua vontade por aqueles que passam por agudas fases de sofrimento na Terra. O olhar paternal de Deus está sobre todas as Suas criaturas e, principalmente, sobre os que passam pela fome, pelo frio, pela nudez. Se Deus permite que o homem sofra é porque Ele quer o aperfeiçoamento de todos os Seus filhos, pois a dor é um buril que lapida a alma. “Bem-aventurados os aflitos” pode, pois, ser traduzido assim: bem-aventurados aqueles que têm oportunidade de provarem sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, porque terão em cêntuplo a alegria que lhes falta na Terra, e depois do trabalho virá o repouso (ESE, Cap. V, item 18).



A Doutrina Espírita através de um de seus postulados básicos, qual seja, o da reencarnação, demonstra aos homens, de sobejo, que ninguém sofre sem uma razão, remota ou recente e que o sofrimento, se não for prova, é sempre herança de erros passados. Consciente de que o sofrimento tem uma causa, e que se deve suportar tudo com resignação e conformação, o ser humano, através dos ensinamentos do Espiritismo, fica sabendo que, após o reajuste perante a justiça do Criador, senão houver novas transgressões, não experimentará novos sofrimentos e se aproximará mais de Deus. O seu Espírito, então, passará a palmilhar as veredas do progresso espiritual, pois o Pai quer que todos os Seus filhos sejam sábios e se aproximem da perfeição.

A dor faz as pessoas buscarem meios de alívio e, por isso, é um dos instrumentos de que a Justiça Divina se serve para impulsionar os homens rumo à pureza espiritual, porquanto o reino dos Céus pertence aos misericordiosos, aos pobres de Espírito, aos brandos, aos pacificadores, aos simples de coração, e todos devem ter a certeza de que “ajudando-se a si próprios, os Céus os ajudarão”.

Bibliografia: ESE, Cap. V, item 18

## QUESTIONÁRIO

### **A) Penas Temporais — Expição e Arrependimento:**

- 1) Que são penas temporais?
- 2) O que podemos dizer daquele que nunca praticou nem o bem, nem o mal?
- 3) Qual o poder da prece para um Espírito que sofre?

### **B) Duração Das Penas Futuras:**

- 1) Como se processa a duração dos sofrimentos na vida futura?
- 2) Por que o Espírito não é eternamente mau?
- 3) Quando deixarão de subsistir as penas?

### **C) Bem Sofrer e Mal Sofrer:**

- 1) Como devemos suportar a dor?
- 2) Comente a afirmação de Jesus: "Bem-aventurados os que sofrem, porque serão consolados".
- 3) Por que permite Deus que o homem sofra?

## 19ª Aula - PENAS E GOZOS FUTUROS III

### **A) Ressurreição da Carne**

A convicção e dogma da ressurreição da carne, que fazem parte dos ensinamentos de muitas religiões, nada mais são do que a confirmação de um dos postulados básicos da Doutrina Espírita, a reencarnação. Entre os povos antigos já havia a crença de que uma pessoa, depois de morta, podia ressuscitar, ou seja, voltar à vida num mesmo corpo, generalizando-se o conceito de ressurreição para toda e qualquer manifestação do Espírito, fosse em vidência, aparição ou materialização. Portanto, tal como ocorre com os fenômenos mediúnicos, também a reencarnação está presente na tradição religiosa de alguns povos antigos, e cabe à Doutrina Espírita dar-lhe o enfoque que os conhecimentos científicos da época permitem.

Fica evidente a interpretação errônea dos textos bíblicos tomados ao pé da letra, sob determinado aspecto, pois usando-se de bom senso e à luz da Ciência fica clara a impossibilidade da ressurreição da carne e na carne; tal dogma é lógica e cientificamente inaceitável pois, de acordo com a formação dos seres orgânicos, após a morte a matéria inerte se decompõe e retorna às suas origens, aguardando nova oportunidade para formar outros corpos na natureza.

Ao difundirem o dogma da ressurreição da carne, portanto, as religiões estão, indiretamente, referindo-se ao princípio da reencarnação, pois tanto uma como outra se referem a uma mesma questão, sob ótica diferente. Deste modo, a ressurreição da carne é uma metáfora para o fenômeno da reencarnação, amplamente analisado pela Doutrina Espírita. Dentro em pouco se reconhecerá que o Espiritismo ressalta, a cada passo, do próprio

texto das Escrituras Sagradas. Os Espíritos não vêm, portanto, subverter a religião, como pretendem alguns, mas vêm confirmá-la, sancioná-la através de provas irrecusáveis. E como é chegado o tempo de substituir a linguagem figurada, falam sem alegorias, dando às coisas um sentido claro e preciso que não possa ser objeto de nenhuma falsa interpretação (LE, 1010a).

Assim, embora o princípio da reencarnação pareça, à primeira vista, contrário a certas crenças religiosas, uma análise mais detalhada revela que essa contradição é mais aparente do que real e provém menos da essência que da interpretação. Por fazer parte da ordem natural das coisas, a reencarnação torna-se um fato evidente e necessário à evolução do Espírito, claramente explicado por Jesus em várias passagens evangélicas.

Deste modo, tem-se que enquanto a ressurreição da carne preconiza a volta à vida do corpo decomposto, a reencarnação apresenta-se como um ressurgimento do Espírito na matéria, porém em um novo corpo, modificado e melhorado segundo suas necessidades evolutivas. O fato de desconhecerem o mecanismo que liga o Espírito à matéria é que levou os povos antigos a interpretações que não sobrevivem ao crivo da razão. Mas, com o advento da Doutrina Espírita, o termo ressurreição pode ser analisado cientificamente, eliminando-se assim sua linguagem dúbia e figurada. Não se pode, portanto, racionalmente, admitir a ressurreição da carne, senão como uma figura simbolizando o fenômeno da reencarnação. E então nada há que choque a razão, nada que esteja em contradição com os dados da ciência (LE, 1010a).

Bibliografia: LE, 1010 e 1010a

## **B) Paraíso - Inferno - Purgatório - Paraíso Perdido**

### **Paraíso - Inferno**

A delimitação geográfica e circunscrita de um lugar no espaço destinado às penas e aos gozos dos Espíritos, tal qual ocorre com o dogma do paraíso e inferno, tem sua origem na Gênese Mosaica; segundo estes ensinamentos, Deus fez o firmamento, separando as águas que estavam acima dele — chuvas, neves, fenômenos atmosféricos — das que estavam abaixo: mares, lagos, rios.

De acordo com as religiões que aceitam esta teoria, denominou-se céu um lugar no firmamento destinado à morada eterna das almas justas e tementes a Deus; e inferno, a região situada abaixo do firmamento, destinada ao sofrimento eterno daqueles que se rebelaram contra Deus. Esta concepção bíblica encontrou respaldo no pensamento humano de outrora, pois, de acordo com os conhecimentos de astronomia do passado, a Terra era o centro do Universo, ao redor da qual giravam o sol, a lua e demais planetas. O firmamento, visto a olho nu, teria o formato de uma grande abóboda, onde os astros e estrelas fixavam-se e cuja finalidade, segundo a criação bíblica, seria a de dividir as águas. Com o tempo, convencionou-se chamar de céu e inferno o alto e baixo desta grande abóboda.

A Doutrina Espírita, porém, apoiada na razão e no bom senso, ensina que a localização de um determinado lugar, tanto para as penas quanto para os gozos futuros, não existe, pois ambos dizem respeito ao estado evolutivo de cada Espírito; conseqüentemente, cada um traz, na sua interioridade, a origem de seu estado feliz ou infeliz. Pelo fato dos Espíritos habitarem inúmeras moradas, agrupando-se por afinidade segundo seus ideais evolutivos e, portanto, povoarem todo o universo, deduz-se então que eles estão por toda parte, sendo impossível haver um lugar circunscrito a eles destinado. A ideia de paraíso e inferno, bem como de sua localização delimitada, tem origem na imaginação dos próprios homens: provém da sua tendência de materializar e circunscrever as coisas cuja natureza infinita não podem compreender (LE 1012).

A Doutrina Espírita, ao trazer à luz a essência do Cristianismo redivivo, esclarece que a concepção de paraíso e inferno é incompatível com a evolução pois, então, todos os seres permaneceriam em pura contemplação, ou condenados às penas eternas. No a verdade, paraíso e inferno representam tão somente o estado consciencial de cada criatura a refletir sua condição moral. Todos os Espíritos, mesmo os mais inferiores da Criação, conhecerão a plenitude divina, quando o estado superior de suas consciências assim o permitir. "Nenhuma das ovelhas que o Pai me confiou se perderá", disse Jesus; portanto, as almas sofredoras de hoje serão amanhã as almas sublimadas pelo amor e pela sabedoria.

### **Purgatório**

O conceito de purgatório aceito por algumas religiões, surgiu da necessidade de se justificar a bondade e a justiça de Deus para com aqueles que eram condenados por faltas mais leves e que, de outra forma, iriam irremediavelmente para o inferno. Sem a existência do purgatório, restariam duas alternativas extremas: a felicidade suprema no céu, ou o sofrimento eterno no inferno.

Segundo a Doutrina Espírita, deve-se entender por purgatório não um lugar definido, mas o estado mental de Espíritos ainda imperfeitos que estão em busca do aperfeiçoamento moral e intelectual, através de dores físicas e morais; é, portanto, um estado de expiação, no qual o Espírito expia suas faltas, submetendo-se às provas materiais e reajustando-se com as leis de Deus. Neste estado de alma, o Espírito em prova tem consciência de um futuro melhor. Inferno pode traduzir-se por uma vida de provas extremamente penosas, com a incerteza de melhora. Purgatório, por uma vida também de provas, mas com a consciência de um futuro melhor (LE, 1014a).

### **Concepção de Céu para a Doutrina Espírita**

Céu é o espaço universal; são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores em que os Espíritos gozam de todas as suas faculdades, sem as atribuições da vida material nem as angústias inerentes à inferioridade (LE 1016). Céu não é, portanto, um aglomerado de Espíritos bons a usufruírem da eternidade em ociosa e contemplativa adoração a Deus; os eleitos dessa condição feliz são os Espíritos puros, co-criadores que exercem missões divinas a expressar seu amor em constante atividade, participando da criação de outros mundos, e trazendo revelações divinas para o progresso da Humanidade.

### **Paraíso Perdido**

De tempos em tempos, os Espíritos superiores trazem à Terra revelações divinas que, gradualmente, revelam ao homem aspectos da realidade espiritual. Em função do estágio evolutivo da Humanidade, toda revelação divina reveste-se necessariamente de um duplo aspecto: o aspecto divino propriamente dito, imaterial e eterno, e o aspecto humano, que interpreta o caráter divino, necessário para que a Humanidade possa recebê-la; foi o que aconteceu com o mito de Adão e Eva e o paraíso perdido, pois embora encerrando uma verdade, foi interpretado de acordo com a época.

A perda do paraíso entrou para a consciência da Humanidade e aí perdurou, porque ela encerra uma verdade: quando um mundo chega ao término de sua evolução, irá desaparecer para dar lugar a inúmeros outros que se destacam da Matéria Cósmica. Os habitantes que alcançaram seu progresso total, ascendem a mundos superiores; os que se atrasaram no seu aperfeiçoamento, irão para mundos novos, menos adiantados, cumprir missões penosas, nas quais poderão trabalhar pelo seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo que trabalharão para o adiantamento de seus irmãos ainda mais atrasados (LE, 1019). Assim, a expulsão de Adão e Eva do paraíso, segundo o relato bíblico, nada mais foi do que a queda de uma raça superior aos terráqueos, exilada para a Terra, mundo ainda de expiação.

De acordo ainda com este mito, a origem de todo o mal que assola Terra está no dogma do pecado original, herdado de Adão e Eva. Na Terceira Revelação que os Espíritos trouxeram à Humanidade, já há o esclarecimento de que o mal tem suas raízes na desobediência às leis divinas de cada criatura, em razão do livre-arbítrio. Considerado desta maneira, o pecado original se refere à natureza ainda imperfeita do homem que só é responsável por si mesmo e por suas próprias faltas, e não pelas faltas dos seus pais (LE, 1019). Convém lembrar que até mesmo na Bíblia há referências sobre a origem do mal, quando « profeta Ezequiel diz: "... nem o pai responde pelo filho, nem o filho pelo pai, senão cada um por suas próprias obras" (Ez 18:20).

Quando Jesus disse "Meu reino não é deste mundo" estava querendo dizer, em sentido figurado, que este existe só nos corações puros e desinteressados dos valores mundanos e que, portanto, poderá estar em todos os lugares onde haja o amor e a fraternidade. Mas, enquanto os homens não alcançarem a maturidade espiritual, as verdades eternas terão o véu humano a encobrir o seu verdadeiro significado. Contudo, conceitos como céu, inferno, purgatório e paraíso perdido são concepções que já tiveram seu tempo e sua validade, e não mais satisfazem almas lúcidas, que se utilizam da Ciência, da Filosofia e da Moral para galgarem os degraus do saber e da virtude.

Assim, enquanto algumas religiões, ao revelarem a eternidade do mal, impõem o selo da inalterabilidade aos seus postulados, já a Doutrina Espírita proclama a progressividade dos ensinamentos divinos e levanta o véu que descerra a verdade sobre as vidas sucessivas. Vós iodos, homens de fé e de boa vontade, trabalhai, portanto, com zelo e com coragem na grande obra da regeneração, porque colhereis centuplicado o grão que tiverdes semeado (LE, 1019).

Bibliografia: LE, 1011 a 1019

### **C) Parábola do Festim das Bodas**

O Reino dos Céus se assemelha a um rei que, querendo festejar as bodas de seu filho, despachou seus servos a chamar para as bodas os que tinham sido convidados, mas estes não quiseram vir (Mt 22:2-3).

Desejando festejar as bodas de seu filho, o rei ordenou que seus servos fossem chamar os convidados para participarem do banquete real. Mesmo diante deste convite fraterno, os convidados não quiseram ir alegando várias razões de ordem material. Outros, além de se recusarem a comparecer, agarraram os servos, ultrajando-os e matando-os. O rei, enchendo-se de cólera, ordenou que seus exércitos exterminassem os assassinos, queimando lhes a cidade. A seguir, dirigiu-se a outros servos, ordenando que eles fossem às encruzilhadas, chamando para as bodas todos aqueles que encontrassem — bons e maus, ricos e pobres, sãos e aleijados, e finalmente o salão real ficou repleto.

Entrou em seguida o rei para ver os que estavam à mesa, e dando com um homem que não vestia a túnica nupcial, disse-lhe: "Meu amigo, como entraste aqui, sem a túnica nupcial?". O homem calou-se, e então disse o rei aos serventes: "Atai-lhe as mãos e os pés e lançai-o nas trevas exteriores, onde há choro e ranger de dentes, porquanto muitos serão os chamados e poucos os escolhidos (Mt 22:1-14).

À primeira vista, tem-se a impressão de ser esta parábola um tanto singela, pois narra um estranho banquete para o qual o anfitrião precisou enviar seus servos a chamar os convidados e estes, além de se recusarem a ir, atentaram contra a vida dos emissários. No entanto, esta parábola é bastante incisiva, pois nela Jesus compara o Reino dos Céus, onde tudo é ventura e alegria, a um grande festim.

Deus, em Sua infinita misericórdia, deliberou verificar o grau de fé e aprimoramento dos hebreus, pois sendo a única comunidade monoteísta da época, deveriam ter atingido maturidade espiritual suficiente para assimilar a nova revelação que Jesus viera trazer.

O primeiro convite foi formulado quando da Primeira Revelação ocorrida através de Moisés, ao receber no monte Sinai o Decálogo, cujo objetivo era concitar o povo a refrear seus instintos e se precaver dos prazeres mundanos. O povo hebreu foi assim convidado a uma reflexão de ordem espiritual, ressaltando-se a transitoriedade dos valores terrenos.

Mas, isto significava o abandono de inúmeras vantagens e prazeres de ordem material e, portanto, o chamado não foi atendido. Os emissários do rei foram os profetas e missionários encarregados de despertar as criaturas para a prática do bem, tornando-as dóceis aos desígnios de Deus; contudo, suas admoestações não foram ouvidas. Muitos foram massacrados, tal como ocorreu com os servos da parábola. Foi por isso que Jesus, pouco mais tarde, lamentando a sorte de Jerusalém, vaticinou: "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes eu quis ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo de suas asas, e tu não quiseste!" (Mt 23:37).

Em face da relutância em aceitar o chamado para o festim, novamente o convite foi feito, de forma mais abrangente, generalizando-se a todos os povos, inclusive aos pagãos e aos idólatras; estes, acolhendo o convite, demonstraram disposição de participar das bodas, tal é o caso de Paulo de Tarso, Barnabé, Lucas, Timóteo e tantos outros, que foram os fiéis portadores da boa-nova.

E o banquete espiritual de Jesus encheu-se de trabalhadores de todos os matizes; mas, no meio deles estavam também os interesseiros e falsos profetas os quais, apesar de se beneficiarem do banquete evangélico, insurgiram-se contra as leis de Deus ao deturparem os ensinamentos de Jesus: erigiram suntuosas casas de oração, criaram tribunais religiosos, formularam orações intermináveis, estabeleceram, em nome de Deus,

dogmas incoerentes, como os do pecado original, céu e inferno, penas eternas, e tantos outros, que não condizem com a bondade divina.

A parábola do festim das bodas preconiza uma grande verdade: não basta ser seguidor de uma determinada crença religiosa, para fazer jus ao Reino dos Céus e participar do seu banquete celestial; não basta ser convidado, não basta dizer-se cristão; é necessário estar revestido da túnica nupcial, ou seja, ter pureza no coração e cumprir os preceitos das leis de Deus. Não basta ser seguidor de determinada crença, se não se exercita a caridade, o amor, o perdão, virtudes que capacitam todas as criaturas a conquistarem o Reino dos Céus e partilharem da verdadeira felicidade.

## QUESTIONÁRIO

### A) Ressurreição Da Carne:

- 1) Qual era a ideia dos povos antigos sobre a ressurreição?
- 2) É possível a ressurreição da carne? Por quê?
- 3) Qual a diferença entre reencarnação e ressurreição?

### B) Paraíso — Inferno — Purgatório — Paraíso Perdido:

- 1) Como a Doutrina Espírita explica a concepção de céu e inferno?
- 2) Como podemos entender o paraíso perdido?
- 3) Explique o dogma do pecado original.

### C) A PARÁBOLA DO FESTIM DE BODAS:

- 1) Como interpretar os primeiros convidados para o festim das bodas?
- 2) Os falsos profetas se beneficiaram realmente do banquete do Senhor?
- 3) O que significa estar vestido com a túnica nupcial?

## 20ª Aula - ALLAN KARDEC E A CODIFICAÇÃO ESPÍRITA

### A) Síntese do Momento Cultural na Europa, à Época da Codificação

Para muitos historiadores, o século XIX, caracterizado por inúmeras conquistas científicas, é também chamado o século das grandes transformações, em função das lutas renovadoras no âmbito social e político em que a Europa mergulhou, notadamente a França. O desejo de liberdade impulsionou as conquistas sociais, de um lado sob a tutela dos princípios democráticos pregados pelos pensadores do século, e de outro, ainda sob os efeitos da Revolução Francesa e da Era Napoleônica. As ideias liberais, resquício dessa Revolução, foram assimiladas, tais como a igualdade de todos perante a lei, e a liberdade de pensamento e de cultos; em consequência, houve o desabrochar da responsabilidade individual, num preparo prévio para a conscientização da Humanidade no seu novo papel, frente ao progresso que se desenrolava sob seus olhos.

O momento político e cultural da Europa, à época da Codificação foi decisivo para a história da Humanidade, pois as grandes invenções e descobertas científicas agitavam todos os ramos do conhecimento, destacando-se:

— Ampere, André-Marie (1775 / 1836) — físico francês, um dos pioneiros no estabelecimento de teorias matemáticas sobre as relações | entre eletricidade e magnetismo;

— Lavoisier, Antoine-Laurent (1773 / 1794) — pioneiro no estabelecimento dos princípios e fundamentos da química;

— Pasteur, Louis (1822 / 1895) — químico e biólogo francês tornou-se célebre no mundo científico por seus trabalhos sobre cristalografia, fermentações, higiene, agentes propagadores das infecções, vacina contra o carbúnculo, raiva, e principalmente pelo chamado processo de pasteurização.

— Mesmer, Franz Anton (1734 / 1815) — médico alemão que realizou pesquisas sobre as propriedades dos imãs, dos fluidos e do magnetismo animal. Segundo a teoria de Mesmer (mesmerismo), todo ser vivo possui um fluido magnético que estabelece influências recíprocas entre os indivíduos.

— Pestalozzi, J. Heinrich (1746 / 1827) — pedagogo suíço que preconizou o estudo especializado; teorizou a educação fundamental, partindo da criança para o ensino e não vice-versa; foi discípulo de Jean Jaques Rousseau; fundou a escola-lar para crianças em várias cidades da Suíça, entre estas Yverdon, onde Allan Kardec estudou e lecionou pedagogia.

Os cientistas sustentavam que sua função não era acreditar e sim, investigar; por esta razão, a Ciência estava continuamente em constante progresso, deixando de lado as velhas teorias incapazes de explicar os fatos. Em função desta postura, todos os campos do saber humano registraram descobertas, invenções e sistemas, estabelecendo ideias fundamentais, acumulando conhecimentos em todas as áreas. A Filosofia também se rendeu a essa onda renovadora, embora materialista, que caracterizou o século XIX; temos assim como representantes desse momento:

— Descartes, René (1596 / 1650) — Considerado o pai da Filosofia moderna, afirmava que para conhecermos a verdade, é preciso, de início, partir da dúvida, questionando tudo criteriosamente. Fazendo uma aplicação metódica da dúvida, o filósofo foi considerando como incerta a percepção sensorial e as noções adquiridas sobre os objetos materiais. Estabeleceu que a única verdade totalmente livre de dúvidas era a seguinte: meus pensamentos existem. Ao chegar à célebre conclusão "Penso, logo existo", afirma assim que pensamento é algo mais certo que a matéria corporal, e descobre a realidade inegável do Espírito. Pode-se dizer que a chamada revolução cartesiana foi precursora da revolução espírita.

— Kant, Immanuel (1724 1784) — Sua vida foi inteiramente consagrada ao estudo, ao ensino e à meditação. Preocupou-se em estabelecer quais os limites e o alcance da razão, enquanto faculdade de conhecimento. Escreveu: A Religião nos Limites da Razão Pura, a Crítica da Razão Pura, a Crítica da Razão Prática, onde demonstra que a lei moral é a possibilidade a mais profunda de nosso ser, e a realização de nossa verdadeira destinação.

— Hegel, George W. Friedrich (1770 1831) — Suas primeiras reflexões referem-se ao espírito do Judaísmo e do Cristianismo, e testemunham preocupações religiosas e históricas; o que lhe interessava era descobrir o espírito de uma religião ou de um povo em seu contexto histórico. Escreveu, assim, a Fenomenologia do Espírito, onde traça a história pela qual a consciência humana elevou-se das representações mais elementares de Deus à sua representação filosófica adequada.

Surgiu assim o Iluminismo, pois suas concepções filosóficas baseadas no uso e exaltação da razão encontravam respaldo nos pensadores da época. Por volta de 1848, toda a Europa é agitada pela Revolução Liberal e Democrática, desencadeando uma série de tumultos populares. Em consequência os valores éticos tradicionais perderam a sustentação; não houve novos valores morais que pudessem substituir os antigos. As religiões, a quem caberiam o papel de preencher o vazio transcendental que se instalara entre os homens, recolheram-se nos seus objetivos; como resultado, a crença se desmoronou com a decadência da fé e as diversas religiões mostraram-se incapazes de reavivar a luz espiritual.

O progresso moral da Humanidade, estagnado, distanciou-se cada vez mais do progresso científico e uma grande depressão se abateu em todos os setores da comunidade europeia que, pela primeira vez, desiludiu-se ante as grandes conquistas alcançadas no campo da Ciência, que não satisfaziam seus anseios espirituais. Em meio a esse contexto, um fato inusitado veio à tona, exatamente em Paris, fulcro pensante do século XIX, agitando teólogos, cientistas, filósofos e demais estudiosos: a 18 de abril de 1857, Allan Kardec, o futuro Codificador de uma doutrina que iria preencher o vazio existencial da Humanidade, publicou O Livro dos Espíritos. Muito embora toda a Europa já estivesse familiarizada com os fenômenos espíritas, principalmente através do fenômeno das mesas girantes, tais fatos não passavam de meros divertimentos nos salões sociais.

Mas agora eles adquiriam uma outra conotação, pois o impacto causado por Allan Kardec, que assumia publicamente a direção do movimento espírita, provocou reações no mundo todo. Sobre estes fatos, assim Kardec se expressou: Compreendi, antes de tudo, a gravidade da pesquisa que ia empreender; percebi naqueles fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Em suma, toda uma revolução nas ideias e nas crenças (Obras Póstumas, segunda parte, Cap. "Minha Primeira Iniciação no Espiritismo").

A nova doutrina que despontava no horizonte do século XIX vinha exatamente na hora psicológica mais apropriada, justamente no torvelinho das grandes transformações para reabilitar, de acordo com as orientações



vindas dos Espíritos, o papel do homem frente ao seu destino imortal; seus valores, centrados no Evangelho de Cristo, mostravam à Humanidade o caminho do progresso espiritual, ao mesmo tempo em que trazia o consolo e a esperança que os homens tanto almejavam. A tarefa de Allan Kardec era difícil e complexa. Competia-lhe reorganizar o edifício desmoronado da crença, reconduzindo a civilização às suas profundas bases religiosas, diz André Luiz em A Caminho da Luz (Cap. XXIII).

Por isso o Espiritismo, enquanto Consolador prometido por Jesus, só pode ser revelado aos homens no contexto científico do século XIX, em meio a matemáticos, astrônomos, botânicos, filósofos e físicos que fizeram a Ciência de seu tempo. Era preciso que assim fosse, para que a Humanidade pudesse apreender as leis naturais que regem o Universo, reveladas pelo Espiritismo. Observando, comparando e julgando os fatos, sempre com cuidado e perseverança, concluiu (Kardec), que realmente eram os Espíritos daqueles que morreram a causa inteligente dos efeitos inteligentes e deduziu as leis que regem esses fenômenos, deles extraindo admiráveis consequências filosóficas e toda uma doutrina de esperança, de consolações e de solidariedade universal. O homem pôde então conhecer as leis naturais e suas implicações, pôde descrever as leis que regem os mais diversos fenômenos, estabelecendo novas fronteiras do conhecimento.

Allan Kardec, Espírito missionário encarregado de ser o portador desta nova Revelação, fora preparado para ser o elemento unificador do pensamento deste século, pois unia seu rigoroso método científico ao submeter os fenômenos espíritas à luz da razão, à integridade e pureza do seu coração; ele era a síntese da razão e da fé, assim como a doutrina que ele trazia a público era a síntese da ciência, da filosofia e da religião, e isto era tudo o que faltava para preencher o vazio existencial da Humanidade.

#### Bibliografia:

Obras Póstumas - Ed. FEESP, Allan Kardec

Grandes Espíritas do Brasil - Ed. FEB, Wantuil, Zeus

Allan Kardec, Vol. II - Zeus Wantuil e Francisco Thiesen, Ed. FEB

A Gênese, Cap. I e XVII - Allan Kardec

Evolução em Dois Mundos - André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, Ed. FEB

## B) O Espiritismo é o Consolador

Se me amais, guardai os meus mandamentos. E eu rogarei ao pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco, o Espírito de Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece. Mas vós o conhecereis, porque ele ficará convosco e estará entre vós. Mas o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo aquilo que eu vos tenho dito (João, Cap. XIV, v. 15 a 17 e 26).

### A Promessa

Esta citação do Novo Testamento refere-se à passagem em que Jesus, reunido com seus discípulos durante a última ceia, explica que se eles o amassem e observassem suas leis, após sua partida rogaria ao Pai que, no tempo certo, lhes enviasse o Consolador, o Espírito de Verdade. Este Consolador não teria como único objetivo a revelação de novos ensinamentos, mas também traria à luz a verdade sobre seus ensinamentos. Jesus, na sua infinita complacência e misericórdia, compreendia a frágil condição humana; sabia que seus ensinamentos seriam ofuscados pelas imperfeições dos homens, e deturpados pelos dogmas de várias doutrinas que se ramificariam à sombra do seu Evangelho. Por isto, a promessa feita não apenas aos seus discípulos, mas extensiva a toda Humanidade, de que não a abandonaria à própria sorte; por mais que os homens se distanciassem da sua Doutrina, enviaria à Terra o Espírito de Verdade, o Consolador, para lembrar o conteúdo doutrinário do seu Evangelho.

### O Consolador

Importa antes de mais nada ressaltar a expressão "Consolador"; o Mestre foi simples e direto na sua promessa, sem denotar qualquer traço ambíguo no seu significado. Isto porque Jesus, na sua condição de Espírito puro,

sabia que a Humanidade afastar-se-ia do seu Evangelho, tumultuada pelas lutas terrenas, e esquecer-se-ia das bem-aventuranças, que são as promessas consoladoras para serem usufruídas em vidas futuras. Assim, previa o Mestre, a necessidade de também trazer à luz suas consolações contidas sobretudo no Sermão da Montanha, pois as religiões dogmáticas seriam impotentes para consolar os homens nas suas dores e aflições. Consolador, portanto, porque o Espírito de Verdade, o seu enviado, reviveria a mais pura essência da sua missão, centrada acima de tudo no amor a Deus e ao próximo: a redenção da Humanidade.

A partir do século XIX, quando a história do pensamento caminhou a passos largos em função do desenvolvimento científico, um sopro de vida nova agitou a Humanidade, preparando-a para receber o impacto da Terceira Revelação. Assim, a partir dos primeiros precursores do Espiritismo já se anunciava timidamente o grande evento da vinda do Consolador, pois era chegada a hora para que a Doutrina dos Espíritos fosse revelada, lançando luzes sobre o verdadeiro sentido dos ensinamentos de Jesus, que não pôde, à sua época, ensinar claramente todas as coisas.

O Espiritismo revela ser esta promessa divina anunciada, porque traz implícito em seu corpo doutrinário, de forma compreensível e lógica, todas as condições do Consolador prometido por Jesus. Não é uma doutrina individual, uma concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É o produto do ensino coletivo dos Espíritos, ao qual preside o Espírito de Verdade (A Gênese, Cap. XVII, item 40).

Allan Kardec, codificador da Doutrina Espírita, com seu método dialético de abordagem das questões fundamentais da dualidade espírito e matéria, e tutelado pelo Espírito de Verdade, desvendou as leis que regem o mundo invisível e o mundo material. O estudo sistematizado dessas leis permitiu que se estabelecesse o intercâmbio entre esses mundos — estava aberta a porta para que o Espírito de Verdade, tal qual anunciara Jesus, se fizesse presente entre os homens, trazendo em suas comunicações as consolações de um Pai amoroso, ciente dos sofrimentos de seus filhos e atento aos seus clamores.

O Espiritismo, como antigamente minha palavra, deve lembrar aos incrédulos que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus grande que faz germinar a planta e eleva as ondas. Revelei a Doutrina divina e, como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso na Humanidade e disse: Vinde a mim, todos vós que sofreis! (O Espírito de Verdade — ES E, Cap. VI, item 5).

O Espiritismo não é fruto de uma só voz espiritual, isolada, que ultrapassa a fronteira do invisível; são inúmeras e inúmeras vozes que representam o Espírito de Verdade a proclamar, em todos os cantos da Terra, a veracidade das suas comunicações, pois que estas significam tão somente a interpretação integral dos ensinamentos contidos no Evangelho. Ele é o Consolador, na medida em que conclama aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, que se aproximem de Jesus para receberem o lenitivo para suas dores; além disso, aponta a origem de todos os males que acometem o ser humano. Em seus postulados estão a explicação para os graves problemas do gênero humano que as demais religiões mostraram-se incapazes de solucionar, tais como:

- a revelação do destino do homem na Terra, calcada no princípio da reencarnação, e a conseqüente expiação de erros de vidas passadas, e por isto, o sofrimento;
- como decorrência, vem a compreensão de que este sofrimento não é eterno, mas que conduz à felicidade futura e que, portanto, é o instrumento do progresso moral;
- na seqüência, a fé no futuro se fortalece, dirimindo dúvidas e inquietações sobre o porvir, através do conhecimento de que há muitas moradas na casa do Pai;
- a expectativa dessas recompensas futuras confere àquele que sofre a paciência, o consolo e a resignação para aceitar os desígnios de Deus;
- a certeza de que todos foram criados em igualdade de condições para, através de múltiplas existências na matéria, atingirem a condição de Espíritos puros.

Nestes e demais postulados da Doutrina Espírita estão as bases das leis de Deus, através das quais o homem tem o consolo, a fé e a esperança de um futuro melhor. No prefácio de O Evangelho Segundo o Espiritismo, a instrução do Espírito de Verdade, transmitida mediunicamente, resume o verdadeiro caráter do Espiritismo, enquanto Consolador prometido:

" Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos céus, como um imenso exército que se movimenta desde que dele recebeu o comando, espalham-se sobre toda a superfície da Terra; semelhante às estrelas cadentes, vêm iluminar o caminho e abrir os olhos aos cegos.

Eu vos digo, em verdade, são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas em seu sentido verdadeiro para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos(...)". Bibliografia: ESE, Cap. VI, itens 3 a 80

## QUESTIONÁRIO

### **A) Síntese Do Momento Cultural Na Europa, À Época Da Codificação:**

- 1) Por que a doutrina Espírita surgiu especificamente no século XIX?
- 2) Quais as contribuições da Ciência à época da Codificação?
- 3) Como se caracterizou o momento da Codificação, do ponto de vista filosófico?

### **B) O Espiritismo é o Consolador:**

- 1) Por que a promessa de Jesus de enviar outro Consolador?
- 2) Explique por que Jesus empregou a expressão "O Consolador" para a Terceira Revelação.
- 3) Por que o Espiritismo cumpre a promessa de ser o Consolador prometido por Jesus?

## 21ª Aula - APRESENTAÇÃO SUMÁRIA DOS LIVROS

### **A) O Livro dos Espíritos — A "Conclusão"**

A primeira edição de O Livro dos Espíritos data de 18 de abril de 1857, a qual foi totalmente revista, corrigida e homologada pelos Espíritos, sucedida assim pela segunda edição em 18 de maio de 1860. Nesta, das 501 questões iniciais passam a constar 1019 questões, às quais Allan Kardec apresenta um texto concludente. Esta "Conclusão" apresenta-se dividida em nove itens, os quais, por uma questão didática, propomos intitular:

#### **I — O Fenômeno das Mesas Girantes**

À época de Kardec estava muito em moda na sociedade europeia o fenômeno das mesas girantes, como um passatempo das reuniões sociais; denominava-se então essa prática como "sessões de mesinha" ou "mesa-falante". Essa era uma forma de que os Espíritos se valiam, para uma invasão organizada de suas manifestações no mundo. No entanto, para muitos, esses fenômenos não passam de mero divertimento ou passatempo; não compreendem que embora comuns, conhecidos da antiguidade e até mesmo dos povos semi-selvagens, possam estar relacionados a graves problemas de ordem social e moral, assim como do futuro da Humanidade. Dessas práticas saiu toda uma Ciência, com a solução de problemas que nenhuma filosofia pudera resolver. A forma metódica com a qual foram considerados esses fenômenos conferem-lhes toda uma autoridade, assim como o valor moral dessas comunicações que viriam a modificar a visão do ser com relação a sua origem, sua natureza e o seu destino.

#### **II — O Materialismo**

O Espiritismo é o mais perigoso antagonista do materialismo; não é, pois, de admirar que tenha os materialistas por adversários. Ao combater o maravilhoso e o sobrenatural, o materialismo combate as religiões em geral, pois fundam-se na revelação e nos milagres.

No entanto, a religião espírita é positiva, ou seja, fundamenta-se em fatos incontestáveis; não se trata de crença, mas de convicção a partir de comprovações racionais. Ora, o que são os milagres, para a Doutrina Espírita, senão fatos naturais? Em que consiste a revelação, senão em comunicações de seres como nós, mas que habitam uma esfera extrafísica ou espiritual? A natureza não pode derogar leis eternas que regem o Universo. Todos os fenômenos espíritas, sem exceção, são conseqüências de leis gerais. Eles nos revelam uma das forças da natureza, força desconhecida, ou para melhor dizer, incompreendida até hoje, mas que a observação demonstra estar na ordem das coisas. Os que atacam o Espiritismo é porque, na verdade, não conhecem sua autoridade moral e racional.

### **III — O Ceticismo**

Vive-se uma civilização engrandecida materialmente, mas que não soube superar-se espiritualmente, eis a causa da incredulidade dos homens, e que tanto reflete em seu comportamento com o próximo. É à ausência de crença que se deve atribuir o relaxamento dos laços de família e a maioria das desordens que minam a sociedade. Demonstrando a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reaviva a fé no futuro, reergue os ânimos abatidos, faz suportar com resignação as vicissitudes da vida. Ora, se duas doutrinas se enfrentarem, uma nega o futuro, a outra o prova; uma nada explica, a outra tudo explica e dirige-se à razão; a primeira aniquila a esperança, a segunda consola e mostra o vasto campo do futuro. Qual é a mais convincente?

Muitas pessoas, entre os quais os cétricos, fazem-se apóstolos da fraternidade e do progresso. Mas, se tanto uma quanto o outro baseiam-se na abnegação, em que valores apóiam-se tais pessoas se para elas a vida reduz-se a breves momentos? Vem disso o desejo de possuir bastante para melhor gozar. Desse desejo, por sua vez nasce a inveja dos que possuem mais, e dessa inveja ao desejo de tomar o que eles possuem vai apenas um passo. O que as retêm? A lei? A consciência? O sentimento encontra uma razão de ser se tudo acaba com a vida? Com essa crença uma única máxima é racional: cada um por si, pois nada existe além da morte.

### **IV — O Futuro e o Progresso**

O progresso da Humanidade tem como princípio a aplicação da lei da justiça, amor e caridade, e essa lei se funda sobre a certeza do futuro. Dessa lei derivam todas as outras, pois encerra todas as condições para a felicidade do homem. Ao comparar os povos e as épocas, ver-se-á que melhoram sua condição à medida que essa lei é melhor praticada. Pode-se já entrever o que será da sociedade, quando tomar essa lei por base de todas as instituições sociais.

Pode-se avaliar o futuro, com base no que o homem já alcançou no passado, e já se vê pouco a pouco as antipatias entre os povos se extinguirem, maior justiça presidir as leis nacionais, as distinções de raça e crença não mais serem consideradas. Sem dúvida, existem ainda muitos resíduos a serem destruídos, os quais não poderão opor-se ao poder irresistível do progresso, essa força viva que é em si mesma uma lei da Natureza. No entanto, mesmo que o homem venha a ter a felicidade que o progresso intelectual proporciona, ele perceberá que essa felicidade é incompleta sem a segurança das relações sociais; e essa segurança só será encontrada no progresso moral.

### **V — Propagação das Ideias Espíritas**

Muitos reconhecem que a Doutrina Espírita ameaça invadir o mundo sem perceber que com isso proclamam, portanto, sua própria força; uma ideia que não tivesse fundamentos e que não fosse apoiada na lógica não poderia tornar-se universal. Se, pois, o Espiritismo se implanta por toda parte, se recruta adeptos sobretudo nas classes esclarecidas, como todos o reconhecem, é que tem um fundo de verdade. Nesse sentido é inútil o esforço de seus detratores, pois a própria razão constitui sua verdade intrínseca. O desenvolvimento das ideias espíritas apresenta três aspectos distintos: — o primeiro é o da curiosidade provocada pela estranheza dos fenômenos; — o segundo é o do raciocínio e da filosofia; — o terceiro, da aplicação e das consequências.

Segundo Allan Kardec o período da curiosidade já passou, pois, uma vez satisfeita, já mudou seu objeto, mas o mesmo não acontece com relação ao pensamento sério e ao raciocínio. O Espiritismo progrediu sobretudo depois que foi melhor compreendido em sua essência, pois além dos fenômenos há uma filosofia: essa filosofia (...) explica o que nenhuma outra havia explicado; nela encontra-se, pelo simples raciocínio, uma demonstração racional dos problemas que interessam no mais alto grau o futuro do homem. Além disso, o Espiritismo é forte porque se apoia nas próprias bases da religião. Deus, a alma, as penas e recompensas futuras, oferecendo explicações naturais e que não podem ser contestadas pela mais exigente razão. E, por último, ele se fundamenta nos fatos e que já são irrecusáveis por toda parte.

### **VI — Espiritismo: Síntese do Passado**

Seria fazer uma ideia bem falsa do Espiritismo acreditar que a sua força decorre da prática das manifestações materiais e que, portanto, entavando-se essas manifestações pode-se minar-lhe as bases. Sua força está na sua filosofia, no apelo que faz à razão e ao bom senso. Ele não reclama uma crença cega, mas importa que se saiba por que se crê; além disso a sua essência consiste nos ensinamentos morais decorrentes das manifestações materiais; o mais importante é a essência evangélica que o caracteriza, os fenómenos são apenas um meio, e não um fim em si mesmos.

Essa racionalidade que caracteriza a Doutrina é fruto de toda uma história do pensamento, não surgiu do nada. Pode-se dizer que o Espiritismo é a síntese de todo um passado. O Espiritismo não é obra de um homem. Ninguém se pode dizer seu autor, porque ele é tão antigo quanto a Criação; encontra-se por toda parte, em todas as religiões, pois sua verdade existe desde sempre, os fatos que apresenta e sua racionalidade são inerentes à condição humana, assim como seus princípios encontram-se também em outras religiões que lhe são anteriores. A moderna ciência espírita acrescenta-se às demais, ao reunir um todo que estava disperso; explica em termos próprios o que só se conhecia em linguagem alegórica; busca uma religião positiva, mas não lhe cabe o papel de fundadora. Ela revela o que existe, coordena, mas não cria nada, porque as suas bases estão em todos os tempos e em todos os lugares.

### VII — Classificação de seus Adversários e Adeptos

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes:

- o das manifestações
- o dos princípios de filosofia e moral que delas decorrem
- o da aplicação desses princípios.

Disto decorre os três graus de adeptos:

- 1.º) os que creem nas manifestações e se limitam a constatá-las: para eles é uma ciência de experimentação;
- 2.º) os que compreendem suas consequências morais;
- 3.º) os que praticam ou esforçam-se por praticar essa moral.

Quanto aos opositores, também são classificados em três categorias:

- 1.º) os que negam sistematicamente tudo o que é novo e que criticam sem conhecimento de causa, nada admitindo fora do testemunho dos sentidos. Estes são os incrédulos de posição fixada;
- 2.º) os que, sabendo muito bem o que devem pensar da realidade dos fatos, não obstante o atacam por interesses pessoais. São aqueles que temem suas consequências;
- 3.º) os que encontram na moral espírita uma postura demasiado severa para os seus atos e tendências. Então, não o seguem.

Mas entre os que compreendem o Espiritismo os efeitos são outros:

- 1.º) o desenvolvimento do sentimento religioso, disto resultando o desapego pelas coisas materiais;
- 2.º) a resignação em face das vicissitudes da vida; daí mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos;
- 3.º) despertamento da indulgência para com os defeitos alheios.

### VIII — Cristianismo e Espiritismo

Algumas pessoas questionam se os Espíritos nos ensinam uma nova moral, ou algo de superior às leis que o Cristo ensinou no seu Evangelho. No entanto, importa enfatizar que os Espíritos vêm, não somente confirmá-las, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática; eles tornam inteligíveis e patentes as verdades que só haviam sido ensinadas sob a forma alegórica, e ao lado da moral vêm definir-nos os mais abstratos problemas da Psicologia. São chegados os tempos em que as verdades mal interpretadas devem ser ostensivamente reveladas ao gênero humano, para acelerar o seu adiantamento. O Espiritismo vem assim dinamizar o próprio Espiritualismo, na medida em que aqueles que compreendem sua essência evangélica são levados a superar-se, sentem a necessidade de se conhecer, de julgar a si mesmo e de se emendar.

### IX — Unidade de Pensamento

Muitas divergências de opinião existem sobre certos pontos, em especial por parte dos adversários da Doutrina. No entanto, os Espíritos sempre nos aconselham a não nos inquietarmos com essas divergências, pois que a unidade se faria; ora, a unidade já se fez sobre a maioria das questões e as divergências tendem a desaparecer

cada dia. Essa unidade se fará pela razão moral, onde o bem prevalecerá sobre os divergentes pontos de vista; é desse lado que os homens se ligarão pela força das circunstâncias, porque reconhecerão que ali se encontra a verdade. Os princípios fundamentais são os mesmos por toda parte e devem unir-se em um pensamento comum: o do amor de Deus e da prática do bem.

Bibliografia: LE - O Capítulo "Conclusão"

## **B) A Gênese, Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo**

Este livro da Codificação encerra em seu conteúdo as teorias científicas que fizeram do Espiritismo uma doutrina grandiosa, cuja coerência e concordância no ensino dos Espíritos até hoje não foram refutados pelos homens e muito menos desmentidos pelos acontecimentos. Assim, sua finalidade é o estudo dos três pontos até agora diversamente interpretados e comentados: A Gênese, os milagres e as predições, em suas relações com as novas leis que decorrem da observação dos fenômenos espíritas (Gên. Introdução).

### **1— A Gênese**

Allan Kardec, já no Cap. I, "Caráter da Revelação Espírita", acentua os aspectos principais que fazem do Espiritismo a Terceira Revelação, a saber: o aspecto divino, porque advinda de Espíritos superiores, embora a elaboração seja fruto do trabalho do homem; o aspecto científico, porque seus princípios são comprovados experimentalmente; e finalmente o aspecto coletivo, na medida que resulta de um ensino universal e uníssono dos Espíritos encarregados desta missão.

A Ciência tem como objeto de estudos as leis que regem o mundo material; outrossim, o objeto do Espiritismo é o estudo das leis que regem o mundo espiritual; pelo fato de que ambos esses mundos reagem entre si, de maneira recíproca e ininterrupta, faz-se necessário o conhecimento de um, para se conhecer o outro. Assim, o Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e confirmação.

Em seguida, esta obra trata de maneira abrangente, da existência de Deus e sua natureza divina, questões estas sempre de difícil entendimento para aqueles que ainda se prendem aos dogmas de religiões tradicionais; mas, por força desta nova Revelação, a verdade sobre os enigmas que envolvem a divindade torna-se pouco a pouco desvelada, de acordo com a evolução espiritual da Humanidade.

A seguir, Allan Kardec faz uma análise profunda sobre a origem do bem e do mal, sobre as imperfeições do ser humano e o mau uso do seu livre-arbítrio; sobre as diferenças fundamentais entre instinto e inteligência. Encerra este capítulo falando sobre a destruição dos seres vivos como sendo necessária à evolução, estando, portanto, perfeitamente de acordo com as leis da Natureza.

Nos capítulos subsequentes, Allan Kardec utiliza-se da Ciência como sendo a chave para adentrar os problemas da criação universal, pois somente a partir das teorias científicas é possível conceber-se a verdadeira cosmogonia do Universo; do mesmo modo, os períodos geológicos de formação da Terra são abordados pelo autor sob a ótica da Ciência, mas a partir de uma perspectiva espiritualista, a fim de preencher as lacunas que o conhecimento científico não pode preencher, justamente por lhe faltar uma referência transcendental. Portanto, a Ciência é chamada a constituir a verdadeira Gênese, segundo a lei da Natureza (Cap. IV, item 3).

O Cap. VI, "Uranografia Geral", é extraído de comunicações ditadas na Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, pelo Espírito Galileu Galilei e psicografadas pelo médium Camille Flammarion. Trata-se de complexas noções científicas sobre espaço, tempo, matéria, leis e forças, e a criação Universal. Aqui são abordados, de maneira global, assuntos relativos a sóis, planetas, satélites, cometas, a via-láctea, os desertos do espaço e a diversidade dos mundos. Kardec complementa esta parte com a Gênese Orgânica, onde explana a teoria da formação dos seres vivos, o princípio vital, a escala dos seres orgânicos e o homem; e com a Gênese Espiritual, onde aborda a importante questão do princípio espiritual e sua união com o princípio material, a encarnação e



reencarnação dos Espíritos e a raça adâmica; finalmente, a Gênese mosaica, onde Allan Kardec compara os dias da criação bíblica como correspondentes a períodos sucessivos da evolução, de acordo com a Ciência.

## 2 — Os Milagres

Allan Kardec discorre sobre os caracteres dos milagres, primeiramente no sentido teológico, enquanto resultado de um poder divino, contrários às leis da Natureza; em seguida esclarece que estes fatos, ditos sobrenaturais, são apenas o resultado da ação simultânea entre o mundo espiritual e o mundo material e que, portanto, fazem parte da ordem natural das coisas.

Os fenômenos espíritas, embora existindo desde o princípio dos tempos, por não poderem ser explicados pelos meios materiais da Ciência, são tidos como milagres por aqueles que desconhecem as duas realidades do Universo, espírito e matéria. Mas, segundo o autor, uma explicação racional e científica, fundamentada nas leis da Natureza, derruba as arcaicas noções que impingem aos fatos naturais, advindos do mundo espiritual, um cunho sobrenatural. Tomando-se a palavra milagre em sua acepção etimológica, no sentido de coisa admirável, teremos, sem cessar, milagres aos nossos olhos; nós os aspiramos no ar e os pisamos sob os nossos passos, porque tudo é milagre na Natureza (Gên., Cap. XIII, item 19).

Em seguida, no Cap. XIV, Kardec faz uma análise profunda sobre os fluidos, sua natureza e propriedades, formação e propriedades do Perispírito, aparições, curas e outros temas pertinentes ao assunto. O estudo deste capítulo serviu de introdução ao subsequente, "Os milagres do Evangelho", pois os fatos nele narrados pertencem, na sua grande maioria, à ordem dos fenômenos psíquicos; como tais fenômenos dizem respeito às propriedades do fluido perispiritual, fez-se necessário o seu enfoque inicial, para conhecimento seguro do assunto.

No Cap. XV, primeiramente Allan Kardec tece importantes considerações sobre a superioridade da natureza de Jesus: A superioridade de Jesus sobre os homens não se prendia às particularidades de seu corpo, mas às de seu Espírito, que dominava a matéria de maneira absoluta, e às de seu perispírito, haurido na parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres (Cap. XV, item 2). A alma de Jesus, constantemente desprendida, lhe conferia dupla vista, em função da qualidade dos seus fluidos perispirituais; nessa força magnética, secundada pelo incessante desejo de fazer o bem, está a explicação científica para os fatos do Evangelho, como por exemplo, as curas dos leprosos ou obsidiados, as ressurreições, o caminhar sobre as águas ou a multiplicação dos pães.

Sob a óptica dos fluidos, o autor passa a comentar outros fatos marcantes da vida de Jesus, tais como: prodígios por ocasião da sua morte, aparição e desaparecimento de seu corpo. Sobre esta delicada questão, afirma Kardec: Jesus teve, pois, como todos, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que atestam os fenômenos materiais e os fenômenos psíquicos que assinalaram a sua vida (Cap. XV, item 66).

## 3 — As Predições

Nesta última parte do livro, Cap. XVI e seguintes, Allan Kardec explica o papel dos profetas na predição do futuro, os sinais precursores dos tempos e a nova geração, onde mostra que o final do ciclo cósmico para o planeta nada tem de miraculoso ou sobrenatural, mas é decorrente de leis naturais. Num primeiro momento, refere-se à teoria da presciência, explicando que a percepção dos fatos que escapam ao controle dos sentidos materiais, é uma faculdade inerente do Espírito, tanto mais aperfeiçoada quanto mais adiantado for o mesmo; por isto, sua faculdade em prever o futuro. A seguir, as predições do Evangelho são examinadas, inclusive quanto à anunciação do Consolador, em que Jesus prediz a vinda do Espírito de Verdade, para dizer aos homens tudo quanto ele não pôde dizer à sua época, como de fato aconteceu, com o advento do Espiritismo.

Encerrando esta obra, Allan Kardec encaminha à Humanidade uma advertência final, entremeada por palavras de esperança, otimismo e fé, alertando a todos para os graves acontecimentos no período de transição, renovação e progresso da Terra; para tanto, cita uma comunicação de Arago, que diz: Quando vos dizem que a Humanidade chegou a um período de transformação, e que a Terra deverá elevar-se na hierarquia dos mundos, não vejais nestas palavras nada de místico, mas, ao contrário, o cumprimento de uma das grandes leis fatais do Universo, de encontro às quais se quebra toda má vontade dos homens (Cap. XVIII, item 8).

Bibliografia:

A Gênese, Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo- Allan Kardec  
O Evangelho Segundo o Espiritismo

## **C) Obras Póstumas e Revista Espírita**

### **Obras Póstumas**

Na Revista Espírita de junho de 1869, logo após a desencarnação de Allan Kardec, consta a seguinte nota aos assinantes: (...) pareceu-nos de nosso dever, consagrar aos trabalhos do Mestre, sob o título de "Obras Póstumas", algumas páginas que reservaria se permanecesse corporalmente entre nós.

Inicialmente, o livro traz uma biografia pormenorizada de Allan Kardec, onde são ressaltadas suas qualidades morais e intelectuais, escrita ainda sob o impacto doloroso de sua desencarnação, trazendo logo após o discurso pronunciado por Camille Flammarion sobre o seu túmulo. Constitui-se esta obra de duas partes distintas, a saber:

#### **1a parte**

Allan Kardec faz, em seus escritos, uma profissão de fé espírita raciocinada, ao discorrer sobre a existência de Deus e sobre o axioma:

"Não há efeito sem causa"; a seguir, detém-se sobre o caráter e consequências religiosas das manifestações espíritas, acentuando estar nas propriedades do perispírito as causas dessas manifestações. Na sequência, trata das manifestações visuais em função de determinadas alterações fluídicas do perispírito, que o tornam não apenas perceptível à visão, mas também um corpo sólido e tangível.

Fenômenos como aparições de pessoas vivas, bicorporeidade, invisibilidade, obsessão e possessão, são alguns dos temas abordados a seguir, e sobre eles, assim manifestou-se Kardec: O Espiritismo está fundado sobre a observação dos fatos resultantes das relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Estando esses fatos na Natureza, produziram-se em todas as épocas, e são muitos sobretudo nos livros sagrados de todas as religiões, porque serviram de base à maioria das crenças (...); o Espiritismo é a chave que deve facilitar-lhes a inteligência (Obras Póstumas, Manifestações dos Espíritos, item 61). O autor passa a relatar alguns fatos ocorridos sobre o sonambulismo e sobre as aparições de pessoas vivas, bem como correspondências diversas e vários depoimentos sobre temas polêmicos da Doutrina.

Na sequência de "Obras Póstumas", tem-se o Capítulo "Estudo Sobre a Natureza do Cristo", no qual Allan Kardec tece considerações importantes sobre as provas da natureza e superioridade espiritual de Jesus.

Em seguida, no Capítulo "Influência Perniciosa das Ideias Materialistas" trata do importante tema "As cinco alternativas da Humanidade", examinadas cada qual à luz da lógica e do bom senso. Finalizando a 1a parte do livro, o autor passa a comentar assuntos relacionados com a Vida Futura, o Egoísmo e o Orgulho, suas Causas, Efeitos e Meios de Destruí-lo. Liberdade, Igualdade e Fraternidade, estas três palavras são, por si só, o programa de toda uma ordem social, que realizaria o progresso mais absoluto da Humanidade, se os princípios que representam pudessem receber inteira aplicação. E a 1a parte do livro termina com um estudo sobre "Os Desertores" e uma "Breve Resposta aos Detratores do Espiritismo".

#### **2a Parte**

Os manuscritos de Allan Kardec que compõem esta Segunda Parte do livro, referem-se a fatos de ordem pessoal, sobre seus primeiros contatos com o Sr. Fortier, especialista em magnetismo, e que mais tarde despertou-lhe o interesse pelos estranhos fenômenos das mesas que giravam e caminhavam à vontade. Os itens assumem o caráter de um diário, pois Kardec relata minuciosamente sua primeira iniciação no estudo dos fenômenos espíritas, que mais tarde desaguariam na grandiosa obra da Terceira Revelação, o Consolador Prometido. Deste modo, vem ao conhecimento do público seu diálogo com seu Espírito protetor, seu guia espiritual e mais tarde a comunicação recebida do Espírito de Verdade que lhe revelaria a tarefa que estava por abraçar.

Ao lançar-se ao trabalho de codificar todos os ensinamentos espirituais recebidos, Allan Kardec, intuído certamente pela Espiritualidade Superior, consagra definitivamente o lema da Doutrina Espírita: Fora da caridade não há salvação, assim se expressando: Estes princípios, para mim, não são apenas uma teoria, eu os coloco em prática; faço o bem tanto quanto o permite minha posição; presto serviços quando posso; os pobres jamais foram rejeitados em minha casa, ou tratados com dureza. (...) Continuarei a fazer todo o bem que puder, mesmo aos meus inimigos, porque o ódio não me cega; eu lhes estenderia sempre a mão para tirá-los de um precipício, se a ocasião disso se apresentasse. Eis como entendo a caridade cristã (OP, Fora da Caridade não há Salvação).

### Revista Espírita

A "Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos", foi fundada por Allan Kardec em janeiro de 1858 e publicada sob sua direção, em Paris, até 31 de março de 1869, quando veio a desencarnar. No seu todo, é uma variada coletânea de fatos, correspondência epistolar, estudos e minuciosas explicações teóricas que completam o teor doutrinário de "O Livro dos Espíritos" e "O Livro dos Médiuns".

O subtítulo "Jornal de Estudos Psicológicos" justifica-se pelas pesquisas na área da Psicologia que foram objeto de estudos do Espiritismo, principalmente no que se refere à natureza dos animais e suas relações com os homens.

Sobre este assunto, Allan Kardec analisou diversas comunicações espirituais que abordavam este tema, submetendo-os à apreciação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos; portanto, a delicada questão da mediunidade dos animais, analisada e debatida na "Revista", mostra o quanto a Doutrina Espírita já se antecipava aos problemas científicos da atualidade.

Nesta coletânea estão registrados não somente os problemas e preocupações de Kardec, suas lutas dentro e fora do meio espírita, sua fé inabalável na grandiosa tarefa que lhe estava reservada, mas principalmente seu método de trabalho: A "Revista", muitas vezes, representa para nós um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como partes constitutivas da doutrina (Revista Espírita, Apresentação).

Assim, a problemática questão do animismo, por exemplo, foi definitivamente aclarada por Kardec, dentro do âmbito da Ciência, muito antes dos trabalhos não menos significativos de Ernesto Bozzano e Aksakof. Do mesmo modo, as delicadas implicações do inconsciente, do automatismo psíquico, bem como os demais assuntos pertinentes foram, nas páginas da "Revista", enfrentados e solucionados por Allan Kardec dentro do mais rigoroso cunho científico.

A publicação desta antologia atendia a três grandes objetivos:— era um valioso instrumento de pesquisa, verdadeiro laboratório onde as manifestações mediúnicas, vindas de todos os cantos da terra, eram examinadas e controladas pela Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos;— era o elemento balizador das reações do público, pois muitas questões abordadas nos outros livros da Codificação eram, na "Revista", exaustivamente analisadas, para satisfazer o interesse dos vários correspondentes;— ao mesmo tempo, desempenhava o papel de importante órgão de divulgação e defesa dos princípios doutrinários da nova Doutrina que estava por se firmar.

Do exposto, fica evidente o trabalho grandioso e missionário de Allan Kardec, na construção metódica e sistemática do corpo doutrinário do Espiritismo, bem como da estruturação do Movimento Espírita. Por isto, o seu depoimento: A "Revista" foi até agora, e não podia deixar de ser, uma obra pessoal, visto que fazia parte de nossas obras doutrinárias, constituindo os Anais do Espiritismo. Por seu intermédio é que todos os princípios foram elaborados e entregues ao estudo. Era, pois, necessário conservar o seu caráter individual, para que se estabelecesse a unidade (RE, Apresentação).

Trata-se, portanto, de uma vasta e valiosa obra que completa a Codificação com todos os pormenores dos temas mais polêmicos que envolvem o homem e o mundo à sua volta; é uma fonte de estudos, verdadeiro documentário obrigatório para aqueles que se interessam, não apenas em ampliar seus conhecimentos, mas pautar sua vida dentro do Movimento Espírita com a mesma integridade e pureza que caracterizaram o seu Codificador.

Bibliografia:

### Obras Póstumas

Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos - índice Geral Remissivo Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos -1 Ano, 1858 - "Apresentação"

### QUESTIONÁRIO:

#### **A) O Livro Dos Espíritos - A "Conclusão":**

- 1) Qual a importância dos fenômenos das mesas girantes à época de Allan Kardec?
- 2) Como a Doutrina Espírita aceita o maravilhoso e o sobrenatural?
- 3) Por que o Espiritismo é a síntese do passado?

#### **B) A Gênese:**

- 1) Qual o papel da Ciência no estudo da gênese?
- 2) Como os milagres são explicados segundo "A Gênese"?
- 3) Comente a mensagem do Espírito Arago sobre o período de renovação e progresso da Terra.

#### **C) Obras Póstumas e Revista Espírita:**

- 1) Cite algumas questões abordadas na 1ª parte de "Obras Póstumas".
- 2) De que trata a "Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos"?
- 3) Quais os objetivos principais da "Revista Espírita"? Comente

## **22ª Aula – O PRINCÍPIO INTELIGENTE**

Desde tempos imemoriais o homem questiona a origem, a natureza e o destino do ser. De onde teria surgido o Espírito? Qual sua consistência? Qual sua destinação? A Doutrina Espírita responde a esses questionamentos segundo o princípio das causas primeiras, ou seja, espírito e matéria: as duas substâncias constituintes do Universo. Acima de ambos, porém, está Deus, gerador de todas as coisas.

### **Deus**

Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas (LE, 1). A limitação das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus; no entanto, segundo o axioma espírita, todo efeito tem uma causa (LÊ. 4), é a partir da observação dos efeitos, ou seja, da criação, que se pode remontar a Deus. Ao lançar os olhos à natureza, percebe-se em tudo uma manifestação de ordem e de harmonia, ou seja, de uma inteligência ordenadora do Universo. É assim que Jesus pelas obras, pelos prodígios que operava, dizia dar testemunho do Pai, e que, portanto, pelo efeito, pela criação de seres inteligentes, percebe-se o poder de uma inteligência causadora, e que permanece mantendo a harmonia da criação.

### **O Universo**

A razão diz que o Universo não poderia fazer-se por si só, pois o acaso é inconcebível, deve, portanto, ser obra de Deus, da inteligência suprema. O Universo compreende a infinidade dos mundos que vemos e não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço e os fluidos que o preenchem (LE, Cap. III, item I, preâmbulo).

As leis divinas ou naturais governam o Universo do micro ao macrocosmo, das partículas intra-atômicas às colossais galáxias; tudo revela combinações e fins determinados e por isso mesmo, um poder inteligente.

### **Elementos Gerais**

Em última análise, o Universo é formado por dois elementos gerais: espírito e matéria. E acima de ambos encontra-se Deus. Eis, então a chamada trindade universal. O que é matéria? O que é espírito? Trata-se de duas

substâncias heterogêneas, que não se misturam nem se reduzem uma à outra; aquela, com suas propriedades, e este, com seus atributos. E assim que no dizer de Jesus o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é Espírito (Jo, 3:6), ficando evidente uma distinção positiva entre espírito e matéria. Ao afirmar claramente que o corpo procede do corpo, proclama que o Espírito é uma realidade independente do corpo. Desta forma, a matéria em seu estado substancial é denominada Princípio Material, e o espírito o Princípio Espiritual.

### **Matéria**

Deve-se geralmente a matéria como aquilo que tem extensão e pode impressionar os sentidos (LE, 22). Segundo seu estado de densidade ela pode ser medida, pesada ou percebida, no entanto, a matéria enquanto tal é inerte, passiva; ela não tem movimento próprio, não se auto organiza, não se transforma por si mesma. Ela necessita de um agente inteligente que lhe dê sentido, forma, movimento e utilidade. É assim que o Princípio Material se individualiza, gerando a miríade de corpos que compõem o Universo, da estrutura atômica aos aglomerados galácticos. Sem a ação de um princípio inteligente, porém, a matéria permaneceria amorfa e perpetuamente dispersa no espaço sem fim. É assim que se formaram os Reinos mineral, vegetal, animal e nominal<sup>1</sup>, todos por transformação do Princípio Material.

### **Espírito**

Como explicar o movimento dos átomos se a matéria é inerte? Como entender a vida se a matéria é passiva? Como explicar este poder de organização no Universo desde as partículas elementares?

Nada se move por si só. Tudo é gerado, nasce, agita-se, cresce e evolui porque existe uma inteligência criadora e mantenedora do dinamismo e da ordem do Universo. É assim que por espírito entende-se esse Princípio inteligente do Universo (LE 23), que tudo dinamiza.

Ao criar o Universo Deus, a inteligência suprema, plasmou a matéria. Nesse momento, quando já unida à matéria, a inteligência divina passa agora a atuar no Universo em forma de Princípio inteligente ou Princípio Espiritual. A inteligência permanece, portanto, na criação de forma imanente, ou seja, como uma qualidade interior que é permanente. Os seres não são gerados nem subsistem senão pelo influxo contínuo do princípio inteligente. É assim que esse princípio, de início incipiente, manifesta-se e evolui gradativamente, manifestando-se então desde os reinos inferiores da natureza, a partir do mineral, passando pelos reinos vegetal e animal, até alcançar o reino nominal, quando atinge a racionalidade.

O princípio inteligente manifesta-se assim, das seguintes formas:

Reino Mineral: — Na forma de movimento da matéria, pois o átomo já se agita por si só.

Reino Vegetal: — Através do germinar, nascer, crescer, enfim, em forma de vida.

Reino animal: — Manifesta-se através do instinto e das sensações. Reino Humano: — Sob a forma de consciência, de racionalidade.

### **Espíritos<sup>2</sup>**

Podemos dizer que os Espíritos são individualizações do princípio inteligente, como os corpos são individualizações do princípio material; a época e a maneira dessa formação é que desconhecemos (LE 79). É assim que o Princípio Inteligente, já individualizado, vai absorvendo as experiências pelas várias instâncias da natureza, para se constituir em Espírito, ao longo dos milênios, sob os auspícios da Racionalidade. Agora o Espírito toma consciência de si; conseqüentemente surge o livre-arbítrio e inicia então o desenvolvimento de seus atributos essenciais, ou seja, a memória, a vontade, a inteligência, o pensamento contínuo, o conhecimento do bem e do mal.

<sup>1</sup> Encarados sob o aspecto material, não há senão seres orgânicos e inorgânicos; do ponto de vista moral, há evidentemente, quatro graus (LE, 585).

<sup>2</sup> — Por espírito (e) entende-se o Princípio Inteligente Universal

— Por Espírito (E) entende-se os seres inteligentes da Criação.

Já na condição de Espírito, simples e ignorante, iniciará suas encarnações como homem, nas circunstâncias mais primitivas, até experimentar os benefícios da vida social organizada. Desse estágio evolutivo partirá para a angelitude, num processo longo em que desenvolverá as asas da sabedoria e do amor. No caminho, libertar-se-á parcialmente do jugo da matéria e alcançará, afinal, as culminâncias da vida espiritual, para conquistar a condição de co-criador em grau maior. É assim que no Universo tudo se encadeia, do átomo ao arcanjo... (LE, 540), os homens elevados à condição de arcanjos, com a mente e o coração purificados, passam a ver e a compreender a realidade não só pela razão, mas pela intuição.

Nesse momento eles conhecem a perfeição do Universo, aquela perfeição que desde o princípio já estava imanente no mais insipiente ser, mas que na matéria não estava manifesta.

Sendo o Espírito a nossa própria essência, o que somos realmente, com toda a nossa personalidade, é evidente que o Espírito não é sobrenatural, mas natural, um elemento vivo e dinâmico da natureza. Quando tomamos consciência dessa concepção espírita do mundo e do homem, a realidade se impõe à mente, afugentando as confusas e incongruentes fabulações teológicas. E assim que o Princípio Inteligente estagia nos vários reinos, de forma a adquirir cada vez mais experiências, com vistas à evolução.

### **As Leis Morais — As Leis de Deus**

Léon Denis explica esse fluxo do princípio inteligente na expressão poética: Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente; a partir daí o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da natureza, só se pode realizar pelo acordo da vontade humana com as leis Eternas<sup>1</sup>. Temos assim o aspecto imanente de Deus, que se projeta na Sua criação e a ela se liga, fazendo-se espontaneamente a Sua alma e a Sua lei. Efetivamente as Leis Morais — tema deste curso — consistem na própria imanência do princípio divino na criação, cujo ápice consiste na moralidade. É assim que a Lei Divina ou Natural permanece na natureza, como expressão da essência divina a reger o Universo material e moral.

À medida que o Espírito evolui, ele tende a vivenciar mais plenamente essas leis. É assim que o ser passa a viver a Lei da Adoração, como necessidade de voltar sua consciência para Deus e para sua interioridade. Nesse percurso revela-se a Lei do Trabalho como necessidade de o princípio inteligente dinamizar seu potencial de criação.

Na Lei de Reprodução rege-se o desígnio divino da expansão do Universo e da criação.

Na Lei da Conservação assegura-se a manifestação da vida, como tendência da essência divina a manter-se eternamente.

A Lei da Destruição, pela própria limitação que impõe aos seres, faculta a superação e evolução do princípio inteligente.

A Lei de Sociedade, a traduzir o mandamento de amor ao próximo, ao reger a relação dos homens entre si, permite no convívio social a integração dos seres na unidade da essência divina.

A Lei do Progresso revela-se como a perfeição do pensamento divino que está em potência em cada criatura. Caracteriza-se a Lei da Igualdade pela necessidade de expressar-se o princípio inteligente em sua universalidade, através da coletividade de consciências que comunguem entre si.

Revela-se a Lei da Liberdade como a autonomia que cada criatura possui de constituir-se a si mesmo, de revelar-se a si mesmo e de auto edificar-se no itinerário da perfectibilidade. Revela-se plenamente a Lei de Justiça, Amor e Caridade como expressão máxima da centelha divina, toda ela essência pura de amor, e que só satisfaz-se na exteriorização de si mesma em função do próximo. É assim que a Perfeição Moral incita cada ser a revelar-se pelo autoconhecimento da interioridade, quando os indivíduos passam a pautar sua conduta, sustentados pela autoridade moral que os caracteriza. Nesse momento pode-se dizer que houve o encontro do Filho com o Pai. pela glória de sua consciência no santuário de seu coração, e assim poderá dizer com Jesus: Eu e o Pai somos um (Jo 10:30).

---

<sup>1</sup> “O Problema do Ser, do Destino e da Dor” – pág. 123



**Bibliografia:**

LE, Livro Primeiro, Cap. III, item I

LE, questões 1, 4, 17, 2, 27, 79, 540 e 585

**QUESTIONÁRIO**

- 1) Como se manifesta o princípio inteligente nos vários reinos?
- 2) Como explicar a origem do Espírito?
- 3) Qual a relação do princípio inteligente com as leis divinas?

## 23ª Aula - GRANDES VULTOS DO ESPIRITISMO

### A) O Espiritismo Na Europa

O Espiritismo traduzindo a Terceira Revelação das Leis de Deus, manifestou-se no século XIX ostensivamente em todas as partes do Planeta, e foram muitos os preparados para serem os embaixadores destas verdades. Para citar apenas alguns desses trabalhadores, na Europa, destacamos:

#### **Sir William Crookes (1832-1919)**



Foi um eminente físico e químico inglês, cujos trabalhos eram respeitados dentro da comunidade científica da época. Suas rigorosas pesquisas nestas áreas do conhecimento renderam-lhe várias homenagens, principalmente pelo rigor científico que imprimia em todos seus trabalhos. A partir de 1869 iniciou suas investigações sobre os fenômenos espíritas, dos quais ouvira falar após o episódio de Hydesville; achando inicialmente que tais fatos não passavam de fraudes, iniciou com o mais absoluto rigor uma série de observações e experiências, justificando assim seu excesso de zelo: "Dou muito valor à pesquisa da verdade e à descoberta de qualquer fato novo na Natureza (...)".

Imbuído desse caráter de honestidade e rigor científico, trabalhou com os maiores médiuns da época, como J.J. Morse, a Sra. Marshall e Florence Cook, publicando os resultados no "Quarterly Journal of Science (Jornal Trimestral de Ciência)". Suas pesquisas com a médium Florence Cook renderam-lhe mais de dois anos de investigações sobre os fenômenos espíritas, período em que ocorreram as célebres materializações do Espírito Katie King. Publicou o livro "Fatos Espíritas".

#### **Camille Flammarion (1842-1925)**



Célebre astrônomo e escritor francês, era o mais velho de uma família composta por quatro filhos, e desde a mais tenra idade já demonstrava qualidades excepcionais; aos quatro anos de idade sabia ler e aos cinco dominava as primeiras noções de gramática e aritmética. Com o passar dos anos voltou-se para a astronomia, enlevado pela grandiosidade dos astros em perfeita harmonia no Universo. As dificuldades materiais pelas quais passavam seus familiares fortalecia-o cada vez mais em seus estudos e pesquisas.

Ao abraçar o Espiritismo, imprimiu um novo rumo às suas pesquisas, voltadas de uma forma geral para a Pluralidade dos Mundos Habitados. Tomou-se amigo pessoal de Allan Kardec, a quem chamou de "o bom senso encarnado", e por ocasião de sua desencarnação foi designado para proferir o discurso de adeus ao Codificador da Doutrina Espírita. Entre suas várias obras, sempre abordando os corpos celestes, citam-se: "Os Mundos Imaginários e o Céu", "Os Cometas", "As Casas mal-assombradas"; reza, "O Fim do Mundo", e muitas outras.

Camille Flammarion, o "poeta dos céus", segundo alguns historiadores, legou à Humanidade o resultado do seu trabalho em prol da divulgação das verdades eternas e, por isto, suas obras refletem a significação do seu nome de origem galo-romana - Flammarion - "aquele que leva a luz".

### **Léon Denis (1846-1927)**



Grande pensador, escritor e orador espírita francês, considerado por alguns o sucessor de Allan Kardec, assimilando facilmente os principais problemas que afligiam a humanidade em busca de suas origens transcendentais. Suas qualificações morais colocavam-no acima da maioria dos homens de sua época, pois, a bondade e a honestidade foram sempre o traço marcante do seu caráter; autodidata, sempre demonstrou forte tendência para assuntos científicos e filosóficos. Quando tinha apenas 18 anos, comprou um exemplar de "O Livro dos Espíritos" e escondeu-o de sua mãe, que era muito cuidadosa com os assuntos abordados nas leituras do filho. Após um estudo detalhado desta obra espírita, encontrou ali respostas para os grandes enigmas que sempre preocuparam a humanidade, acerca da origem e destino dos homens.

Acompanhava seguidamente os assuntos relativos ao Espiritismo e, com o propósito de saber mais e mais, procurava provas que solidificassem sua crença na religião dos Espíritos. Envolvido pelas suas pesquisas, teve a feliz oportunidade de ouvir Allan Kardec falando aos espíritas de Tours, acerca da obsessão e demais assuntos pertinentes. Aos poucos e com bastante dificuldade em virtude de sua deficiência visual, Léon Denis contribuiu para a solidificação da Doutrina Espírita, abrindo espaço por entre a incompreensão de seus familiares. Apesar da idade avançada e da quase total cegueira, legou a todos o exemplo de sua retidão moral e da sua força de trabalho, pois manteve até seus últimos dias correspondência com espíritas de todo o mundo, inclusive do Brasil. Como profícuo escritor, destacam-se entre suas obras mais marcantes: "O Gênio Céltico e o Mundo Invisível", "O Grande Enigma", "Cristianismo e Espiritismo", "Socialismo e Espiritismo", "O Espiritismo na Arte", "No Invisível", "Depois da Morte", "O Problema do Ser, do Destino e da Dor", "Joana D'Arc Médium".

Léon Denis, o "Apóstolo do Espiritismo", foi um exemplo de luta, coragem e perseverança; sua existência foi sempre uma dedicação constante à causa espírita, renunciando aos prazeres materiais em favor da pesquisa, do conhecimento e da comprovação de tudo aquilo que ele já sabia, mas que era necessário passar adiante para que a luz do conhecimento não brilhasse apenas em seu coração.

### **Gabriel Delanne (1857-1926)**



Pesquisador e escritor espírita francês, nasceu no seio de uma família espírita, e por isto não teve maiores dificuldades em assimilar os princípios da Doutrina Espírita; seu pai Alexandre, inclusive, foi um dos amigos mais próximos de Allan Kardec. Desde adolescente, Gabriel Delanne teve contato com o Codificador, inclusive sendo médium de comunicações espirituais. Formou-se Engenheiro-Eletricista e, em 1885, publicou seu primeiro livro, "O Espiritismo Perante a Ciência". Publicou a "Revista Científica e Moral do Espiritismo", desempenhando ativa participação nos Congressos Espíritas Internacionais. Delanne se coloca como um dos mais fecundos escritores espíritas, publicando várias obras como "A Reencarnação", "A Alma é Imortal", "A Evolução Anímica", constituindo o seu acervo "certeiro golpe no materialismo desintegrador", conforme relatam alguns estudiosos.

### **Ernesto Bozzano (1861-1943)**



Nasceu na cidade italiana de Gênova, e apesar de não se ter nenhum registro do seu convívio familiar durante sua infância, sabe-se que desde os 16 anos já se interessava pela Filosofia, Psicologia, Astronomia, Ciências Naturais e Paleontologia. A partir de 1891 tomou conhecimento das pesquisas científicas acerca das manifestações espíritas, tornando-se um dos maiores pesquisadores da mediunidade e da paranormalidade; demonstrou assim profundo interesse pelos problemas psíquicos e pelo despertar das manifestações mediúnicas a partir do homem primitivo. Sua convicção, após anos de estudos e pesquisas, tornou-o um defensor do Espiritismo ao vencer os preconceitos da época, através de

argumentos científicos esclarecedores sobre o mundo espiritual.

Dentre suas obras, as que foram traduzidas para a língua portuguesa são: "Animismo ou Espiritualismo", "Pensamento e Vontade", "Metapsíquica Humana", "Fenômenos de Transporte e Fenômenos de Bilocação", "A Crise da Morte" e "Xenoglossia". Seus esforços para provar cientificamente a existência do Espírito, granjearam-lhe o título de "O Mestre da Ciência e da Alma".

## B) O Espiritismo No Brasil

Da mesma forma, desde o século passado, muitos Espíritos foram convocados para participar e propagar a Boa Nova Rediviva, oferecendo sua cota de contribuição para a fixação em nosso país das bases espíritas. Para referir apenas alguns, citamos:

### Antônio Gonçalves da Silva (Batuíra) (1839-1909)



Nasceu na Freguesia das Águas Santas, Portugal, chegou ao Brasil, Rio de Janeiro, em 1850. Em São Paulo, Capital, foi jornalista, distribuindo o jornal "Correio Paulistano", correndo de porta em porta, conquistando a simpatia e amizade dos fregueses. Seu apelido "Batuíra" vem daí, por causa da ave pernalta, muito ligeira e de vôo rápido. De espírito humanitário, logo aderiu à Campanha Abolicionista. Fundou em sua casa a Instituição Beneficente Verdade e Luz.

Tornou-se conferencista espírita criando, em maio de 1890, o periódico "Verdade e Luz". Referindo-se ao seu desencarne, o escritor Afonso Schmidt escreveu: Batuíra faleceu a 22 de janeiro de 1909. São Paulo inteiro comoveu-se com o seu desaparecimento. Que idade tinha? Nem ele mesmo sabia. Mas o seu nome ficou por aí, como um clarão de bondade, de doçura, de delicadeza do céu, dessas que se vão fazendo cada vez mais raras num mundo velho, sem porteira. Foi um dos pioneiros do Espiritismo no Brasil.

### Anália Emílio Franco (1856 - 1919)



Nasceu em Resende, Rio de Janeiro, mas em 1861 sua família mudou-se para São Paulo. Viveu em São Carlos do Pinhal, para onde transferiu o Externato Santa Cecília, fundado por ela em São Paulo, para o ensino primário e secundário, residindo também em Taubaté, SP, onde fundou seu primeiro abrigo de órfãos, e se iniciou no jornalismo com o periódico "O Eco das Damas" e "A Mensageira", ao lado de grandes expoentes femininos da época. Em 1898, iniciou a revista "Álbum das Meninas", órgão disseminador de suas idéias educacionais e pedagógicas. Em fins de 1897, Anália foi acometida de um problema na visão, deixando-a quase cega por um período de um ano. Mas ela se restabeleceu, embora com a capacidade visual bastante diminuída e, por essa época, deve ter ocorrido sua adesão ao Espiritismo.

Escreveu três romances: "A Filha do Artista", "Álbum das Meninas" e "A Égide Materna"; em novembro de 1901, criou em São Paulo, no Largo do Arouche, a "Fundação da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo", que teve como órgão de divulgação o periódico "A Voz Maternal". Nesta instituição realizavam-se sessões espíritas e aplicavam-se passes, começando depois a editar o periódico de divulgação doutrinária "A Nova Revelação". Esta instituição originou mais de cem escolas e liceus femininos, em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, sendo por isso considerada a grande dama da educação brasileira.

### Cairbar de Souza Schutel (1868-1938)



Nascido no Rio de Janeiro, ficou órfão de pai aos 9 anos, e de mãe, seis meses depois. Trabalhou como prático de farmácia, tornando-se um respeitável profissional. Deixando o Rio de Janeiro, veio para Matão, então um pequeno lugarejo pertencente à Araraquara, Estado de São Paulo; ele desejou servir à coletividade, trabalhando para elevá-la à categoria de Município, e, conseguindo, foi o primeiro prefeito da cidade. Deve-se a ele a edificação do prédio da Câmara Municipal, fazendo-o com os próprios recursos financeiros. Tornou-se espírita através do amigo Manoel Pereira do Prado, mais conhecido como Manoel Calixto, um dos mais destacados espíritas do lugar.

Cairbar Schutel integrou-se no conhecimento das obras da Codificação Espírita, fundando em Matão o "Centro Espírita Amantes da Pobreza" em 1904, o periódico "O Clarim", em 1905, editado até os dias atuais. Foi vítima de uma ardilosa campanha do sacerdote da cidade que, com a ajuda do delegado, conseguiu ordem para fechar momentaneamente o Centro Espírita. Cairbar Schutel foi à praça pública protestar contra esta atitude, o que causou reações semelhantes do padre, que promoveu até uma marcha fúnebre, a qual não teve boa aceitação pelo povo. Era o Pai da Pobreza de Matão e sua residência chegou a ser transformada em hospital de emergência para os doentes.

Em 1925, criou a "Revista Internacional de Espiritismo", a qual é editada até hoje. Foi um dos pioneiros em São Paulo na radiofonia espírita, pois em 1936 inaugurou, pela PRD-4, a Rádio Cultura de Araraquara, uma série de palestras. Foi um fecundo jornalista, escrevendo para os jornais "Correio Paulistano" e "Platéia", tendo publicado também vários opúsculos, como "Espiritismo e Protestantismo", "Histeria e Fenômenos Psíquicos", "O Diabo e a Igreja", "Médiuns e Mediunidade", "Gênese da Alma", "Materialismo e Espiritismo", "Fatos Espíritos e as Forças X", "Parábolas e Ensinos de Jesus", "O Espírito do Cristianismo", "A Vida no Outro Mundo", "Vida e Atos dos Apóstolos", "Conferências Radiofônicas", "Cartas a Esmo" e "Interpretação Sintética do Apocalipse".

### **Pedro de Camargo (Vinícius) (1878 -1966)**



O escritor espírita mais conhecido como "Vinícius", em razão de uma encarnação em Roma, nasceu em Piracicaba, onde estudou no Colégio Piracicabano, educandário de origem metodista, de fundação norte-americana. A Diretora do estabelecimento era a missionária Martha H. Watts, de quem ele guardou grande admiração pelas lições de virtude e moral. Durante muitos anos Vinícius presidiu a Sociedade de Cultura Artística da cidade. Os estudos bíblicos eram rotina no Colégio e, por isso, mais tarde, como espírita, tornou-se um entusiasta e especialista no assunto.

Em 1904 foi fundada na cidade uma das primeiras instituições espíritas, estando entre os fundadores outro grande trabalhador espírita, João Leão Pitta. O funcionamento desta instituição gerou grande perseguição para os espíritas, a ponto desse pioneiro não conseguir nem emprego. Pedro de Camargo tornou-se espírita logo em seguida, em 1905, encontrando a solução para tudo aquilo que constituía incógnita em seu Espírito. Até transferir-se para a Capital, em 1938, Vinícius desenvolveu intenso trabalho espírita na cidade, na difusão da Boa Nova.

Em São Paulo, substituiu o confrade Moreira Machado na União Federativa Espírita Paulista e, juntamente com Thietre Diniz Cintra, fundou uma escola de evangelização da infância e juventude. Em 1939, tornou-se um dos diretores do Programa Radiofônico Espírita Evangélico do Brasil, levado ao ar através da Rádio Educadora de São Paulo e, em 1940, tornou-se superintendente da Rádio Piratininga, da União Federativa. Nesta época, Vinícius já estava integrado na Federação Espírita, introduzindo as Tertúlias Evangélicas, palestras que ele fazia aos domingos de manhã.

Em 1944, tornou-se Diretor-Gerente do jornal "O Semeador", recém-criado na Federação Espírita, tendo colaborado como articulista em vários outros periódicos. Como escritor, publicou: "Em Torno do Mestre", "Na Seara do Mestre", "Nas Pegadas do Mestre", "Na Escola do Mestre", "O Mestre na Educação" e "Em Busca do Mestre". Seu sonho realizou-se com a fundação do Instituto Espírita de Educação, onde ministrou aulas por alguns anos.

### **Eurípedes Barsanulfo (1880 -1918)**



Nasceu em Sacramento, MG, no seio de uma numerosa família composta por 13 irmãos, e desde pequeno demonstrou invulgar interesse pelos enfermos. Criou, com a ajuda de amigos, o periódico "Gazeta de Sacramento", o primeiro da cidade, cuja circulação perdurou até 1918. Seu interesse pela homeopatia levou-o a interessar-se e adquirir uma farmácia. Sua iniciação ao Espiritismo deu-se através de seu tio Mariano da Cunha, o "tio Sinhô", em uma de suas passagens por Sacramento. Chamou-lhe muito a atenção o livro "Depois da Morte", de Léon Denis, fazendo-o interessar-se vivamente pela Doutrina dos Espíritos, que passou a estudar avidamente, causando isto várias reações nos amigos e familiares. Fundou o "Grupo Espírita

Esperança e Caridade" e, gradativamente, conquistou a família toda.

Em 31 de janeiro de 1907, criou o "Colégio Allan Kardec", inicialmente em sua própria residência, onde funcionavam os cursos elementar, médio e superior, que foi aos poucos ampliando-se, granjeando o respeito e o reconhecimento das autoridades públicas. Eurípedes foi processado por exercício ilegal da medicina. Tornaram-se famosos os seus desdobramentos espirituais, presenciando ou agindo espiritualmente em outros lugares distantes de onde estava seu corpo. Auxiliava a todos sem distinção de classe, credo ou cor. Foi o enfermeiro do povo, por ocasião da pavorosa epidemia de gripe que assolou o mundo em 1918.

### José Herculano Pires (1914 - 1979)



Jornalista e escritor espírita, nasceu em Avaré, SP. Quando menino, foi coroinha, e uma pessoa preocupada com as coisas espirituais, pois sua família era muito católica. Quando jovem foi socialista e, com dezoito anos foi teosofista. Aos vinte anos, começou a ler sobre o Espiritismo, e nunca mais abandonou o estudo. Casou e teve três filhos; residiu em Marília, onde teve um jornal, o "Diário Paulista". Depois de seis anos, ao final da Segunda Guerra, vendeu o jornal e veio com a família para São Paulo, onde continuou o seu trabalho espírita.

Trabalhou no "Diário da Noite" por 30 anos, onde manteve uma coluna espírita, com o pseudônimo de Irmão Saulo. Ele acreditava que o jornalista tinha que trabalhar em defesa do povo, mesmo que isso atrapalhasse sua vida. Seu compromisso sempre foi divulgar Allan Kardec, de maneira perfeita. Realizou várias palestras e debates, inclusive na televisão, conduzindo na Rádio Mulher um programa espírita semanal. Gradou-se em Filosofia pela Universidade de São Paulo, e pela mesma Universidade licenciou-se, tendo publicado uma tese existencialista: "O Ser e a Serenidade".

Autor de oitenta e um livros de Filosofia, Ensaios, Histórias, Psicologia, Espiritismo e Parapsicologia, tendo dedicado a maioria de suas obras ao estudo e divulgação da Doutrina Espírita, algumas delas em parceria com Francisco Cândido Xavier. Grande foi sua colaboração para a explicitação da Filosofia Espírita, escrevendo assim: "Introdução à Filosofia Espírita", "Agonia das Religiões", "Revisão do Cristianismo", "Concepção Existencial de Deus", "Visão Espírita da Bíblia", "O Mistério do Ser do Destino e da Dor", "O Espírito e o Tempo". Herculano Pires afirmava que a Filosofia Espírita exige longa pesquisa de suas raízes nas coordenadas da evolução humana e, por isso, dedicou-se a articular seu conteúdo em suas correlações com o pensamento de grandes filósofos, em uma síntese da Doutrina com a tradição histórica.

### Francisco Cândido Xavier (1910-2002)



Nasceu em Pedro Leopoldo, Minas Gerais. Suas faculdades mediúnicas manifestaram-se quando tinha apenas quatro anos de idade. Sua mãe desencarnou quando contava cinco anos e então passou a ser cuidado por uma senhora, bastante rigorosa, que lhe causava grandes sofrimentos. Posteriormente, seu pai casou-se novamente, e sua madrasta, generosa e de boa índole, dispensou-lhe os cuidados maternos que tanta falta lhe faziam.

Durante este tempo, tinha contatos constantes com o Espírito de sua mãe, que sempre lhe pedia para ter fé em Deus, desenvolvendo a paciência e a resignação para os seus problemas. Seus estudos não passaram do nível primário incompleto, e quando adulto trabalhou como funcionário público federal, função na qual se aposentou. Durante todo o período da juventude, os fatos paranormais lhe eram frequentes, ocorrendo em casa e até mesmo na escola.

Em 1927 tornou-se espírita em virtude de doença de uma irmã, fato este que obrigou seu pai a procurar ajuda espírita. Após este acontecimento, passou a ler obras espíritas e neste mesmo ano iniciou a educação de suas faculdades mediúnicas, passando a psicografar várias mensagens. Em 1932 a Federação Espírita Brasileira publicou seu primeiro livro, o "Parnaso de Além-Túmulo", monumental obra mediúnica, com poesias de vários poetas, portugueses e brasileiros, sendo elogiada por vários literatos e acadêmicos de letras. A partir daí, Francisco Cândido Xavier iniciou sua brilhante trajetória como o maior médium psicógrafo de todos os tempos, tendo publicado centenas de livros, totalizando cerca de 20 milhões de exemplares, através de várias editoras, cujos direitos autorais foram todos doados, nada cabendo a ele.

Em 1969, transferiu-se para a cidade de Uberaba, Minas Gerais, prosseguindo sempre no seu mister, tendo recebido centenas de homenagens, de poderes públicos, instituições culturais e religiosas.



NOTA: Não podemos nos esquecer que o Espiritismo no Brasil teve seus primórdios marcados pela figura bondosa do Dr. Bezerra de Menezes, o "Médico dos pobres", que ousou corajosamente, em pleno regime monárquico, trazer à luz o esclarecimento da Doutrina Espírita sobre o Evangelho de Jesus. Pela sua importância dentro da História do Espiritismo no Brasil, a Federação Espírita do Estado de São Paulo, através da sua Área de Ensino, houve por bem implantar em todos seus cursos uma aula especial em homenagem a este grande missionário, motivo pelo qual não consta aqui a sua biografia.

Bibliografia:

Grandes Vultos do Espiritismo - Paulo Alves Godoy, Edições FEESP

História do Espiritismo - Arthur Conan Doyle, Editora Pensamento, SP

Personagens do Espiritismo - Antônio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy, Edições FEESP

QUESTIONÁRIO:

**A - O Espiritismo Na Europa:**

- 1 - Qual a contribuição de Gabriel Dellane para a Doutrina Espírita?
- 2 - Quais as obras mais importantes de Léon Denis?
- 3 - Como se caracteriza o conteúdo das obras de Ernesto Bozzano?

**B - O Espiritismo No Brasil:**

- 1 - Qual o conteúdo das obras de Herculano Pires?
- 2 - Por que Cairbar Schutel foi considerado o "Pai dos pobres"?
- 3 - Qual a importância de Francisco Cândido Xavier para a Doutrina Espírita?

## 24ª Aula – HOMENAGEM A SR. BEZERRA DE MENEZES E ALLAN KARDEC

### A) Dr. Bezerra de Menezes

“Lindos Casos do Dr. Bezerra de Menezes”, Ramiro Gama (2.a parte)

Adolpho Bezerra de Menezes, conhecido como o “Médico dos Pobres”, em sua jornada terrena viveu importantes fatos que testemunham ter sido ele um homem de bem. Após sua desencarnação prossegue ainda trabalhando na seara cristã, colaborando sempre que possível e conforme o merecimento de cada criatura, além de auxiliar na difusão da Doutrina espírita e na implantação do Evangelho nos corações humanos.

Seja no mundo físico, seja na Espiritualidade, conforme pode-se acompanhar na obra “Lindos Casos do Dr. Bezerra de Menezes”, de Ramiro Gama, e mesmo em outros trabalhos biográficos, o Dr. Bezerra é um exemplo de vida para todos nós; vale a pena conhecer alguns episódios da vida material e espiritual deste grande benfeitor da Humanidade.

Dr. Bezerra de Menezes possuía, quando no mundo físico e agora na Espiritualidade, flores no coração, isto é, gestos de gentileza e solidariedade, amor sincero pelo seu próximo. Sorrindo, animava; olhando, afagava; abraçando, curava; falando, esclarecia e confortava; orando, produzia milagres. Ele sabia ser solidário, afável, bondoso, humilde, tolerante, abnegado, crente sincero e auxiliar seu irmão na hora necessária. Sabia renunciar às glórias do mundo e ser simples de coração, encontrando Jesus nos irmãos de toda parte. Bezerra de Menezes deixou entre nós o perfume das flores de seu coração generoso, sendo por todos nós lembrado e querido.

Vivia em Niterói, RJ, em 1890, uma pobre viúva, vítima de tenaz obsessão. O obsessor era a própria filha, desencarnada em casa vizinha, pois na hora da morte não quisera ver sua progenitora nem seus pequeninos irmãos. Na Espiritualidade obsidiava a mãe, culpando-a pela prostituição de seu corpo. Vários confrades tinham visitado a pobre irmã obsidiada, sem sucesso, e então foram procurar o Dr. Bezerra de Menezes. O Médico dos Pobres foi a Niterói vê-la e, ao constatar o quadro pungente, exclamou ao obsessor sua impiedade em obsidiar a



própria mãe. O Espírito respondeu que a mãe era a culpada por ter sido ela jogada no vício e desencarnar derrotada. Dr. Bezerra considerou que a mãe não era totalmente culpada, pois ela mesma, por seu livre-arbítrio, poderia ter evitado sua queda, tendo por isso sua parcela de culpa. Perguntou então se alguma vez tinha orado a Maria de Nazaré; a desencarnada respondeu que nunca tinha orado e nunca cogitara disso. Dr. Bezerra pediu licença e orou com grande sentimento, como só ele sabia, na fala do coração, e o obsessor sentiu as palavras sinceras penetrar-lhe o íntimo. Finda a prece sob muita comoção, o Espírito obsessor levanta-se incorporado à vítima, sua mãe, segurando com as mãos trêmulas a cabeça grisalha do bondoso Apóstolo, e beijando-lhe a fronte exclamou que quem orava daquela forma, tinha Deus dentro da alma; em seguida partiu, deixando sua progenitora livre. Mais tarde, no Grupo Ismael, da Federação Espírita Brasileira, este Espírito manifestou-se agradecendo ao Dr. Bezerra e dizendo que ele ensinara sem ferir e fizera-lhe muito bem, pois ouvira sua súplica e agora estava sendo medicada. E, assim, os presentes sentiram um suave bem-estar porque o Espírito, feliz, encontrara o caminho da redenção.

Em junho de 1896, Dr. Bezerra de Menezes acabava de presidir a uma das sessões públicas da Casa de Ismael, no Rio de Janeiro e, ao descer as escadas, deparou-se com um homem de seus 45 anos, com a roupa suja e amarrotada; levou o desconhecido para um canto, para ouvir-lhe as considerações. O homem relatou que estava desempregado, com a mulher e os dois filhos doentes e famintos. Dr. Bezerra, apiedado, verificou nos bolsos que nada tinha, e mesmo seu anel de formatura já tinha sido dado em outra oportunidade. Recomendou fé em Maria de Nazaré, abraçando o desesperado irmão, demoradamente. Sugeriu que fizesse o mesmo em sua casa, com sua família, abraçando-os e mantendo a mesma confiança. Depois de uma semana, o Dr. Bezerra já não se recordava mais do sucedido, e após a sessão de terça-feira, novamente ele descia as escadas da Federação Espírita Brasileira, quando encontrou o mesmo homem que o esperava. Ele disse que vinha agradecer o abraço milagroso da semana anterior, pois no dia seguinte ele estava com febre, mas teve uma inspiração para procurar uma porta, que se abriu e dela saiu alguém que, ouvindo seu problema se condoera, dando-lhe emprego. Estava ali para agradecer a grande dádiva, que tinha valido mais que dinheiro. Ambos ficaram comovidos e oraram juntos pelas bênçãos de Deus.

Numa quarta-feira de maio de 1897, em sessão privada do Grupo Ismael, Dr. Bezerra fez a prece. Dois Espíritos incorporaram revelando seus nomes: o grande naturalista Humboldt, ainda fascinado pela conquista de conhecimentos nos tesouros da fauna e flora, e o culto positivista Benjamin Constant, ideia força da República brasileira. Conversaram longamente com Dr. Bezerra e este falava do amor de Deus, orando a Maria de Nazaré para que desse o que ele não podia dar. O ambiente parecia vestir-se de luz e amor, e os dois Espíritos incorporados choraram; Benjamin Constant exclamava que Deus existia e os abençoava, agradecendo ao Dr. Bezerra o bem que lhes havia feito. Numa tarde, depois de haver vivido o dia inteiro ajudando os sofredores do corpo e da alma, o Dr. Bezerra retornou ao lar, cansado e preocupado com sua filha Evangelina, apelidada Nhanan, a quem atendera e medicara antes de sair, mas que continuava doente. Em casa, bateu à porta uma senhora aflita, e lhe pede desesperada para ir ver a filhinha, que se achava febril e abatida. Dr. Bezerra comove-se com as lágrimas maternas, e pensa também em sua filha doente. Ele estava cansado e com as pernas inchadas, mas não podia desatender a mulher, pensando que sua filha estava sob os cuidados de Jesus. Subiu os morros, chegando à modesta casa, onde medicou a doentinha, dando-lhe passes e medicamentos, deixando-a bem melhor. Ao retomar ao lar, encontrou a esposa e a filha dormindo serenamente, fazendo-o orar agradecido, por ter sido ele instrumento do bem. Este relato vem apenas confirmar seu modo de pensar sobre a medicina, encarando-a como um verdadeiro sacerdócio; para ele, o dever do médico está acima de qualquer coisa para atender ao aflito que lhe bate à porta.

Manuel Quintão, quando tinha vinte e poucos anos, teve a felicidade de receber uma vez o atendimento do Médico dos Pobres, em 1898. Ele possuía enfermidades graves, era cardíaco e candidato à tuberculose, e os médicos não sabiam mais o que fazer. Ele procurou o Dr. Bezerra no consultório e deparou-se com a sala cheia de pessoas muito humildes, que tinham confiança no abnegado trabalhador. Bezerra entrou e foi abraçando um por um, dando a cada qual uma palavra de conforto. Na vez de Manuel Quintão, disse para ele não usar alho na comida, e receitou *Alium Sativum*, além de outros medicamentos homeopáticos. Ele então agradeceu despedindo-se, impressionado com os olhos mansos do velho Apóstolo da medicina; começou a tomar os remédios e melhorou muito, mas nunca mais voltou a encontrá-lo para agradecer o salvador atendimento.

Dr. Bezerra de Menezes não era despreocupado com o dia de amanhã, com a assistência e futuro da família, pois sabia bem distinguir o necessário do supérfluo; aceitava pagamento dos clientes que podiam pagar, mas dava aos pobres o que podia dar. Os filhos eram educados cristãmente, e Jesus morava em seu lar e no seu

coração. Numa manhã, houve apreensão em sua casa, pois o celeiro estava vazio, sem víveres para o jantar. Na véspera, havia restituído a importância das consultas em favor dos mais pobres, porque compreendera que eles não tinham outra alternativa. Disse à esposa que tivesse confiança em Deus e nada lhes faltaria. A tarde, ao voltar à casa, a esposa lhe relatou que havia sido entregue uma carroça de alimentos, pensando que ele os havia comprado. Dr. Bezerra emocionou-se, pois nada havia comprado. Refugiou-se a um canto e orou com sentimento, agradecendo as dádivas da vida.

O Dr. X era amigo sincero de Bezerra de Menezes e por isso penalizava-se por vê-lo envolvido com o Espiritismo e com os seus adeptos ignorantes. Nunca atendia aos convites de assistir a uma sessão, dizendo que tinha aversão ao contato com fantasmas. Ocorreu que seu pai desencarnou, inesperadamente, o que o fez assistir pela primeira vez a uma sessão. Um dos médiuns, sem cultura, dá passividade a um Espírito que havia sido médico e que dialoga com Dr. X, dando notícias de seu progenitor. O Dr. X via em tudo uma coisa preparada, um sermão encomendado. Crendo-se vítima de uma mistificação, saiu zombando. Em casa, contou à esposa e à filha, noiva de 28 anos, o que lhe acontecera. De repente sua filha, que nada conhecia de Espiritismo, caiu em transe, e se manifesta o mesmo médico da sessão a que estivera presente, repetindo os conceitos que comentara, num vocabulário muito além da capacidade de sua filha. O Dr. X ouviu emocionado aquela evidência da imortalidade, pairando uma suave atmosfera no lar. No dia seguinte, o médico procurou o Dr. Bezerra e beijou-lhe as mãos, pedindo perdão de sua atitude brusca e descrente, tomando-se um espírita atuante e estudioso.

Certa vez, ao voltar Dr. Bezerra para casa, já bastante debilitado por uma doença constrangedora, encontrou muitos irmãos que o esperavam para receber atendimento e consolo. Porém, sentindo que se aproximava a hora de sua partida, orou emocionado a Maria de Nazaré, em favor dos que ali estavam:

“Maria de Nazaré, advogada de nossas súplicas junto ao Divino Mestre e a Deus todo Poderoso, eu Te peço não que deixe de sofrer, mas para que meu pobre espírito aproveite bem todo o sofrimento e, por fim, Mãe querida, eu Te peço pelos meus irmãos que ficam, por esses pobres amigos, doentes do corpo e da alma, que aqui vieram buscar no teu humilde servo uma migalha de conforto e de amor (...).”

Logo após desencarnou o “Médico dos Pobres”, apagando-se no mundo material uma grande luz e acendendo-se na Espiritualidade mais um foco de intensa e benfazeja claridade.

Bibliografia: Lindos Casos de Dr. Bezerra de Menezes (Casos 30 a 60)

## **B) Allan Kardec — “O Céu e o Inferno”**

Dizei àquele que sabe que vai morrer que ele viverá ainda, que sua hora será retardada, dizei-lhe, sobretudo, que será mais feliz do que nunca fora, e seu coração vai palpitar de alegria (O Céu e o Inferno, 1.a Parte, Cap. I, item 1).

Em “O Céu e o Inferno”, publicado em 1865, Allan Kardec faz um estudo comparativo entre a Doutrina Espírita e algumas religiões, no que diz respeito à passagem da vida corporal para a vida espiritual. Compreende esta obra duas partes distintas, a saber: na primeira, Allan Kardec submete à razão questões transcendentais que sempre levaram

O homem a profundos questionamentos, como o temor da morte, céu e inferno, anjos e demônios e demais temas pertinentes.

Numa segunda parte, o Codificador reuniu numerosos exemplos, através de comunicações mediúnicas obtidas em várias circunstâncias e de diferentes ordens de Espíritos, com relatos surpreendentes sobre a situação real da alma durante e após a morte. Evidentemente, tem-se aqui apenas o esboço deste trabalho que compõe o todo da Codificação Espírita; seu estudo pormenorizado permitirá desmistificar o simbolismo bíblico acerca dos supostos lugares, após a morte, de venturas ou sofrimentos.

Allan Kardec enfoca o temor da morte, como decorrente do instinto de conservação, e também como efeito da própria sabedoria da Providência Divina, pois se cada um soubesse o dia da partida, não viveria o presente. Este temor decresce à proporção que a certeza na vida futura aumenta, e desaparece quando ela é completa. As arcaicas noções religiosas acerca do céu, a parte que estaria “em cima” do planeta, o destino dos Espíritos justos em estado de beatitude eterna, ou do inferno, como lugar criado por Deus para os Espíritos culpados, e que ficaria “embaixo”, e finalmente o purgatório, que seria o lugar temporário reservado para faltas de gravidade menor, todas estas noções estão ultrapassadas.

A ciência veio demonstrar a órbita planetária, não havendo “em cima” ou “embaixo”, e que a Terra é um dos menores astros que rolam na imensidade. O Espiritismo diz o que ensinou Jesus, que a cada um será dado conforme suas obras e, por isso, após a morte, os Espíritos estarão numa condição compatível com seu grau e estado espiritual, não havendo lugares criados e determinados. As doutrinas de penas eternas são a negação da justiça e misericórdia divinas, ao passo que o progresso é uma lei da vida. Se um bom pai perdoadas as faltas de seu filho, aplicando-lhe o necessário corretivo, quanto mais nosso Pai maior, a perfeição absoluta. Allan Kardec esclarece que não procede a velha afirmação de que “a carne é fraca”. Em verdade, o “Espírito que é fraco”, pois ele é o ser pensante e o agente causador dos atos, sendo o corpo um simples veículo. Como resumo do tema das penas dos Espíritos no além-túmulo, o Codificador destacou o seguinte:

A alma sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições que não conseguiu corrigir na vida corporal; a felicidade prende-se à completa purificação do Espírito;

- não há uma única imperfeição da alma que não importe inevitáveis consequências;
- em virtude da Lei do Progresso, cada um terá sempre a oportunidade de adquirir o bem que lhe falta, assim como a se despojar do que tem de mal; dependendo o sofrimento da imperfeição, como o gozo da perfeição, a alma traz consigo o próprio castigo ou prêmio;
- toda falta cometida é uma dívida que será resgatada, e se não o for numa existência, o será em outra;
- a duração dos efeitos negativos dos atos de cada um depende da melhoria do Espírito culpado;
- uma condição inerente à inferioridade dos Espíritos é imaginarem que seu sofrimento é eterno, não vislumbrando o término de sua provação;
- o arrependimento, por si só, é insuficiente, pois é necessária a reparação da falta;
- a responsabilidade das faltas é pessoal, e ninguém sofre por erros alheios;
- o único meio de evitar ou atenuar as consequências futuras de uma falta está no tentar repará-la. Enfim, céu e inferno seriam estados de alma, a depender do que cada um tem dentro de si.

### **Anjos e Demônios**

Para algumas religiões tradicionais, anjos, querubins, demônios, diabo, satanás etc., são intermediários entre Deus e os homens. Os anjos seriam seres puramente espirituais, anteriores e superiores à Humanidade, criaturas privilegiadas e votadas à felicidade suprema e eterna desde a sua formação, dotadas de todas as virtudes e conhecimentos, nada tendo feito para adquiri-los. Esta ideia, que se opõe à evolução espiritual, condenaria a alma da criança, do selvagem, do idiota ou do ignorante a permanecerem tal qual eram no momento da morte, além de condená-los à nulidade por todo o sempre.

Para o Espiritismo, o progresso de tudo é incessante, e todos os Espíritos são criados simples e ignorantes, sem conhecimento do bem e do mal, e através das várias encarnações chega-se à perfeição relativa, conquistada através do livre-arbítrio, e na razão direta dos esforços. A noção de demônio também tem sua origem na antiguidade, originária no duplo princípio do bem e do mal. As religiões se dividem em considerá-los criados desde toda a eternidade, como Deus, ou como tendo se originado posteriormente, através de uma revolta de anjos. Em qualquer dos casos, afrontaria totalmente a ideia de um Deus único, sábio e soberanamente justo e bom, pois se o demônio existisse desde sempre, Deus deixaria de ser único, pois haveria um deus do mal, e se os anjos tivessem se rebelado, não teriam sido criados perfeitos, pois então não poderiam falir.

Anjos e demônios são considerados, no Espiritismo, os Espíritos superiores e inferiores, as almas dos homens que viveram na Terra, num estado transitório rumo à perfeição.

## **Manifestações Espirituais**

Sobre as proibições bíblicas de Moisés de consultar os “mortos”, contidas em Levítico 19:31, ou Deuteronômio 18:10-11, Allan Kardec considera que o legislador hebreu queria que seu povo abandonasse todos os costumes adquiridos no Egito e nos povos vizinhos, onde as evocações estavam em uso, mas não tinham origem em sentimentos de respeito ou afeição; visavam unicamente aos benefícios materiais, facilitando o charlatanismo. Allan Kardec lembra que se houve proibição de consultar os “mortos”, é porque isso era possível, pois não se iria proibir algo irrealizável.

Muitos explicam as manifestações espirituais como obra do demônio, exagerando de tal modo o seu poder, que até fizeram esquecer Deus. Ou então, acreditam que estes seres malévolos dissimulam a sua atuação, seduzindo as criaturas à opressão e servilismo através de meios que produzem a admiração. Seria o caso de perguntar por que Deus permitiria que somente os Espíritos inferiores se manifestassem, impedindo que os bons também o fizessem? Vendo-se a cada dia o grande número de beneficiados, e tantas pessoas viciosas se regenerarem por influência destas manifestações, dir-se-ia que o demônio tem exercido tão benéfica propaganda e salutares resultados, que poder-se-ia mesmo dizer que ele tem errado sua tática.

## **II - Parte - Provas de Sobrevivência da Alma**

Na segunda parte do livro, Allan Kardec assim resume o desprendimento corporal no instante da morte: — Tanto maior é o sofrimento, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito; a presteza deste desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual um sono breve, isento de agonia, mas para quem está muito preso e apegado à vida material, este desligamento é mais difícil, podendo demorar horas ou anos. Que cada um trabalhe na sua purificação, reprimindo as más tendências e dominando as más paixões, precisando que abdique das vantagens imediatas em prol do futuro.

Certamente não é só o Espiritismo que nos assegura estes resultados, nem pretende ser o meio exclusivo, mas sem dúvida, pelos conhecimentos que fornece e sentimentos que inspira, fazendo-nos compreender a necessidade de melhorarmos-nos, é um dos meios que muito facilita este progresso.

A perturbação que a alma experimenta nestes momentos, paralisando-lhe temporariamente as faculdades e neutralizando-lhe as sensações, que pode variar também de algumas horas a alguns anos, depende do grau de desprendimento. O Codificador inseriu comunicações de seres espirituais que estavam felizes, em condições medianas, infelizes, suicidas, criminosos arrependidos e endurecidos, por fim incluindo casos de expiações terrestres, sempre esclarecendo como cada um viveu na Terra, como foi o desprendimento na hora da morte e como eles estavam então. Trata-se de um verdadeiro perfil da Espiritualidade, onde podemos perfeitamente nos enquadrar, tendo ideia do que ocorrerá conosco na hora da nossa partida:

— O Sr. Sanson, por exemplo, um Espírito feliz, foi evocado a seu pedido uma hora antes de ser enterrado o seu corpo, ainda na câmara mortuária, e ele pôde informar que recobrou a lucidez cerca de oito horas após sua morte, dizendo-se numa situação ditosa pois estava renovado, nada mais sentindo das antigas dores de que foi vítima;

— A senhora Hélène Michel, de 25 anos, era um Espírito em condição mediana, que havia falecido subitamente no lar, sem causa conhecida. Rica e um tanto frívola, seu caráter a predispunha mais para as futilidades da vida do que para as coisas sérias. Inobstante, possuía um coração bondoso e era dócil. Evocada três dias após sua morte, disse que estava em perturbação, não compreendendo porque estava ali e não em sua casa. Alguns dias depois, evocada novamente, disse estar melhor, estava reconhecida à bondade de Deus e, apesar de ainda ser infeliz, tinha confiança na sua melhora;

— Um boêmio, Espírito sofredor, falou da necessidade de reparar o tempo perdido. Pedia orações, pois havia abusado dos favores que Deus concede às criaturas;

— Um ateu, suicida, disse que sofria muito, que era um réprobo, que havia se matado pelo grande tédio de uma vida sem esperança, e que naquele momento era mais infeliz, pois a morte não era o fim, como ele antes pensava;

— Lemaire, criminoso condenado à pena de morte, evocado um mês depois, disse que estava ainda em perturbação, e que tinha visto sua cabeça rolar no cadafalso, sentindo naquele momento uma grande vergonha, um remorso pungente cuja causa ignorava;

— Xumène, Espírito endurecido, se disse muito infeliz, sofrendo tormentos do “inferno”, compreendendo-se que aqui o sentido desta palavra foi psicológico, traduzindo seu estado interior. Tinha sido muito egoísta e pedia preces impacientemente.

Enfim, esta obra relata mais de sessenta comunicações de Espíritos que dão seu testemunho da imortalidade e das Leis Divinas, servindo como referência para nosso conhecimento da vida espiritual, e um alerta para nossa vida carnal.

Bibliografia: O Céu e o Inferno, ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo

## QUESTIONÁRIO

### **a) Lindos Casos de Dr. Bezerra de Menezes:**

- 1) No caso aqui relatado do Espírito obsessor da mãe viúva, como o Dr. Bezerra conseguiu apaziguá-lo?
- 2) Comente o caso do Dr. Bezerra de Menezes que mais emocionou você.
- 3) Como entender a capacidade de cura do Dr. Bezerra, que se ressalta desses casos?

### **b) Allan Kardec - O Céu e o Inferno:**

- 1) De acordo com "O Céu e o Inferno", como se explica a existência de anjos e demônios?
- 2) Descreva, em linhas gerais, as provas de sobrevivência da alma.
- 3) Comente uma das comunicações espirituais relatadas nesta lição.